
COLEÇÃO
ARCO DO TEMPO
ROCCO
DEEPAK
CHOPRA
O CAMINHO
DO
MAGO
Vinte lições espirituais
para você criar a vida
que deseja

COLEÇÃO ARCO DO TEMPO Consultoria de Alzira M. Cohen

MEDITAÇÃO - *Pam e Gordon Smith*
VOLTA AO LAR - *John Bradshaw*
A CRIAÇÃO DO AMOR - *John Bradshaw*
QUÍRON E A JORNADA EM BUSCA DA CURA - *Melanie Reinhart*
PAZ A CADA PASSO - *Thich Nhat Hanh*
VIVENDO BUDA, VIVENDO CRISTO - *Thich Nhat Hanh*
O NOVO DESPERTAR DA DEUSA - *Org. Shirley Nicholson, vários autores*
AS PLANTAS E SUA MAGIA -*Jacques Brosse '*
ANJOS E EXTRATERRESTRES - *Keith Thompson*
A MENTE HOLOTRÓPICA - *Stanislav Grof*
MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS - *Clarissa Pinkola Estes*
AS CARTAS DO CAMINHO SAGRADO - *Jamie Sarns*
PLANETAS DE SOMBRA E DE LUZ - *Irene Andrieu*
JOGOS EXTREMOS DO ESPÍRITO - *Mimiz Sodré*
MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE - *Leonardo Boffe Frei Betlo*
CORPO SEM IDADE, MENTE SEM FRONTEIRAS - *Deepak Chopra*
O CAMINHO DO MAGO - *Deepak Chopra*
DIGESTÃO PERFEITA - *Deepak Chopra*
ENERGIA ILIMITADA - *Deepak Chopra*
DOMINANDO O VÍCIO - *Deepak Chopra*
SONO TRANQUILO - *Deepak Chopra*
PESO PERFEITO - *Deepak Chopra*
AS VIDAS DE CHICO XAVIER - *Mareei Souto Maior*
O LIVRO DO PERDÃO - *Robin Casarjian*
MENSAGEM DO OUTRO LADO DO MUNDO - *Marlo Morgan*
UM MUNDO ESPERANDO PARA NASCER - *M. Scott Peck*
O VALOR DA MULHER - *Marianne Williamson*
A CURA E A MENTE - *BUI Moyers*
RUMO AO PONTO ÔMEGA - *Kenneth Ring*
CURA ESPONTÂNEA -*Andrew Weil*
SAÚDE IDEAL EM 8 SEMANAS - *Andrew Weil*
DONS DA GRAÇA - *Lone Jensen*
SEDE DE PLENITUDE - *Christina Grof*
PORTAIS SECRETOS - *Nilton Bonder*
REIKJ - *Brigitte Miiller & Horst H. Gimther*
MILAGRES DO DIA A DIA - *David Spangler*
A SABEDORIA DO PAPA - *Matthew E. Bunson (compilação)*
CESTAS SAGRADAS - *Phil Jackson & Hugh Delehanty*
ESPERANÇA DIANTE DA MORTE - *Christine Longaker*
A SABEDORIA DO CORPO - *Sherwin B. Nuland*

O ESPÍRITO DE TONY DE MELLO - *John Callanan. S.J.*
SEU SEXTO SENTIDO - *Bellerulh Naparstek*
FENG SHUI - *Maria Margarida Baldanzi*
REFUGIO PARA O ESPÍRITO - / *ictoria Moran*

D E E P A K C H O P R A

0 CAMINHO

DO

MAGO

Vinte lições espirituais
para você criar a vida
que deseja

Tradução de CLÁUDIA GERPE DUARTE

Rocco
Rio de Janeiro- 1999

Titulo original
THE WAY OF THE WIZARD
Twenty spiritual lessons for
creating the life you want

Copyright © 1995 *by* Deepak Chopra, M.D.

Esta tradução foi publicada com a autorização da Harmony Books, a division of Crown Publishers, Inc., New York

Direitos mundiais para a língua portuguesa
reservados com exclusividade à
EDITORA ROCCO LTDA. Rua Rodrigo Silva,
26 — 5- andar 20011-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 507-2000 - Fax: 507-2244

Prínted in /íraz/7/Impresso no Brasil

preparação de originais ELISABETH
LISSOVSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M47 Chopra, Deepak
6c
O caminho do mago : vinte
criar a vida que deseja / Deepak
Cláudia Gerpe Duarte. — Rio de
(Arco do Tempo)
Consultoria da coleção:
Tradução de: The way of the
lessons for creating the life you
1. Vida espiritual. 2.
Título.
CDD - 242
96- CDU - 242
0999

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu amor e minha gratidão às seguintes pessoas:

Em primeiro lugar a meu velho amigo, guia e editor, Peter Guzzardi. Peter, você é o máximo!

E a minha família na Harmony Books, Shaye Areheart, Patty Eddy, Tina Constable, Leslie Meredith, Chip Gibson e Michelle Sidrane.

Rita Chopra, Mallika Chopra e Gautama Chopra por serem a expressão viva dos princípios deste livro.

A todos os meus amigos na Corte de Milagres (Infinite Possibilities International), Ray Chambers, Gayle Rose, Adrianna Nienow, David Simon, George Harrison, Olívia Harrison,Naomi Judd, Demi Moore, Alice Walton, Donna Karan, Irmã Judian Breitenbach, Lewis Katz, Olivia Newton-John e BilIElkus por sua coragem e envolvimento com uma visão que está além de todas as limitações.

Roger Gabriel, Brent Becvar, Rose Bueno-Murphy e a toda minha equipe no Sharp Center for Mind-Body Medicine por servirem de inspiração a todos os nossos hóspedes e pacientes.

Deepak Singh, Geeta Singh e a toda minha equipe na Quantum Publications por sua infatigável energia e dedicação.

Muriel Nellis por sua intenção inflexível de manter o mais elevado nível de integridade em todos os nossos empreendimentos.

Richard Perl por ser um exemplo tão magnífico de recomendação pessoal.

Arielle Ford por sua fé inabalável no autoconhecimento, seu entusiasmo contagiante e seu compromisso de transformar a vida de um número tão grande de pessoas.

E Janet Stein, Linda Grey, Lynda Guber, Suzanne Todd e Charles Weingarten por sua calorosa amizade.

P R I M E I R A P A R T E

PENETRANDO O

MUNDO DO MAGO

As pessoas querem saber por que motivo eu, que nasci na índia, tenho tanto interesse por magos. Eis a minha resposta: na índia ainda acreditamos na existência de magos. O que é um mago? Não é alguém que simplesmente pode fazer mágicas, mas alguém capaz de causar transformações.

Um mago pode transformar o medo em alegria, a frustração em realização.

Um mago pode transformar o temporal no intemporal.

O mago pode levá-lo além das limitações em direção ao ilimitado.

Durante minha infância na índia, eu sabia que tudo isso era verdade. Às vezes homens velhos vestindo trajes brancos e sandálias vinham até nossa casa, e até mesmo para um menino de olhar arregalado eles pareciam criaturas muito especiais. Sua paz era completa; eles emanavam amor e alegria; os altos e baixos agitados da vida cotidiana não pareciam afetá-los. Nós os chamávamos de gurus ou conselheiros espirituais. Mas levei muito tempo para perceber que os gurus e os magos são a mesma coisa. Toda sociedade tem seus mestres, videntes e curadores; *guru* era apenas a palavra que usávamos para designar aqueles que possuíam sabedoria espiritual.

No ocidente, o mago é basicamente considerado um mágico que pratica a alquimia, transformando metais não preciosos em ouro. A alquimia também existe na índia (na verdade, ela foi

inventada lá), mas a palavra *alquimia é* na realidade um código. Ela é um símbolo para a transformação dos seres humanos em ouro, para a transformação das nossas qualidades inferiores de medo, ignorância, ódio e vergonha naquilo que existe de mais precioso: amor e realização. Portanto, um mestre que consiga ensinar-lhe como se transformar numa pessoa livre e amorosa é, por definição, um alquimista — e sempre o foi.

Ao ingressar na escola secundária em Nova Deli, eu já sabia muitas coisas a respeito do mais famoso mago da tradição ocidental, Merlim. Como todo mundo, eu me apaixonei imediatamente por ele. Logo todo o mundo dele se abriu. Ainda sei de cor dezenas de estrofes do poema épico de Tennyson, *Idylls of the King,* que nos faziam decorar naquela época nos longos e quentes dias de aula. Devorei todas as outras fontes de literatura arturiana a que consegui ter acesso. Não me parecia estranho saber tudo a respeito do suave e pálido Camelot embora eu vivesse debaixo de um ardente sol tropical, que eu quisesse cavalgar como Lancelot, embora eu certamente tivesse sufocado na armadura, ou que a gruta de cristal de Merlim realmente existisse, embora todos os autores garantissem que os magos eram figuras míticas.

Eu sabia que essa afirmação não era verdadeira, porque eu era um menino indiano e havia estado com eles.

POR QUE PRECISAMOS DOS MAGOS

Venho pensando há trinta anos sobre o conhecimento do mago. Viajei para Glastonbury e para o West Country, escalei o Tor e vi a montanha onde Artur e seus cavaleiros estão supostamente adormecidos. Mas algo mais místico, a necessidade de transformação, continua a me puxar de volta para a magia. Em cada ano eu sentia que nossa época precisa mais do que nunca desse conhecimento. Agora que sou adulto, passo minhas horas de trabalho falando e escrevendo a respeito de como podemos alcançar uma completa liberdade e realização. Só percebi recentemente que na verdade estou falando sobre alquimia.

Cheguei finalmente à conclusão de que uma maneira estimulante de abordar esse tópico seria através de um dos relacionamentos mais extraordinários já registrados, ou seja, aquele entre Merlim e o menino Artur na gruta de cristal. Neste livro, a gruta de cristal é um lugar privilegiado dentro do coração humano. É o refúgio de segurança onde uma voz sábia não conhece o medo, onde o turbilhão do mundo exterior não consegue penetrar. Sempre existiu e sempre existirá um mago na gruta de cristal — tudo que você tem a fazer é entrar e escutar.

As pessoas de hoje vivem no mundo do mago tanto quanto as antigas gerações. Joseph Campbell, o grande mestre da mitologia, afirmou que qualquer pessoa que esteja numa esquina esperando o sinal abrir está esperando para ingressar no mundo de feitos heróicos e ações míticas. Nós simplesmente não percebemos a oportunidade que se nos apresenta. Atravessamos a rua sem perceber a espada cravada na pedra sobre o meio-fio.

A jornada em direção ao milagroso principia aqui. O melhor momento para começar é agora. O caminho do mago não existe no tempo — ele está simultaneamente em todos os lugares e em lugar nenhum. Ele pertence a todos e a ninguém. Portanto, este é um livro que o ensina a recuperar o que já é seu. Como diz a primeira frase da primeira lição:

Existe um mago dentro de cada um de nós. Esse mago tudo vê e tudo sabe.

Esta é a única frase do livro que você terá que aceitar como um axioma. Assim que você descobrir o mago interior, o ensinamento prosseguirá por si mesmo. Durante muitos anos esse tipo de aprendizado espontâneo tem sido o centro da minha vida cotidiana, no qual eu observo e espero o que o guia interior tem a dizer. Nenhum outro tipo de aprendizado é tão fascinante. Já ouvi Merlim falar num riso que escutei por acaso no aeroporto, nas árvores sussurrantes durante um passeio pela praia, até mesmo na minha televisão. Uma estação rodoviária pode se transformar na gruta de cristal se você estiver receptivo.

Por que precisamos do caminho do mago? Precisamos dele para poder abandonar o trivial e o monótono e avançar em

direção ao tipo de significado que temos a tendência de relegar ao mito mas que, na verdade, está bem ao nosso alcance, aqui e agora. Estar vivo significa conquistar o direito de dizer tudo que quisermos, ser quem quisermos e fazer o que quisermos. Camelot foi um símbolo desse tipo de liberdade. É por isso que o contemplamos com tanta avidez e admiração. A vida tem sido difícil a partir de então.

Um discípulo procurou certa vez um grande mestre e perguntou: "Por que me sinto tão contido por dentro, como se eu quisesse gritar?" O mestre olhou para ele e respondeu: "Porque todo mundo se sente assim."

Todos queremos expandir nosso amor e nossa criatividade, explorar nossa natureza espiritual, mas com frequência não alcançamos nosso objetivo. Nós nos trancamos em nossas prisões particulares. Algumas pessoas, contudo, conseguiram se libertar dos confins que tornam a vida tão limitada. Ouçamos o poeta persa Rumi, que diz: "Você é o espírito incondicionado preso nas condições, como o sol num eclipse."

Essa é a voz de um mago, que não aceita que os seres humanos estejam limitados no tempo e no espaço. Estamos apenas temporariamente num eclipse. O objetivo de aprendermos com um mago é encontrar o mago interior. Ao encontrar o guia interior, você encontra a si mesmo. O eu é o sol que brilha eternamente, mas que pode estar passando por um eclipse; tão logo desaparecem as sombras, o sol simplesmente volta a resplandecer em toda a sua glória.

COMO APRENDER COM O MAGO

Este livro contém vinte lições, cada uma narrada a partir do ponto de vista do mago. No início de cada uma você vai encontrar alguns aforismos, fragmentos penetrantes da sabedoria do mago que se destinam a ajudá-lo a transcender a realidade ordinária. Leia cada um deles e deixe que ele cale em seu espírito. Não fique esperando um resultado, permita-se apenas passar pela experiência. Você não precisa trabalhar nem se

esforçar. Esforçar-se é como debater-se para sair da areia movediça — só faz com que você afunde mais ainda.

O mago interior deseja falar, e isso é verdade para todos nós. Mas o mago precisa de uma chance, de uma abertura. A semelhança dos *koans* Zen, os aforismos fornecem essa abertura por provocarem uma mudança na percepção, capaz de produzir uma mudança na realidade pessoal.

A voz do mago precisa ser trazida de volta para a vida cotidiana. Já citei a primeira sentença da primeira lição: *Existe um mago dentro de cada um de nós. Esse mago tudo vê e tudo sabe.* Eis o restante da lição:

> *O mago está além dos opostos da luz e das trevas, do bem e do mal, do prazer e da dor.*
>
> *Tudo que o mago vê tem suas raízes no mundo invisível.*
>
> *A natureza reflete o estado de alma do mago.*
>
> *O corpo e a mente podem adormecer, mas o mago está sempre desperto.*
>
> *O mago possui o segredo da imortalidade*

Se essas palavras o fazem vibrar levemente, lhe dão um arrepio de reconhecimento, elas cumpriram seu propósito. É de fato emocionante descobrir que não somos seres limitados e sim filhos do milagroso. Essa é a verdade, o fato único e profundo a respeito de cada um de nós que tem estado encoberto por um tempo excessivamente longo.

Reuni cerca de cem desses provérbios, que são ilustrados por histórias do mundo de Merlim e Artur. Não são fragmentos das antigas lendas e sim parábolas que inseri naquela época. Às vezes a história ilustrativa não parece se encaixar exatamente, ou com perfeita lógica, nos aforismos. Isso fói feito deliberadamente, porque a mente linear, que tem a necessidade de criar a ordem, não é a única parte do seu ser que vai percorrer o caminho do mago. Você vai percorrê-lo na imaginação, na esperança, na criatividade e no amor.

Em resumo, o caminho do mago é o caminho do espírito. Mas ele não é espiritualmente oposto à racionalidade; ele é a estrutura mais ampla na qual a razão se encaixa, uma peça entre muitas. Para dirigir-me à mente linear, incluí uma seção chamada "Compreendendo a Lição", que serve de base aos aforismos e às histórias. Cada lição se encerra com a seção "Vivendo com a Lição", na qual eu o ajudo a deixar que a sabedoria do mago embrenhe-se na sua experiência pessoal.

"Vivendo com a Lição" é a parte ativa do caminho do mago. Minhas sugestões são simplesmente um início, uma maneira de desencadear sua participação. Em última análise, o que vai modificar sua realidade é o seu entendimento. "Vivendo com a Lição" contém alguns exercícios que podem parecer passivos porque quase todos são experiências de pensamento.

O que é uma experiência de pensamento? É uma forma de conduzir sua mente a novos lugares, de fazer com que ela veja as coisas de uma maneira diferente. Os magos tinham consciência de algo profundo e importante — se você quiser mudar o mundo, mude sua atitude diante dele. Einstein certa vez deitou-se num sofá, fechou os olhos e viu um homem viajando à velocidade da luz. Aprofundando essa imagem intrigante, ele começou a realizar várias experiências de pensamento, aparentemente meras especulações sem sentido. Após alguns anos, contudo, a atitude do mundo científico iria se transformar quando a própria natureza confirmou as visões transcendentes de Einstein.

Se uma fantasia no sofá é capaz de alterar o mundo, é porque as experiências de pensamento devem encerrar dentro de si um tremendo poder. Nada é verdadeiramente aprendido enquanto não é vivido. A razão, a experiência, o espírito — quando estes se reúnem, o caminho do mago está aberto, o terreno para a alquimia está preparado. A sabedoria em seu interior é como uma centelha que, uma vez acesa, nunca pode se extinguir.

Para consolidar tudo isso, sugiro a seguinte abordagem:

1. Sente-se tranquilamente por um momento antes de ler qualquer lição.
2. Leia os aforismos e depois sente-se durante alguns minutos para absorvê-los. Releia-os sempre que desejar. Dê a

si mesmo a oportunidade de sentir suas reações e *insights* — estes são com frequência as coisas mais valiosas que você pode receber.

3. Prossiga e leia o resto do conteúdo da lição: a história de Merlim e Artur, a seção chamada "Compreendendo a Lição", e a seção chamada "Vivendo com a Lição".

4. Se "Vivendo com a Lição" contiver um exercício prático — a maioria contém — dê um tempo a si mesmo para fazer o exercício. É proveitoso repeti-lo várias vezes durante o dia se você quiser alcançar a experiência completa.

Releia cada lição quantas vezes quiser; viva com ela durante um dia ou uma semana. Não existe um tempo programado para esse processo. Quero apenas advertir que você deve viver com cada lição pelo menos durante um dia, em vez de se apressar para absorver coisas demais de uma só vez.

AS SETE ETAPAS DA ALQUIMIA

A Terceira Parte deste livro lida com os estágios de transformação através dos quais o mago guia seu discípulo. Eu os chamo de as sete etapas da alquimia, que têm início no nascimento e conduzem, no final, à total transformação. O objetivo da alquimia é transformar as coisas em ouro, a substância perfeita e incorruptível. Sob o aspecto humano, o ouro é um símbolo do espírito puro. Se uma pessoa transcende todas as limitações, abandona todos os receios, e traz à tona o puro espírito interior, ela terá passado pelas sete etapas da alquimia.

Não existe jornada mais extraordinária. Na época arturiana ela teria sido chamada de aventura de busca, e o objeto supremo dessa busca era sempre o Santo Graal, o mais poderoso símbolo que temos para o espírito puro. Desse modo, para mim, a alquimia e o Graal são a mesma coisa. Em ambos os casos ocorre uma profunda busca do aspecto intemporal da vida que traz consigo o que todos sonham — o puro amor, a pura alegria e a pura realização no espírito.

Não importa que você leia primeiro a Segunda ou a Terceira Parte. Cada parte possui sua abordagem e estilo próprios, mas ambas provêm do mundo do mago. Merlim vive em ambas, e seu propósito é sempre o mesmo — ensinar a cada um de nós como alcançar a perfeição da qual a carne deveria ser herdeira.

Finalmente, este livro descreve uma aventura de busca que o levará de uma vida dominada pelo ego e suas lutas para uma nova vida dominada por milagres. Não existem duas pessoas que aprendam no mesmo ritmo, mas a sede de milagres é tão forte em todo mundo que eu gostaria de poder estar com você no dia em que esse conhecimento do mago realmente começar a despertar, e, com ele, sua nova vida. Nada menos do que o pleno desabrochar do seu potencial espiritual o aguarda.

Nota: Por ser um vidente, o mago não tem sexo, e é somente a inépcia da língua inglesa que faz de Merlim um "ele" (como acontece em outros idiomas com as palavras *Deus, profeta, vidente* e muitas outras palavras que estão bem além do masculino e do feminino). *Maga* é uma palavra deselegante, de modo que peço que você compreenda que *mago* diz respeito tanto às mulheres quanto aos homens. Aliás, o retorno do aspecto mágico tem sido acolhido mais rapidamente na nossa sociedade pelas mulheres do que pelos homens.

S E G U N D A P A R T E

O CAMINHO DO MAGO

— Existe um ensinamento — disse Merlim — chamado o caminho do mago. Você já ouviu falar nele?

O menino Artur parou de acender o fogo, o que ele não estava conseguindo fazer muito bem, e ergueu os olhos. Raramente era fácil acender o fogo nas manhãs úmidas do West Country.

—Não, nunca ouvi falar nisso — respondeu Artur após pensar por um momento. — Magos? Você quer dizer que eles fazem as coisas de uma maneira diferente?

—Não, exatamente da mesma maneira que nós — retrucou Merlim. Com um estalar de dedos ele acendeu a pilha de gravetos encharcados que Artur havia juntado, tendo ficado impaciente com as tentativas desajeitadas do menino de fazê-lo. Uma chama surgiu imediatamente. Merlim abriu então as mãos e produziu do nada alguns alimentos — duas batatas e um punhado de cogumelos silvestres.

—Ponha estas batatas e cogumelos nos espetos e asse-os, por favor — disse ele.

Artur fez que sim, naturalmente, com a cabeça. Ele tinha cerca de dez anos. Merlim era a única pessoa que conhecia. Até onde conseguia se lembrar, eles tinham estado juntos. Ele certamente havia tido uma mãe, mas o rosto dela não havia se fixado nem mesmo vagamente na sua memória.

O velho com a barba leve e delicada havia reclamado seu direito ao rebento real poucas horas depois de seu nascimento.

—Sou o último guardião do caminho do mago — disse Merlim. — E talvez você vá ser o último a aprendê-lo.

Ao colocar os espetos no fogo, Artur olhou por cima do ombro. Agora ele estava intrigado. Merlim era um mago? Isso nunca lhe ocorrera. Os dois moravam sozinhos na floresta e na gruta de cristal. O brilho da gruta lhes fornecia luz. Artur aprendera a nadar transformando-se num peixe. Quando queria comida, esta aparecia, ou Merlim lhe dava alguma. As coisas não eram assim com todo mundo?

— Você estará indo embora em breve — prosseguiu Merlim. — Tome cuidado para não deixar cair aquela batata sobre as cinzas.

E claro que isso já tinha acontecido. Como Merlim vivia às avessas no tempo, seus avisos inevitavelmente chegavam tarde demais, depois que algum pequeno desastre já tinha acontecido. Artur tirou a fuligem da batata e a recolocou no espeto, feito de tília ainda verde.

—Não tem importância — disse Merlim. — Essa pode ficar para você.

—O que você quer dizer com ir embora? — perguntou Artur. Ele só fora ao vilarejo mais próximo em raras ocasiões, quando Merlim queria ir ao mercado, e o mago tomara o cuidado de disfarçar a ambos com pesados mantos e capuzes. Entretanto, o menino observara atentamente as coisas, e o que ele vira nas outras pessoas o perturbara.

Merlim olhou de soslaio para o discípulo, de um jeito peculiar.

— Vou enviá-lo para o pântano, ou para o mundo, como dizem os mortais. Eu o mantive fora do pântano todos esses anos, ensinando-lhe algo que você não deve esquecer.

Merlim fez uma pausa para causar impressão, e disse:

— O caminho do mago.

Depois que ele pronunciou essas palavras, nenhum dos dois disse mais nada, como costumam fazer os velhos companheiros. Eles quase respiravam o mesmo alento, o velho e o menino, de modo que Merlim deve ter sentido a agitação que percorria a mente de Artur, como uma pantera enjaulada.

Eles comeram a refeição, e o menino foi se lavar na pequena lagoa azul que ficava um pouco abaixo da gruta, descendo a encosta. Quando voltou, Merlim estava tomando banho de sol

recostado em sua pedra favorita *(tomando banho de sol,* neste caso, é uma expressão relativa — as nuvens haviam se afastado um pouco para permitir que um único raio de sol atravessasse as árvores e pousasse sobre o cabelo branco do mago). As primeiras palavras que saíram da boca do menino foram:

—O que vai acontecer com você?

—Comigo? Não seja tão vaidoso. Passarei muito bem sem sua ajuda, obrigado.

No instante em que Merlim deu essa resposta breve e seca, ele percebeu que magoara o menino. Mas os magos são pouco inclinados a se desculpar. Um longo e belo arco feito de freixo branco apareceu no chão ao lado de Artur, que o apanhou avidamente e começou a retesá-lo. No código particular deles, o menino sabia que essa era a maneira do velho se desculpar.

—Não estou preocupado comigo — prosseguiu Merlim — e sim com a perda do conhecimento. Como eu disse, você talvez seja o último a aprender o caminho do mago.

—Então vou fazer todo o possível para que ele não se perca — prometeu Artur.

Merlim aprovou inclinando a cabeça. Durante muitos dias, ele não mencionou mais o caminho do mago. Certa manhã de junho, contudo, Artur acordou e encontrou sua cama de ramos de pinheiro coberta de neve. Ele tremia de frio e se sentou, espalhando no ar uma nuvem de flocos brancos enquanto sacudia seu cobertor de pele de veado.

—Eu pensava que você só fazia isso em dezembro — disse ele, mas Merlim não respondeu. Ele estava de pé, absolutamente imóvel, no meio do círculo de neve que cobria o campo. Diante dele erguia-se uma estranha aparição, uma grande rocha com uma espada projetando-se para fora dela. Apesar do ar gelado, a neve branca não se agarrava à pedra, e a lâmina erguia-se limpa no ar, um metro e meio de reluzente aço damasceno forjado.

—O que é isso? — perguntou Artur. A visão da pedra, o afetava profundamente, embora ele não soubesse por quê.

—Nada — retrucou Merlim. — Apenas se lembre.

Após um momento, a espada na pedra começou a desaparecer, e quando Artur voltou, após sua higiene matutina, a lâmina de Merlim estava novamente cálida, os flocos de neve haviam se

derretido ao sol do verão, e a pedra desaparecera como um sonho. O menino sentiu vontade de chorar, porque sabia que a aparição era o gesto de adeus de Merlim, de despedida e recordação.

O que aconteceu a Artur depois de partir para o mundo faz hoje parte da lenda. Ele acabou chegando em Londres numa manhã de Natal em que a neve caía sobre a cidade, do lado de fora da catedral onde a espada enterrada na pedra misteriosamente reaparecera. Para assombro da multidão que saía da igreja, ele arrancou a espada e reclamou seu direito ao trono. Ele travou longas e amargas batalhas para vencer um grande número de rivais que também queriam ascender ao trono, estabelecendo depois a sede da corte em Camelot. Ele vivia a cada dia os segredos do caminho do mago. Um dia ele morreu e passou à história. Coube às gerações seguintes imaginar o que teria Merlim ensinado a seu discípulo todos aqueles anos na floresta, antes de o menino Artur avançar em direção à pedra e apossar-se do destino, agarrando seu punho adornado com pedras preciosas.

Pouco depois da derrocada de Camelot, o mundo de Artur desapareceu. A terra voltou a ser dominada pela discórdia e pela ignorância, e Merlim demonstrou ter sido o último da sua espécie, exatamente como predissera. Depois dele, não houve mais magos na história do ocidente.

Mas Merlim nunca achou que o caminho do mago dependesse do rumo da história.

— O que eu sei está no ar — ele gostava de dizer. — Respire e o conhecimento estará presente.

Os magos sabiam de coisas intemporais, e, por conseguinte, o depósito do conhecimento deles precisa estar fora do tempo. O caminho está aberto. Ele começa em todos os lugares e não conduz a nenhum lugar; no entanto, ele desemboca num lugar real. Tudo isso desabrocha quando ouvimos Merlim falar.

1- Lição

Existe um mago dentro de todos nós. Esse mago tudo vê e tudo sabe.

O mago está além dos opostos da luz e das trevas, do bem e do mal, do prazer e da dor.

Tudo que o mago vê tem suas raízes no mundo invisível.

A natureza reflete o estado de alma do mago.

O corpo e a mente podem adormecer, mas o mago está sempre desperto.

O mago possui o segredo da imortalidade.

— Prove isto — disse Merlim certo dia, empurrando uma tigela de sopa na direção do menino Artur.

Artur provou, hesitante. Era uma sopa deliciosa e consistente, de carne de veado e raízes silvestres, temperada misteriosamente por Merlim enquanto Artur estava de costas. A sopa era irresistivelmente saborosa, e Artur mergulhou avidamente de novo a colher na tigela, tendo o desprazer de tê-la arrebatada das mãos.

—Espere, quero mais — resmungou Artur, ainda de boca cheia. Merlim balançou negativamente a cabeça.

—O banquete completo está na primeira colherada — advertiu o mago.

No início, Artur sentiu-se invadido pela frustração e pelo desapontamento, mas depois percebeu que estava se sentindo satisfeito como se tivesse tomado o prato inteiro. Mais tarde,

quando Artur estava cochilando debaixo de uma árvore, Merlim se aproximou em silêncio e deixou uma grande tigela de sopa ao lado do menino. Enquanto se afastava, o mago murmurou:

— Pense bem. De que serviriam todos esses anos de escola de magia se eu não pudesse mostrar tudo para você na primeira lição?

COMPREENDENDO A LIÇÃO

E preciso uma vida inteira para aprender o que o mago tem a ensinar, mas tudo que irá se desenvolver no decorrer dos anos e das décadas está disponível na primeira lição de Merlim. E nela que o mago se apresenta. Ele descreve sua abordagem diante da vida, que é resolver os enigmas mais profundos da mortalidade e da imortalidade. E tudo isso acontece de uma maneira mágica. Em primeiro lugar, Merlim não aparece realmente numa forma física. As formas são irrelevantes para Merlim. Ele já viu mundos surgirem e desaparecerem, ele sobreviveu ao tumulto dos tempos, e sua reação a tudo é a mesma: ele vê.

Os magos são videntes. O que eles vêem? A realidade como um todo, e não suas múltiplas partes.

—Você sempre foi um mago? — perguntou o menino Artur.

—Como eu poderia ter sido? — retrucou Merlim. — Eu já vivi como você, e quando eu olhava para uma pessoa, tudo que via era uma forma de carne e osso. Mas depois de algum tempo, reparei que as pessoas vivem em casas que prolongam seu corpo: pessoas infelizes com emoções desordenadas vivem em casas desordenadas; pessoas felizes e satisfeitas vivem em casas arrumadas. Era uma simples observação, mas depois de algum tempo cheguei à seguinte conclusão: Quando vejo uma casa, estou na verdade enxergando mais daquela pessoa.

"Minha visão então se expandiu. Quando eu via uma pessoa, eu também não podia deixar de ver sua família e seus amigos. Essas também eram extensões da pessoa e me diziam muitas coisas sobre ela. Mas minha visão se expandiu mais ainda. Comecei a enxergar debaixo da máscara de aparência física. Vi

emoções, desejos, temores, anseios e sonhos. Sem dúvida todos esses são parte de uma pessoa, se tivermos olhos para enxergá-los. "Comecei a observar a energia que cada pessoa emana. Nessa ocasião, a disposição física de carne e osso da pessoa se tornara praticamente insignificante, e logo avistei mundos dentro de mundos em todas as pessoas que encontrava. Depois compreendi que cada coisa viva é todo o universo, apenas vestida num disfarce diferente."

—Isso é realmente possível? — perguntou Artur.

—Um dia você perceberá que todo o universo pode ser encontrado dentro de você, e nesse dia você será um mago. O mago não vive no mundo; o mundo vive nele.

"Século após século o mago tem sido procurado em todos os lugares, nas florestas ou cavernas profundas, nas torres ou nos templos. O mago também viajou usando nomes diferentes: filósofo, mágico, vidente, xamã, guru. 'Diga-nos por que sofremos. Diga-nos por que ficamos velhos e morremos. Diga-nos por que somos fracos demais para gerar uma vida satisfatória para nós mesmos.' Somente diante de um mago poderiam os mortais desabafar perguntas tão difíceis.

"Depois de escutar com muito cuidado, os magos, mestres e gurus disseram a mesma coisa. 'Posso solucionar essa massa de ignorância e dor se vocês compreenderem uma única coisa. Estou dentro de vocês. Essa pessoa separada que parece estar falando com vocês na verdade não é separada. Somos um só, e no nível em que somos um só, nenhum dos nossos problemas existe."'

Quando Artur queixou-se certa vez de que Merlim o mantinha na floresta, permitindo apenas que ele tivesse breves vislumbres do mundo, Merlim ficou furioso:

— O mundo? Como você imagina que as pessoas vivem, aquelas que você viu no vilarejo? Elas se preocupam com o prazer e a dor, buscando o primeiro e desesperadamente evitando a segunda. Estando vivas, elas desperdiçam a vida preocupando-se com a morte. A riqueza e a pobreza as obcecam e alimentam seus mais profundos receios.

Felizmente, o mago interior não vivência nada disso. Como ele enxerga a verdade, ele não vê a inverdade, porque o jogo de

opostos — prazer e dor, riqueza e pobreza, bem e mal — só parece real enquanto não aprendemos a enxergar dentro da estrutura mais ampla do mago. No entanto, não há como negar que esse drama da vida cotidiana é extremamente real para as pessoas comuns. O espetáculo externo da vida *é* a vida se você só acredita em seus sentidos, naquilo que você vê e sente.

Os mortais procuravam os magos para resolver essa obsessão com as aparências e esse anseio de significado. E preciso que haja algo além do que o que estamos vivendo, pensavam os mortais, sem saber exatamente o que poderia ser esse algo mais.

— Não passe o tempo refletindo sobre *o que* você vê — aconselhou Merlim a Artur — e sim sobre *por que* você o vê.

A primeira lição, portanto, se resume no seguinte: olhe além do seu eu limitado para ver seu eu ilimitado. Penetre a máscara da mortalidade e encontre o mago. Ele está dentro de você, e somente ali. Tão logo você o encontre, você também será um vidente. Mas o que você pode ver desponta no tempo propício, paulatinamente. Antes de você enxergar, surge o sentimento de que a vida encerra mais coisas do que as que você está vivendo. E como uma voz indistinta que sussurra: "Ençontre-me." Essa voz é neutra, tranquila, satisfeita em si mesma — e impalpável. E a voz do mago, mas também é a sua.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Os ditados de Merlim atuam sutilmente, como a água que penetra profundamente na terra. A água que jorra hoje do chão caiu como chuva há milhares, até milhões de anos. Ninguém sabe muito sobre a vida dessa água misteriosa, aonde ela vai, o que acontece a ela entre as pedras profundamente ocultas. Mas um dia, libertada pela gravidade, ela ascende das trevas, e, surpreendentemente, jorra completamente pura e cristalina.

O mesmo acontece com Merlim. Se você se sentar em silêncio e escutar por alguns minutos, as palavras começarão a se entranhar. Deixe que isso aconteça, e depois permita que a sabedoria faça seu trabalho. Não espere nem anteveja nenhum

resultado, mas fique alerta ao que possa ocorrer. Qualquer coisa que acontecer é boa.

O tema da primeira lição é encontrar o mago e apreciar seu ponto de vista, que é muito diferente daquele adotado pela mente ou pelas emoções. Estas últimas sentem e reagem. Elas são imediatas, como os tentáculos de uma anêmona-do-mar que se contorcem, reagindo imediatamente a uma sensação. A dor causa a contração emocional; o prazer faz com que você se expanda e se sinta livre.

A mente, por outro lado, trabalha com muito menos instantaneidade. Ela mantém um vasto arquivo de memórias e constantemente o consulta. Ela compara o novo com o velho e toma uma decisão: isso é bom, isso é mau, isso vale a pena repetir, isso não. Assim, as emoções oferecem uma resposta imediata e impensada a qualquer situação, como o bebé que sorri ou chora espontaneamente. A mente consulta seu banco de memória e fornece uma reação retardada.

O mago não tem nenhuma dessas duas reações, instantânea ou retardada — Merlim simplesmente é. Ele vê o mundo e deixa que ele seja o que é. Não se trata, contudo, de um ato passivo. Tudo no mundo do mago se baseia no *insight* "Tudo isso sou eu". Por conseguinte, ao aceitar o mundo como ele é, o mago encara tudo à luz da auto-aceitação, que é a luz do amor.

Parece estranho que a definição do amor do mago esteja envolvida em silêncio. Para as emoções, o amor é um surto de sentimento, uma atração muito ativa diante de um estímulo poderoso. A mente tem seus próprios métodos, mas eles não são tão diferentes: a mente gosta de qualquer coisa que repita uma experiência agradável do passado. "Eu gosto disso" significa basicamente "Eu gosto de repetir o que me fez sentir tão bem antes". Portanto, tanto a mente quanto as emoções são seletivas. Selecionar e escolher não é errado, mas exige esforço. Embora todos tenhamos aprendido que o esforço é positivo, que nada é alcançado sem trabalho, isso não é verdade. O ser não pode ser alcançado através do esforço; o amor não pode ser alcançado através do esforço.

Num nível mais sutil, selecionar e escolher também envolve a rejeição. A mente se concentra numa coisa de cada vez. Antes

de você poder dizer: "Eu gosto disso", você precisa rejeitar todas as outras escolhas. As coisas que rejeitamos tendem a ser tingidas pelo medo. A mente e as emoções não encaram a dor e o sofrimento de uma maneira neutra; elas os temem e rejeitam. Esse hábito de seíecionar e escolher acaba fazendo com que você despenda muita energia, porque sua mente está constantemente vigilante, permanentemente em alerta para garantir que a mágoa, o desapontamento, a solidão e uma série de outras experiências dolorosas não voltem a acontecer. Que espaço é reservado ao silêncio?

Sem silêncio, não existe espaço para o mago. Sem silêncio, não pode haver uma verdadeira apreciação da vida, cuja estrutura interior é tão delicada quanto um botão de rosa. Os mortais procuravam os magos para pedir conselhos porque percebiam que eles não viviam com medo. Qualquer coisa que aconteça aos magos é aceita, até mesmo abraçada. "Como você alcança essa paz de espírito?" perguntavam os mortais. E a resposta dos magos era "Olhe para dentro de si, onde só existe paz".

Portanto, o primeiro passo no mundo de Merlim é reconhecer que ele existe - isso basta. Quando você se entregar ao estudo desta lição, sua mente poderá se rebelar, dizendo: "Não!" à noção de que existe outro ponto de vista válido, um jeito diferente do dela. Suas emoções podem participar dessa onda de desconfiança, ansiedade, tédio, ceticismo, desprezo, seja lá o que possa surgir. Não resista a esses sentimentos. Eles são meramente maneiras antigas e habituais de seíecionar e escolher. Sua mente se torna importante ao rejeitar. Durante anos ela o serviu fielmente, mantendo à distância as coisas desagradáveis. A questão é: a tática da mente funcionou? A mente pode conseguir torná-lo inteligente, mas está muito mal equipada para torná-lo feliz, realizado, em paz consigo mesmo.

Merlim não discute com a mente. Todos os debates são gerados pelo pensamento, e o mago não pensa. Ele vê. E essa é a chave para o milagroso, pois tudo que você puder ver em seu mundo interior você produzirá no mundo exterior. Viva com essa lição inicial, deixe que a água da sabedoria comece a penetrar nas passagens secretas existentes dentro do seu ser, e observe. O mago está dentro de você, e ele só deseja uma coisa: nascer.

2- Lição

A volta da magia só pode acontecer com o retorno da inocência.

A essência do mago é a transformação.

Todas as manhãs o jovem Artur descia até uma lagoa na floresta para se lavar. Sendo um menino típico, ele não ficava propriamente ansioso para executar essa tarefa. Frequentemente ele se distraía com o burburinho dos esquilos vermelhos, das pegas ou com qualquer outra coisa que pudesse ser mais interessante do que água e sabão.

Merlim não se preocupava muito com a sujeira que visivelmente se acumulava no rosto de seu pupilo, ao redor do pescoço e em todos os outros lugares. Mas finalmente chegou o dia em que o mago explodiu:

— Eu poderia plantar feijões atrás das suas orelhas! Não importa que você fique apenas um instante no lago, mas faça alguma coisa enquanto estiver lá.

Artur baixou a cabeça:

— Tenho tido receio de confessar, Merlim, mas quando me curvo em direção à água, não consigo enxergar meu reflexo. Não consigo ver onde devo lavar, ou mesmo qual a minha aparência.

Para espanto do menino, quando ele levantou a vista, Merlim estava ao lado dele, encantado.

—Tome — disse ele, introduzindo uma grande esmeralda na mão do garoto como recompensa (Artur a usou mais tarde para saltar através da água).

—Eu achei que sua desobediência significava a perda da inocência, mas percebo que estava errado. Por não ter um

reflexo, você não tem uma auto-imagem. Se você não está sendo distraído pela auto-imagem, você só pode estar no estado de inocência.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Antes de ser encoberta, a inocência é nosso estado natural. É a auto-imagem que a encobre. Quando olhamos para nós mesmos, mesmo quando tentamos ser completamente sinceros, vemos uma imagem construída no decorrer de muitos anos, em camadas totalmente entrelaçadas. As linhas e as rugas que se formam no rosto de uma pessoa contam a história de antigas alegrias e tristezas, triunfos e derrotas, ideais e experiências. É praticamente impossível enxergar qualquer outra coisa.

O mago vê a si mesmo onde quer que olhe, porque sua visão é inocente. Ela não é empanada por julgamentos, rótulos e definições. O mago sabe que possui um ego e uma auto-imagem, mas ele não é distraído por essas coisas. Elas sobressaem sobre a tela de fundo da totalidade, de todo o contexto da vida.

O ego é "Eu": ele é seu ponto de vista singular. Na inocência esse ponto de vista é puro, como uma lente cristalina. Mas sem inocência, o foco do ego é extremamente deformado. Se você acha que conhece alguma coisa — inclusive a si mesmo — você está na verdade vendo seus próprios julgamentos e rótulos. As mais simples palavras que usamos para descrever uns aos outros — *amigo, família, estranho* — estão carregadas de julgamentos. O enorme abismo de significado entre *amigo* e *estranho,* por exemplo, está repleto de interpretações. O amigo é tratado de uma determinada maneira, o inimigo de outra. Mesmo que esses julgamentos não ascendam à superfície, eles obscurecem nossa visão como o pó encobre uma lente.

Por não ter rótulos para as coisas, o mago as enxerga sempre como novas. Para ele não existe poeira nas lentes, de modo que o mundo reluz repleto de novidades. A mesma canção indistinta é ouvida em todas as coisas: "Olhe para si mesmo". Deus poderia ser definido como alguém que olha em volta e vê apenas a Si

mesmo em todas as direções; na medida em que somos criados à imagem Dele, nosso mundo também é um espelho.

Os mortais achavam esse ponto de vista mágico muito estranho, pois o interesse deles estava voltado para uma direção totalmente diferente. Eles olhavam para fora e ficavam fascinados com as coisas, e ansiavam por nomear e usar tudo que viam. Todos os pássaros e mamíferos tinham que receber um nome. As plantas tinham que ser cultivadas para fornecer alimento e prazer. As terras existiam para ser exploradas e conquistadas.

Merlim não demonstrava praticamente nenhum interesse por nada disso. Com frequência os magos não sabem o nome das coisas mais comuns, como o carvalho, o gamo ou as constelações. No entanto, o mago poderia contemplar um carvalho retorcido, uma corça no período de aleitamento ou o céu noturno durante horas, e em cada momento sua contemplação seria totalmente assimilada.

Os mortais desejavam compartilhar esse tipo de atenção extasiada. Quando lhe perguntaram qual o segredo de se olhar para o mundo sempre como sendo novo, com deleite, Merlim respondeu:

— Vocês não possuem inocência. Depois de rotularem uma coisa, vocês deixam de enxergá-la e passam a ver apenas o rótulo.

Foi fácil dar um exemplo disso. Se dois cavaleiros que não se conheciam se encontrassem na floresta, imediatamente procuravam o emblema ou bandeirola que identificava se o outro era amigo ou inimigo. No instante em que esse símbolo era identificado, os cavaleiros podiam entrar em ação, mas não antes. O amigo podia ser abraçado, convidado para o banquete ou para contar histórias. Ao inimigo só era possível dar combate.

Essa obsessão de rotular as coisas, declarou Merlim, é pura e simplesmente a atividade da mente. A mente não pode reagir sem um rótulo. Carregamos milhões de rótulos na nossa cabeça, e nossa mente é capaz de consultar esses rótulos com a rapidez do relâmpago. A velocidade da mente é prodigiosa, mas a velocidade não nos protege contra o desgaste. Qualquer coisa em que você consiga pensar, você já experimentou, e você acaba se cansando de tudo que já experimentou.

—Vocês se admiram de não conseguir olhar para um carvalho, um veado ou uma estrela por mais do que um minuto? — indagou ele. — Quase consigo ouvir a mente de vocês gemendo: "Aquela coisa velha!" e lá se vão vocês em sua insensata corrida em busca de algo novo.

—Não vejo por que isso seja um problema tão grande — comentou um aldeão idoso. — O mundo é vasto, e a natureza está repleta de aspectos e transformações interessantes.

—Isso é verdade — admitiu Merlim —; no entanto, de acordo com seu argumento, nada deveria então se desgastar e ficar monótono. Não se pode negar a quantidade infinita de coisas *lá fora.* Mas o tédio é uma queixa comum entre os mortais, não é verdade? — O ancião fez que sim com a cabeça.

—No entanto, você pronunciou a palavra certa — continuou Merlim. — *Transformação.* Mas é o seu eu que precisa constantemente estar em transformação. Você não pode levar ao mundo o mesmo eu desgastado e esperar que o mundo seja novo para você.

O mago nunca vê a mesma coisa duas vezes da mesma maneira. Assim, ao contemplar a floresta, ele não se deixa absorver tanto pela visão de um veado quanto por uma nova faceta do seu ser: a doçura, a virtude, o recato ou a delicadeza. Quando o olhar é puro, qualquer pessoa é capaz de enxergar essas qualidades. Elas desabrocham como as pétalas de uma rosa. Você precisa ter paciência, mas vale a pena esperar por elas. Sua inocência é a única flor que existe. Ela nunca esmaece, e por causa disso, o mundo tampouco se desvanece.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Depois de ler esta lição, conceda a si mesmo um momento para tentar recuperar um toque de inocência. Isso é mais fácil do que as pessoas imaginam. A primeira coisa que você deve saber é o que *não* fazer. Não julgue seu estado de espírito atual. Você pode estar cansado ou deprimido. Você pode ter muita raiva, medo ou culpa a considerar. Esqueça tudo isso por um momento, porque a inocência, como ensina Merlim, está além da mente.

Olhe simplesmente para esta lista de palavras:

PESADO
LEVE
PRETO
BRANCO
SOL
LUA

Permita-se vivenciar essas qualidades, uma de cada vez. Não importa se você é o tipo de pessoa que elabora imagens em vez de sentimentos, ou conceitos em vez de objetos concretos. Qualquer abordagem irá funcionar. Você percebeu que é impossível para sua mente evitar alguma sensação de pesado, leve, preto, branco, e assim por diante? De fato, você não conseguiria nem mesmo ler as palavras sem concretizar pelo menos uma leve sensação de cada qualidade.

Sua participação é necessária para que essas qualidades existam. Se sua participação for inocente, elas existirão de uma maneira nova e diferente. Essa é a visão do pintor. Ele contempla uma cesta de frutas, um barco ou uma nuvem, mas em vez de ser o recebedor passivo dessas coisas, ele as cria através da visão. Ele as impregna do seu próprio espírito.

E todos fazemos o mesmo, até no mais simples ato de observar uma coisa banal. Essa experiência demonstra que a inocência não pode ser perdida, ela só pode ser encoberta. O segredo de ver com inocência é ver a partir de um novo ponto de vista, *que não seja condicionado por aquilo que você espera ver.*

—Se você pudesse realmente ver aquela árvore ali — disse Merlim —, você ficaria tão assombrado que perderia o equilíbrio.

—Mesmo? Mas por quê? — perguntou Artur. — É apenas uma árvore.

—Não — respondeu Merlim. — É apenas uma árvore na sua opinião. Para outra pessoa, ela é uma expressão de espírito e beleza infinitos. Para Deus, ela é um filho querido, mais doce do que qualquer coisa que você possa imaginar.

Enquanto a mente pode registrar a cor, a luz, a densidade e o sentimento do mundo, *ela está percebendo a si mesma.* A

palavra *pesado* ou *branco* lhe confere uma sensação interior que pertence exclusivamente a você. Não existe nenhum peso ou brancura "lá fora" sem que você esteja presente para percebê-lo; a visão, o toque, o sabor ou o aroma só existem como um leve oscilar da sua consciência. Você pode enviar uma câmera para a luz, fotografar todas as crateras e vales lá existentes e trazer o filme de volta para a terra. Se não houver aqui um ser humano para ver essas fotos, elas não conterão imagens, apenas substâncias químicas que reagiram a uma combinação momentânea de fótons. O filme está tão morto quanto a lua. Merlim diria que se ninguém olhar para a imagem da lua, tampouco existe uma lua.

Por conseguinte, é tremendamente importante olhar de maneira inocente para o mundo, porque é só assim que o mundo contém vida. É seu olho que confere vida a tudo que vê. Por trás de cada molécula de existência precisa haver consciência e inteligência; caso contrário, o universo seria um turbilhão aleatório de gases inertes e estrelas sem vida, um vazio que anseia por receber a semente da existência. Sem inteligência, não há vida, apenas atividade. Cada olhar que você dá pela janela coloca a semente da vida no estado de criação. É por isso que Merlim levava muito a sério sua função de observar os carvalhos, os veados e as estrelas. Ele não queria que eles morressem; ele era um amante da vida.

Esta lição se resume ao seguinte comentário: "Olhe <u>com</u> inocência e você produzirá vida." Este é o princípio mágico pelo qual Merlim vivia. Os mortais tinham dificuldade em entender uma ideia tão simples porque ela contrariava o mais profundo preconceito deles, que preceituava: "O mundo vem em primeiro lugar e eu em segundo." Mas nós não estaríamos vivos se um Ser inocente não tivesse nos visto primeiro. Esse foi o atqjjue plantou a semente de todo o universo, e foi um ato de amor. Você conhecerá novamente sua inocência quando conseguir ver o amor que palpita em cada partícula da criação.

3- *Lição*

O mago observa o mundo ir e vir, mas sua alma habita as esferas de luz.

O cenário muda, o observador permanece o mesmo.

Seu corpo é apenas o lugar que suas memórias chamam de lar.

Merlim preferia evitar ser visto pelos mortais, mas às vezes, no final do verão, era possível avistá-lo no campo de pé numa perna só. Fazendeiros curiosos se aproximavam, mas Merlim permanecia como uma estátua, sem fazer ruído e sem demonstrar ter percebido a presença deles.

Nessas ocasiões, Artur achava que seu mestre parecia um grou em posição de arpoar um peixe no pântano. Certo dia, quando Merlim já estava contemplando uma lagoa horas a fio, o menino não se conteve e perguntou para onde ele estava olhando.

— Não sei dizer exatamente — respondeu Merlim. — Vi uma libélula e quis examiná-la com mais atenção. Ela atravessou meu caminho como um sonho, mas depois de alguns momentos esqueci se eu estava sonhando com essa libélula ou se ela estava sonhando comigo.

—A resposta não é óbvia? — perguntou Artur.

Merlim deu uma pancada forte na cabeça do menino.

— Você acha que seus sonhos acontecem aí dentro. Mas eu me vejo em todos os lugares, portanto quem sabe que parte de mim está sonhando com outra parte?

COMPREENDENDO A LIÇÃO

O mago que existe dentro de todos nós também poderia se chamar a testemunha. O papel da testemunha não é interferir no mundo em transformação, mas sim ver e compreender. A testemunha não descansa — ela permanece desperta mesmo quando você está sonhando ou tendo um sono sem sonhos. Portanto, ela não precisa enxergar através dos seus olhos, o que parece algo mágico. Não é o olho o órgão essencial da visão?

A energia e a informação são fundamentais para tudo que podemos ver, ouvir ou tocar no mundo relativo — todo átomo pode ser desmembrado nesses dois componentes. No entanto, em seu estado primordial, esses constituintes são informes. Um feixe de energia pode se afastar num turbilhão caótico como um jato de fumaça; as informações podem se desmembrar em pontos aleatórios de dados. É necessária outra força para organizar a ordem maravilhosa da vida: a inteligência. A inteligência é o elemento aglutinador do universo.

Para o mago, esta não é apenas uma noção teórica, porque ele é capaz de ver com sua visão interior que *ele é essa inteligência.* Esse entendimento é um desafio para os mortais, uma vez que ele não provém da mente. Eles estão acostumados a saber as coisas, mas não estão habituados ao *conhecimento* propriamente dito.

— O mortal mais brilhante — declarou Merlim — não é melhor do que o mais absoluto idiota assim que ambos vão para a cama. Eles têm os mesmos pesadelos apavorantes e o mesmo medo de morrer. O medo nasce com eles, e eles não conseguem desfrutar o mais insignificante prazer sem ter a certeza de que ele irá desaparecer.

O conhecimento do mago continua presente até mesmo no sono. A consciência universal desperta, sempre consciente e onisciente, não é para o mago uma distante força criativa. Ela vive em cada átomo. Ela é o olho por trás do olho, o ouvido por trás do ouvido, a mente por trás da mente.

Logo, o mago não precisa estar desperto e de olhos abertos para ver. A visão em seu sentido mais profundo pode ter lugar enquanto sonhamos ou dormimos, porque ver significa estar

desperto na inteligência do universo. Quando a testemunha está plenamente presente, tudo é compreendido.

O conhecimento do mago é o saber que não se apoia em fatos externos. E a água da vida extraída diretamente da fonte. Não importa o tipo de mudanças que possam varrer o universo, o conhecimento do mago não pode mudar — o cenário vem e vai, o observador permanece o mesmo. Enquanto não encontramos o mago interior, dependemos dos nossos sentidos e da nossa mente para saber quem somos. Nosso conhecimento é adquirido. Ele está armazenado na memória e catalogado de acordo com nossos interesses; ele é, portanto, seletivo. O conhecimento do mago é inato.

Certa vez Artur ficou simplesmente apavorado quando Merlim correu de um lado para o outro brandindo, como um louco, uma enorme faca de açougueiro.

—O que você está fazendo? — perguntou o menino, aterrorizado.

—Estou pensando — respondeu Merlim. — Você não pensa desta maneira?

—Não — disse Artur.

Merlim parou de repente.

— Ah, então eu devo estar enganado. Minha impressão era que todos os mortais usavam a mente como facas, cortando e dissecando. Eu queria ver como é isso. Devo dizer que existe uma grande dose de violência oculta naquilo que vocês mortais chamam de racionalidade.

A mente do mago é como uma lente que reúne o que vê, e deixa passar tudo sem distorção. A vantagem desse tipo de percepção é que ela une, enquanto a mente racional separa. Esta última olha "lá fora" para uma enorme quantidade de objetos no tempo e no espaço, enquanto o mago vê tudo como parte de si mesmo. Em lugar de "lá fora" e "aqui dentro", existe apenas um fluxo inconsútil.

Por isso Merlim afirmou que mal conseguia definir se era ele que estava sonhando com uma libélula, ou a libélula que estava sonhando com ele. Apenas na separação, percebida pela mente, havia uma diferença. Na visão do mago, ambos eram um só.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Não é fácil explicar o que é testemunhar. No estado ordinário desperto, todos vemos objetos, mas a testemunha vê a *luz.* Ela vê a si mesma como um foco de luz, o objeto como outro foco, todos num contexto de uma vasta esfera apenas de luz, em transformação.

A *luz* é uma metáfora para os estados superiores da existência. Quando alguém tem uma experiência de quase-morte e diz: "Entrei na luz", ele quer dizer que experimentou um grau mais sutil de si mesmo. A luz poderá assumir a imagem do céu ou de outro mundo, mas para o mago, nosso mundo habitual também é apenas uma imagem. Ele também é projetado a partir da percepção.

— Toda percepção é luz — declarou Merlim —, toda luz é percepção.

Os limites que construímos para separar o céu da terra, a mente da matéria, o real do irreal são meras conveniências. Por termos sido nós a criar os limites, podemos desfazê-los com a mesma facilidade.

Examine cuidadosamente esta página. Você a enxerga como um objeto. Ela é sólida na medida em que é feita de fibras de madeira transformadas em papel, mas é abstrata por ser feita de ideias. Uma página é uma coisa de papel, uma coisa de ideias, ou ambas? Repare como é fácil você percebê-la como sendo ambas, mas observe também que você não consegue vê-las ao mesmo tempo. Em outras palavras, diferentes realidades podem coexistir, mas cada uma respeita seu próprio nível de existência. Num determinado nível, uma palavra nada mais é do que pontos de tinta, mas em outro, ela é a chave de uma ideia.

Cada estado de existência, do mais sutil e imaterial ao mais denso e sólido, depende do observador. Se quiséssemos, poderíamos dissolver a página sólida, transformando-a em nada, da seguinte maneira: a página é feita de papel, o papel é feito de moléculas, as moléculas são feitas de átomos, os átomos são feixes de energia no nível quântico, e os feixes de energia se

compõem de 99,99999 por cento de espaço vazio. Como a distância entre um átomo e o átomo seguinte é muito grande — proporcionalmente maior do que a distância entre a Terra e o Sol — você só pode dizer que esta página é sólida se também estiver disposto a declarar que o espaço entre nós e o Sol é sólido.

A experiência de transformar coisas aparentemente sólidas em nada também pode ser revertida. Começando com o espaço "vazio", você pode criar feixes de energia, átomos, moléculas e assim por diante, ascendendo na cadeia da criação até chegar a qualquer objeto que você queira, inclusive seu próprio corpo. A mão que vira esta página é uma nuvem de energia, e a única maneira pela qual você é capaz de sentir sua mão ou pela qual ela pode sentir a página é através de um ato de consciência. Outros feixes de energia, como a luz ultravioleta que o circunda, são completamente imperceptíveis para você. Desse modo, as idas e vindas do mundo dependem totalmente do poder da percepção. Você foi criado como um ser que enxerga para que o mundo exista como uma coisa a ser vista. Sem os olhos, o mundo seria invisível.

Podemos pegar agora esse entendimento e dar mais um passo à frente. Tudo na terra é nutrido pelo sol, que é apenas uma estrela. O alimento que você come foi transformado a partir da luz desse astro, e quando você o ingere, você cria um corpo que tem a mesma origem. Em outras palavras, o ato de você fazer uma refeição é simplesmente o ato de a luz do sol assimilar a luz do sol. Essa luz, apesar de assumir muitas formas, desde a de gases rodopiantes e quasars à de um coelho mordiscando um trevo, é uma luz única. Ela não tem uma localização específica, estando em todos os lugares ao mesmo tempo. Você parece ter uma localização, mas isso só é verdade porque você está neste exato momento executando o ato supremamente criativo de transformar o universo de luz num foco único que se chama seu corpo e sua mente.

—Eu gostaria de fazer milagres — implorou Artur certo dia.

—Este mundo existe por sua causa — retrucou Merlim. — Este milagre não basta?

O mago leva esse raciocínio mágico às últimas consequências. Se a visão tornou o mundo visível, pergunta ele, quem ou

o que é o criador da visão? Quem viu o olho antes de o olho ver alguma coisa? A resposta é a consciência. O observador por trás do olho é apenas a consciência propriamente dita, dando à luz nossos sentidos para que eles possam dar à luz tudo que nos rodeia.

Este não é um mistério metafísico. O embrião nasce dentro do útero da mãe como uma única célula, desprovido de sentidos; depois ele se desenvolve transformando-se em múltiplas células que se agrupam em regiões específicas concentrando-se em várias funções; e, por fim, essas funções emergem como olho, ouvido, língua, nariz, e assim por diante. O olho não se parece em nada com o ouvido, mas suas formas diferentes são ilusórias. Todos os seus sentidos estavam contidos naquela primeira célula fertilizada sob a forma de informações codificadas.

A informação é apenas a consciência manifestada de uma forma armazenável, como este livro. Se você não soubesse o que é um livro, você diria que ele é simplesmente uma coleção de marcas num código estranho, quando na verdade ele é um canal para que uma consciência se comunique com outra.

Na visão de Merlim, o mundo era uma maneira para que ele falasse consigo mesmo.

—Se você algum dia esquecer alguma coisa — recomendou ele a Artur —, a floresta o fará lembrar-se.

—Já me esqueci de muitas coisas que a floresta não me fez lembrar — protestou o menino.

—Isso não é verdade — replicou Merlim. — A única coisa que você pode esquecer é de você mesmo, e isso pode ser encontrado debaixo de cada árvore.

Por que o mundo existe? Porque uma vasta consciência desejava escrever o código da vida e estender seus filamentos pela página do tempo. Não é de causar surpresa que um mago não seja capaz de dizer onde termina seu corpo e começa o mundo. Você está sonhando este livro, ou este livro está sonhando você?

4- Lição

Quem sou eu? É a única pergunta que vale a pena ser feita e a única que jamais é respondida.

É seu destino desempenhar uma infinidade de papéis, mas esses papéis não são você.

O espírito não é localizado, mas deixa atrás de si uma impressão digital que chamamos de corpo.

Um mago não acredita ser um evento localizado
que sonha com um mundo maior.
Um mago é um mundo que sonha com eventos localizados.

Merlim desapareceu durante muitos anos da vida de Artur; de repente, um belo dia, ele reapareceu, saindo da floresta e irrompendo em Camelot. Cheio de alegria ao ver seu mestre, o rei Artur ordenou que fosse oferecido um banquete em sua homenagem. Mas Merlim mostrou-se aturdido, olhando para o antigo discípulo como se nunca o tivesse visto antes.

— Talvez eu possa comparecer, se você for quem eu supo nho que seja — declarou Merlim. — Mas diga-me sinceramente, quem é você?

Artur ficou abismado, mas antes que ele pudesse protestar, Merlim dirigiu-se em voz alta à corte:

— Darei este saco de ouro em pó a quem puder me dizer quem é esta pessoa. — E imediatamente uma bolsa com puro ouro em pó surgiu em suas mãos.

Desconcertados e mortificados, nenhum dos cavaleiros da Távola Redonda veio à frente. Um jovem pajem então se aventurou:

— Todos sabemos tratar-se do rei.

Merlim sacudiu negativamente a cabeça e dispensou sumariamente o pajem do vestíbulo.

—Nenhum de vocês sabe quem ele é? — perguntou ele de novo.

—É Artur — bradou outra voz. — Até mesmo um tolo sabe disso.

Merlim identificou de onde vinha a voz, de uma velha copeira que estava no canto, e também ordenou-lhe que saísse. A corte murmurava confusa, mas logo o desafio do mago transformou-se num jogo.

As respostas começaram a pipocar: o filho de Uther Pendragon, governante de Camelot, soberano da Inglaterra. Merlim não aceitou nenhuma delas, nem mesmo as mais inteligentes, como filho de Adão, flor de Albion, um homem entre os homens, e assim por diante. Finalmente, Guinevere em pessoa entrou na brincadeira.

—Ele é meu amado marido — murmurou ela. Merlim só fez sacudir a cabeça. Um por um, todos foram dispensados, até que apenas o mago e o rei permaneceram no grande vestíbulo.

—Merlim, você nos derrotou a todos — admitiu Artur. — Mas tenho certeza de que sei quem eu sou. Portanto, minha resposta é a seguinte: sou seu antigo amigo e discípulo.

Após hesitar imperceptivelmente, Merlim rejeitou essa resposta como rejeitara todas as outras, e o rei não teve outra alternativa a não ser retirar-se do recinto. Entretanto, a curiosidade conduziu-o a uma porta aberta de onde ele ainda conseguia ver o grande vestíbulo. Para sua surpresa, ele viu Merlim caminhar em direção a uma janela, abrir a bolsa, e sacudir para fora o ouro em pó.

— Por que você jogou fora o precioso ouro? — gritou Artur, incapaz de se conter.

Merlim ergueu a vista.

—Tive que fazê-lo — retrucou ele. — O vento me disse quem você era.

—O vento? Mas ele não disse nada.

—Exatamente.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Os magos, de um modo geral, preferem não ter nem nome nem endereço certo. Eles não gostam de permanecer num lugar onde os mortais possam penetrar demais na sua intimidade.

— Quem quer que chame meu nome é um estranho — disse Merlim. — O fato de você reconhecer meu rosto não significa que você me conheça.

Os magos vêem a si mesmos como cidadãos do universo. Por conseguinte, o lugar específico onde eles possam ser encontrados é irrelevante.

O que nos limita em primeiro e último lugar na vida mortal são os nomes, os rótulos e as definições. Ter um nome é útil — ele permite que você saiba que certidão de nascimento é a sua — mas ele rapidamente se transforma numa limitação. Seu nome é um rótulo. Ele o define como tendo nascido num determinado lugar e hora, filho de pais específicos. Passados alguns anos, seu nome o define como alguém que frequenta tal escola, e depois que tem tal profissão. Aos trinta anos, sua identidade está enclausurada numa caixa de palavras. As paredes da caixa podem consistir no seguinte: "Católico, advogado fiscal, formado por Cornell, casado, três filhos e uma hipoteca." Esses fatos podem não estar errados, mas são enganadores. Eles encerram em condições um espírito incondicionado.

Muitas dessas limitações parecem pertencer a *você* quando na verdade pertencem ao seu corpo, e você é bem mais do que seu corpo. O mago tem um relacionamento peculiar com seu corpo. Ele o vê como um fragmento de consciência que toma forma no mundo, mais ou menos como as pedras, as árvores, as montanhas, as palavras, os desejos e os sonhos fluem e tomam forma. O fato de o desejo ou o sonho ser insubstancial, enquanto nosso corpo é sólido, não perturba o mago. Os magos são desprovidos do nosso preconceito comum que iguala o "sólido" ao "real".

O mago não julga ser um evento local sonhando com um mundo mais amplo. O mago é um mundo sonhando com eventos locais. Ele não é restringido por limites. Os mortais não pode-

riam existir sem limites. O corpo deles define quem eles são, sem o corpo, a pessoa nem mesmo poderia saber onde é seu lar, visto que o lar é onde o corpo encontra abrigo e repouso.

No entanto, Merlim não se considerava um sem-lar. Ele disse:

— Este corpo é como uma pousada que serve de lar aos meus pensamentos, mas eles entram e saem tão rápido que poderíamos dizer que eles vivem no ar.

Mais uma vez, supomos que os pensamentos entram e saem da nossa cabeça, mas não podemos prová-lo. Quem já viu um pensamento antes de ele surgir? Quem segue o pensamento aonde ele vai depois?

Merlim não conseguia entender por que os mortais queriam se agarrar ao corpo.

— Aceito dizer que este pacote de carne e osso seja "eu" — disse ele —, mas somente se aquela montanha, aquele pasto e aquele castelo também forem "eu".

Um corpo mortal não era melhor, aos olhos de Merlim, do que um cabide no qual crenças, receios, preconceitos e sonhos foram deixados pendurados. Se você pendurar casacos demais num cabide, você não mais poderá vê-lo. Foi isso que os mortais fizeram com o corpo, disse Merlim. E impossível enxergar a verdade do corpo humano — que ele é um rio de consciência que circula através do tempo — porque muito peso do passado acumulou-se nele.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Para vivenciar esta lição, você precisa esquecer seu nome durante algum tempo. Digamos que Quem sou eu? é uma pergunta real agora. Livrar-se do nome e da forma significa descobrir quem você realmente é. Na maior parte do tempo nós nos vivenciamos através da limitação. Desempenhar um papel é uma limitação, e, no entanto, todo mundo entra e sai de diferentes papéis o tempo todo. Lembre-se de quando você era criança, e sua mãe, todo-poderosa. Não lhe ocorria que ela tivesse outra vida além de ser Mamãe; a identidade dela estava

fixada na sua mente. Somente depois de crescer é que você percebeu que ela desempenhava outros papéis, como esposa, irmã, filha, profissional liberal, e assim por diante. É difícil para a maioria das crianças aceitar o fato de que as mães vivem vidas que não estão inteiramente centralizadas na maternidade, tal o egocentrismo natural de todas as crianças pequenas. Mas com o tempo aprendemos a nos inserir em nossos papéis seguindo o exemplo dos nossos pais.

Assumir mais papéis parece uma maneira de expandir nossa experiência. Uma mulher que fosse apenas mãe acharia a vida sufocante. Ser "completo" na nossa sociedade significa usar o maior número possível de chapéus. Mas o mago encara a situação de uma maneira completamente diferente. Para ele, ser completo significa estar livre de todos os papéis.

— Sou um espírito livre, reduzido à aparência deste pequeno corpo — diria Merlim. — Você pode envolver o sol com o polegar e o indicador, mas mesmo assim a luz dele não cobre o céu?

Deixar de desempenhar papéis é um processo complicado, mas você não pode ingressar no mundo do mago se você se definir através dos papéis que desempenha. Qual é então a experiência de se libertar totalmente dos papéis? Ela é na verdade bem simples. Quando você acorda pela manhã, antes de começar a pensar no seu dia, existe um momento em que você apenas se sente desperto, sem que nenhum pensamento particular passe pela sua cabeça. Você é apenas você, num simples estado de percepção consciente. Essa experiência de simplicidade se repete de quando em quando durante o dia, mas poucas pessoas notam esse fato, porque estamos habituados a nos identificar com o processo de pensamento. Este também prossegue através do dia. Na realidade, porém, *você não é o que você está pensando.*

Você pode achar isso difícil de acreditar, mas os pensamentos na sua cabeça não pertencem a você — eles pertencem ao seu nome, aos papéis nos quais você se inseriu. Se você for uma mulher pensando em seu filho, em como ele estará no colégio, no que preparar para o jantar dele, e assim por diante, *você* não está tendo esses pensamentos. É a *Mãe* que está. Se nas horas em que estou envolvido com minha atividade de médico eu fico

pensando em diagnósticos, receitas, e assim por diante, é o *Médico* que está tendo esses pensamentos. Mãe e médico são papéis úteis, é claro, mas eles chegam ao fim, e, um dia, cada um de nós depara com o enigma Quem sou eu? que nunca foi respondido, por melhor que tenhamos desempenhado nossos papéis.

Não obstante, você pode escapulir dos papéis por um breve espaço de tempo. Enquanto você lê esta página, dirija a atenção para aquele que está lendo. Ou, enquanto estiver ouvindo música, volte a atenção para aquele que está ouvindo. Ou, se você vir um arco-íris, aviste aquele que está vendo. Em todos esses casos, você sentirá imediatamente uma consciência que está alerta, desperta, isenta, silenciosa, e contudo intensamente viva. O que você fez na verdade? Você interrompeu o ato da observação para olhar de relance para o observador. Este truque fornece um *insight* da absoluta certeza da sua existência, porque além de toda a observação jaz o observador imutável. Esse observador é o fator intemporal de cada experiência temporal, e esse observador é você.

Ser intemporal pode ser uma perspectiva assustadora se você estiver fortemente identificado com os papéis que desempenha. Inúmeras pessoas ficam arrasadas quando perdem o emprego, quando os filhos crescem e saem de casa, quando o cônjuge muito amado morre. O^enso do^'Eu" dessas pessoas está de tal modo ligado aos seus nomes, rótulos e papéis, que elas não tiveram tempo de descobrir quem realmente são.

Ser totalmente humanos nos torna reais. A realidade não pode ser definida, só pode ser experimentada. Fique atento a esses breves momentos do dia em que você vivência seu eu fundamental por trás de um alento, um sentimento, uma sensação. Antes de pular da cama amanhã, veja se consegue captar a fugidia sugestão de ser, pura e simplesmente, antes que a mente comece a tagarelar. Esse estado sereno, silencioso e inominável é extremamente satisfatório. Ele não pode ser tocado pelo pensamento, pela fala ou pela ação. Ele é o castelo cujos muros nenhum exército jamais conseguirá escalar, e que abriga o tesouro onde estão guardadas as verdadeiras riquezas da vida.

5 ~ Lição

Os magos não acreditam na morte. A luz da consciência, tudo está vivo.

Não existem inícios ou fins. Para o mago, eles não passam de elaborações mentais.

Para viver mais plenamente, é preciso morrer para o passado.

As moléculas se dissolvem e se extinguem, mas a consciência sobrevive à morte da matéria na qual ela viaja.

Todas as histórias a respeito de Merlim, mesmo as mais confusas, tinham como certo que ele vivia às avessas no tempo. Na sua época, isso causava uma grande consternação entre os mortais. O velho mago gritava "Cuidado!" um segundo *depois* de Artur ter derramado água quente em si mesmo. Ele aparecia inesperadamente nos enterros e dava pancadinhas debaixo do queixo do cadáver como se este fosse um bebé recém-nascido. Se isso já não fosse estranho o bastante, os aldeões sussurravam que Merlim fora visto nos cemitérios oferecendo presentes de bati-zado às lousas das sepulturas.

—Você pode me explicar por que você vive às avessas no tempo? — perguntou certa vez o menino Artur.

—Porque todos os magos vivem assim —respondeu Merlim.

—E por quê?

—Porque essa é a nossa escolha. Ela tem muitas vantagens.

—Não consigo ver nenhuma — insistiu Artur, pensando nos estranhos hábitos de Merlim, como o de tomar o café da manhã antes de ir para a cama.

—Venha, vou lhe mostrar — disse Merlim, saindo com Artur da gruta de cristal. Era um dia quente de verão, o sol estava a pino e as rosas silvestres curvavam-se, quase tocando o chão.

—Agora — disse Merlim, entregando uma pá ao menino. — Comece a cavar uma vala daqui até ali, e não pare enquanto eu não mandar.

Artur pôs mãos à obra, cavando com toda a força. Uma hora depois, estava exausto, mas Merlim ainda não havia dito para ele parar.

—Já é suficiente? — perguntou o menino. Merlim olhou para a vala, que devia ter mais ou menos dois metros de extensão por sessenta centímetros de profundidade.

—Sim, já está bom — respondeu Merlim. — Agora encha o buraco de novo.

Apesar de acostumado a obedecer, Artur não gostou muito dessa ordem. Suando e de cara amarrada, ele labutou debaixo do sol causticante até encher inteiramente a vala.

—Sente-se agora do meu lado — disse Merlim. — O que você achou desse trabalho?

—Completamente despropositado — deixou escapar Artur.

—Exatamente, e o mesmo acontece com quase todo esforço humano. Mas a falta de propósito só é descoberta tarde demais, depois que o trabalho já foi feito. Se você vivesse às avessas no tempo, você teria percebido que cavar aquela vala era despropositado e não teria nem começado o trabalho.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

As lendas da época arturiana que afirmavam que Merlim vivia às avessas no tempo eram uma simplificação. Os narradores de mitos de antigamente adoravam surpreender, e qualquer leitor que tentasse decifrar o significado de viver às avessas no tempo se maravilhava com a estranha criatura que Merlim realmente era. Em decorrência disso, alguns o tomavam por um profeta ou adivinho. Poder-se-ia dizer que qualquer profeta vivia às aves-

sas no tempo, visto que os profetas parecem vivenciar o que ainda vai acontecer.

Mas num nível mais profundo, a mente medieval considerava que viver às avessas no tempo representava um desafio ao ciclo natural de nascimento e morte. Alguém que fica mais jovem a cada dia, livrou-se das leis imutáveis que fazem com que todos os seres vivos degenerem e morram. Ao que tudo indica, o dia do nascimento do mago é aquele em que ele desaparece da face da terra, supondo-se que ele venha a morrer um dia.

Para esclarecer esse paradoxo, precisamos compreender o tempo como o mago o vivência.

—Vocês, mortais, extraíram seu nome da morte — declarou Merlim na gruta de cristal. — Vocês seriam chamados imortais se acreditassem ser criaturas da vida.

—Isso não é justo — protestou Artur. — Não escolhemos a morte. Ela nos foi imposta.

—Não, vocês estão apenas acostumados com ela. Todos vocês ficam velhos e morrem porque vêem os outros envelhecerem e morrerem. Livrem-se desse hábito desgastado, e vocês deixarão de ficar presos à rede do tempo.

—Nos livrarmos da morte? Como podemos fazer isso? — perguntou Artur, curioso.

—Para começar, recue à origem do seu hábito. Lá você encontrará o raciocínio falso que o convenceu inicialmente a ser mortal. O raciocínio falso jaz na raiz de qualquer crença falsa. Descubra então o defeito da sua lógica e destrua-o. Tudo é muito simples.

Artur passou à lenda como o "antigo e futuro rei", uma indicação de que ele também escapara ao feitiço da morte. O que ele encontrou? Qual a falsa lógica que os magos enxergam atrás da mortalidade? Basicamente, é nossa identificação com p corpo. O corpo humano nasce, envelhece e morre. A identificação com esse processo é uma lógica falsa, mas, uma vez abraçado, ele nos condena a morrer também. Sucumbimos ao encantamento da mortalidade e nossa única escolha é nos submetermos à morte.

Para quebrar o feitiço, precisamos deixar de nos identificar com o temporal e passar a nos identificar com o intemporal. Por

conseguinte, o mago empreende uma jornada para descobrir a verdade sobre o tempo — este é o verdadeiro significado da lenda que diz que Merlim vivia às avessas no tempo. Ele queria recuar à origem do tempo.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Na experiência do mago, o tempo é apenas a eternidade quantificada.

— Todos estamos rodeados pelo intemporal — afirmou Merlim. — A questão é: O que fazer com isso?

Fragmentar o intemporal em pequenas partes cria o tempo, e essa é a nossa tendência. O tempo, para nós, corre de uma maneira linear. Os relógios marcam segundos, minutos e horas, registrando a longa marcha do passado através do presente e em direçãoao futuro. Essa concepção linear do tempo foi desbancada por Einstein, quando ele provou que o tempo é relativo, que tem a capacidade de acelerar ou desacelerar.

Além de se parecer um pouco com Merlim, Einstein deve ter de fato penetrado no mundo do mago para propor essa noção espantosa. Ele podia *sentir* a teoria da relatividade, confessou Einstein, muito antes de poder demonstrá-la matematicamente. Todos sentimos o tempo como algo fluido e relativo — ipakjuer experiência feliz faz com que ele ande mais rápido, qualquer experiência dolorosa faz com que ele ande mais devagar. Um dia com o ser amado parece um segundo, uma manhã na cadeira do dentista, uma eternidade.

Mas essa nova maneira de perceber o tempo pode realmente nos fazer transcender a morte? Para o mago, a morte é meramente uma crença. A relatividade nos permite modificar nossa crença no tempo linear. Não é difícil imaginar outros exemplos que nos permitiriam acreditar na imortalidade. Se você encarar o universo, por exemplo, como um grande depósito de energia, então, do ponto de vista da energia, nada perece, porque a energia não pode ser destruída. Você sempre estará presente como energia.

—Mas eu não quero ser energia — protestou Artur quando defrontado com essa lógica.

—Esse é seu erro fatal — salientou Merlim. — Como você se identifica com o corpo, você acha que precisa de uma forma. A energia é informe, de modo que você acha que ela não pode ser você. Mas eu só estava mostrando que a energia não pode nascer; ela não tem início nem fim. Enquanto você achar que você teve um início, você não encontrará sua parte imortal, que precisa nunca ter nascido para que possa não morrer nunca.

Contemplando a expressão abatida do menino, Merlim declarou mais moderadamente:

— Não estou roubando seu corpo para instituir que você é informe. Você só precisa enxergar o informe dentro da forma, e depois você pode ter a imortalidade em meio à mortalidade.

As moléculas se formam e se dissolvem, retornando ao caldo primordial de átomos. Mas a consciência sobrevive à morte das moléculas nas quais ela viaja. O que antes era um feixe de energia num raio de sol transforma-se numa folha, vindo depois a cair e transformar-se novamente em solo. Essa mudança de estado atravessa muitas fronteiras. O raio de sol é invisível, ao passo que as folhas e o solo são visíveis. A folha está viva e se desenvolve, enquanto os raios de sol não. As cores da luz, da folha e do sol são diferentes, e assim por diante.

Mas todas essas transformações existem como elaborações da mente. A verdadeira energia presente no raio de sol não vivência nenhuma transformação — ela é simplesmente parte da constante interação de fótons e elétrons que tudo sustenta, quer a percebamos como morta ou viva. A ciência moderna já conduziu nossa mente à nova perspectiva adequada; agora temos que aprender a *vivê-la.* Os pensadores de visão ampla como Einstein só podem nos ajudar a superar as barreiras mentais; somos nós que temos que sobrepujar as barreiras emocionais e instintivas.

O medo emocional da morte é uma dessas barreiras. Na concepção dos magos, todo o fenómeno da morte está ligado ao medo, embora esse medo esteja tão profundamente enraizado que seus efeitos não são imediatamente óbvios. Um simples exercício, porém, pode revelar esse fato para você. Sente-se com

uma pilha de várias folhas de papel num local tranquilo em que você não vá ser distraído. Coloque a ponta de uma caneta sobre a primeira folha de papel e prometa a si mesmo não erguer a caneta durante cinco minutos. Comece a escrever as palavras "Tenho medo de" e termine a frase como quiser.

Sem erguer a caneta, escreva novamente as mesmas palavras, "Tenho medo de" e novamente termine com qualquer coisa que lhe venha à mente. Enquanto fizer isso, respire lenta e ritmicamente sem fazer pausas intermediárias. Essa respiração na qual a inalação e a exalação estão ligadas é às vezes chamada de circular. Desde a antiguidade, esse tipo de respiração refletida é considerada uma forma de evadir as inibições da mente consciente. Sem essa técnica, seria muito mais difícil alcançar o nível inconsciente do medo.

Enquanto você executa a respiração circular, inalando e exalando sem fazer pausas, continue a completar o início das frases, "Tenho medo de" sem parar e sem levantar a caneta do papel. Depois que você se soltar e começar a escrever seus medos ocultos, talvez você ache difícil parar.

Se você estiver fazendo livremente o exercício, deixando que seus pensamentos simplesmente se expandam sem tentar controlá-los, você descobrirá muitas associações estranhas e imprevistas com o medo. E esses receios inesperados trarão consigo outras emoções, não apenas o medo mas também a raiva, o sofrimento e um grande alívio. Temores enclausurados podem começar a fluir.

Deixe que tudo emerja, mas volte sempre à respiração e não levante a caneta do papel enquanto não tiver terminado. Uma advertência: se você começar a sentir um mal-estar, pare. No final do exercício, também é uma boa ideia deitar-se e descansar para recuperar o equilíbrio habitual. Considero este exercício extremamente eficaz na primeira vez que é executado, mas ele poderá ser repetido sempre que você quiser.

Qual a relação disso tudo com a perspectiva de imortalidade do mago? Poderíamos dizer que dedicar ao medo uma sessão de cinco minutos é como descascar uma camada de um sistema de crenças. A imortalidade está no âmago da vida humana, mas está envolvida em inúmeras camadas de convicções contrárias. Es-

sas convicções tornam-se concretas na vida cotidiana — vivemos nossos medos, desejos, sonhos, associações inconscientes e, em última análise, nossa crença mais profunda de que devemos morrer. A mente racional provavelmente defenderia essa posição alegando que a morte está presente em toda parte na natureza.

Mas Merlim diria:

— Examine mais de perto suas dúvidas racionais. Atrás das dúvidas situa-se o que duvida, atrás daquele que duvida o pensador, atrás do pensador uma partícula de consciência pura que precisa estar consciente antes que qualquer pensamento possa surgir. Eu sou essa partícula de consciência. Sou imortal e imune ao tempo. Não especule apenas sobre mim, julgando se deve me aceitar ou rejeitar. Mergulhe interiormente, descasque suas camadas de dúvida. Quando finalmente nos encontrarmos, você saberá quem eu sou. E então a imortalidade não será simplesmente uma noção e sim uma realidade viva.

6ª Lição

A consciência do mago é um campo que existe em toda parte.

As correntes de conhecimento contidas no campo são eternas e circulam eternamente.

Séculos de conhecimento estão comprimidos em momentos reveladores.

Vivemos como ondulações de energia no vasto oceano de energia.

Quando o ego é posto de lado, temos acesso à totalidade da memória.

Certa manhã, Artur acordou muito cedo, tremendo em sua cama de palha, e deu com Merlim olhando para ele do outro lado da gruta.

—Eu estava tendo um sonho mau — resmungou Artur. — Eu era a última pessoa na face da terra e vagava por florestas e ruas vazias.

—Sonho? — disse Merlim. — Não foi um sonho. Você *é,* de fato, a última pessoa sobre a terra.

—Como assim? — perguntou Artur.

—Você não concordaria que a única pessoa na terra também teria que ser a última pessoa?

-Sim.

— Bem, do ponto de vista da sua auto-imagem, que as pessoas no futuro chamaram de ego, você é o único.

— Como você pode dizer isso? Você e eu estamos juntos aqui, não estamos? E visitamos vilarejos e cidades que abrigam milhares de pessoas.

Merlim sacudiu a cabeça.

— Se você olhar verdadeiramente para si mesmo, o que você é? Uma criatura de experiências que estão constantemente se transformando em memórias. Quando você diz 'Eu', você está indicando esse feixe único de experiências com sua história particular que mais ninguém pode compartilhar.

"Nada parece mais pessoal do que a memória. Você e eu percorremos caminhos separados, embora caminhemos juntos. Não posso contemplar uma flor sem ter uma experiência da qual você não participa. Não existe uma única lágrima ou sorriso que possa verdadeiramente ser dado a outra pessoa."

Quando Merlim terminou seu discurso, Artur parecia angustiado.

—Você faz com que todo mundo pareça totalmente sozinho — comentou o menino.

—Eu não — replicou Merlim. — É o trabalho do ego que o torna solitário, encerrando-o num mundo no qual ninguém mais pode entrar. Reparando na angústia do discípulo, Merlim amaciou a voz.

— No entanto, o ego pode ser posto de lado. Venha comigo.

Não amanhecera, e ele se levantou e saiu com Artur da gruta, mostrando ao menino o céu ainda todo estrelado.

—A que distância você supõe que esteja aquela estrela? — perguntou o mago, apontando para a estrela Sírio. Eram meados do verão, e Sírio estava brilhante e baixa em relação ao horizonte.

—Não sei. Suponho que ela esteja mais distante do que eu possa medir, ou possivelmente imaginar — respondeu Artur.

Merlim sacudiu a cabeça.

— Não existe nenhuma distância. Considere o seguinte: para que você veja aquela estrela, a luz precisa entrar em seu olho, certo? Feixes luminosos fluem continuamente de lá para cá, como uma ponte invisível. O que é uma estrela a não ser luz? Por conseguinte, se ela é luz tanto aqui quanto lá, e também na ponte de ligação, não existe separação entre você e aquela estrela. Ambos são parte do mesmo campo de luz inconsútil.

— Mas ela parece estar muito longe. Afinal de contas, não posso arrancá-la do céu — objetou Artur.

Merlim deu de ombros.

— A_sep_aração é apenas umajhisão. Você parece estar separado de mim e das outras pessoas porque seu ego adouFã perspectiva de que estamos todos isolados e sozinhos. Mas~eú lhe garanto que se você pusesse seu ego de lado, você nos veria circundados por um campo infinito de luz, que é a consciência. Cada pensamento seu nasce num vasto oceano de luz e a ele retorna, junto com cada célula do seu corpo. Esse campqjie consciência está em toda parte, uma ponte invisível para tudo o mais que existe.

"Portanto, não existe nada em você que não seja parte_de todas as outras pessoas — exceto na visão do ego. Seu trabalho é transcender o ego e mergulhar no oceano universal de consciência."

Artur ficou pensativo.

— Terei que pensar no que você disse.

— Faça isso. — Merlim bocejou. — Ainda estou com sono. O mago voltou-se para entrar na gruta aquecida e aconche gante.

—Oh, já ia me esquecendo, antes de voltar para a cama, será que você pode pendurar de novo aquela coisa?

—Coisa? — Artur olhou para baixo, surpreso, e percebeu que a estrela Sírio havia sido arrancada do céu e deixada a seus pés.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Como já vimos, o ego assumiu a função de selecionar e rejeitar experiências. Em decorrência disso, o ego cria o isolamento, uma vez que qualquer coisa que seleciona e escolhe cria uma lacuna. Entre você e algo que você rejeitou, existe uma lacuna. Entre você e mim também existe uma lacuna, porque escolhemos não ter a mesma experiência — nossos egos são separados. Todos temos como certo que não poderíamos possivelmente compartilhar experiências, pelo menos não totalmente. Não

posso entrar em todas as suas emoções, medos, desejos e sonhos, nem você nos meus. O melhor que geralmente fazemos é tentar construir pontes de comunicação, que amiúde demonstram ser fracas demais para se susterem. As coisas mais pessoais a seu respeito desde que você nasceu, suas lembranças e experiências, conduzem à solidão e ao isolamento.

Entretanto, o mago nunca está isolado, porque o ego não penetra na maneira como ele vê as coisas. *Ego* aqui significa a sensação de um "Eu" pessoal, incompartilhável. Merlim disse certa vez ao menino Artur:

—Tente se esquecer de mim se você puder.

—O quê? — indagou Artur, surpreso. — Eu nunca poderia esquecê-lo, e não quero fazê-lo.

Ele ficou ansioso, imaginando que Merlim estivesse de alguma maneira rejeitando-o.

—Você quer me esquecer? — perguntou ele.

—Oh, absolutamente — retrucou calmamente Merlim. — Veja, quero que sejamos amigos, e se eu me lembrar de você, o que terei? Não o verdadeiro você, mas sim uma imagem morta. Mas enquanto eu puder me esquecer de você diariamente, acordarei e verei você mais uma vez no dia seguinte. Verei o verdadeiro você, despido de imagens desgastadas.

Pôr o ego de lado significa pôr a memória de lado. Quando isso é feito, as pessoas deixam de ficar isoladas. A mente individual limita nossa percepção, fazendo com que olhemos o mundo como se através de um olho mágico. No mundo do mago, todos compartilham a mesma consciência universal. Ela flui eternamente e abarca todos os pensamentos, emoções e experiências.

—Na medida em que você é uma pessoa — ensinou Merlim —, você é como uma gota no oceano. Na medida em que você é parte da consciência universal, você é todo o oceano.

—A gota individual simplesmente não se dissipa e se perde no oceano? — perguntou Artur.

—Não, o indivíduo nunca pode ser obliterado, nem mesmo através da experiência do oceano da consciência — Merlim lhe assegurou. — Você pode ser você mesmo e ser ao mesmo tempo o Todo. Isso pode parecer um mistério, mas é assim que é.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Todos nos agarramos à memória porque elanos define. Mas para eliminar a separação e o isolamento, você precisa estar disposto a ver a irrealidade da memória. Pense em alguém que você conhece bem — seu marido ou esposa, um irmão ou um amigo. Pense detalhadamente nessa pessoa e pergunte a si mesmo o que você realmente sabe a respeito dela. Vá além de meros fatos, como a cor dos olhos, o peso, o trabalho ou o endereço dessa pessoa. Em vez disso, pense a respeito de características mais pessoais, do que ela gosta e não gosta, de lembranças e interações vívidas.

Quando você terminar este exercício, você poderá supor que formou um retrato acurado dessa pessoa. Entretanto, tudo que você recordou veio da sua memória, e, por conseguinte, o que você descreveu é seu ponto de vista individual. Essa mesma pessoa poderia ser descrita de uma maneira completamente diferente a partir de outra perspectiva. O que parece provável para você é improvável para outras pessoas, aquilo de que você se lembra pode ser completamente olvidável aos olhos de um outro indivíduo.

Você não precisa ir muito longe para compreender que *tudo* que você descreveu é totalmente relativo. A ideia que você faz de alto equivale à noção de baixo ou normal de outra pessoa, o pesado pode ser encarado como leve, o claro como escuro, o amigável como hostil, e assim por diante. Você está na verdade descrevendo sua perspectiva, não a pessoa. Além disso, suas experiências com aquela pessoa são exclusivamente suas, o que torna sua descrição ainda mais idiossincrásica. Se tudo que você julgava saber a respeito de outra pessoa acabou estando indire-tamente relacionado com você, é óbvio que a memória serve para isolar. Nós fragmentamos o mundo através da maneira pessoal como o encaramos, criando conchas de isolamento nas quais ninguém consegue penetrar totalmente.

Por ser completamente relativo, seu ponto de vista não pode ser considerado real. A realidade não depende de um ponto de vista — ela simplesmente é. E quase todos nós que vivemos dentro do nosso mundo particular, não entramos em contato com muita frequência com o real. O irreal é o habitat dos sentidos; o real é o habitat do mago. Você precisa olhar atrás da cortina da memória para começar a descobrir a verdadeira trama da realidade.

7- *Lição*

Quando as portas da percepção forem purificadas, você começará a enxergar o mundo invisível — o mundo do mago.

Existe dentro de você um manancial de vida onde você pode purificar-se e transformar-se.

Purificar-se consiste em livrar-se das toxinas da sua vida: emoções tóxicas, pensamentos tóxicos e relacionamentos tóxicos.

Todos os corpos vivos, físicos e sutis, são feixes de energia que podem ser diretamente percebidos.

Certo dia de verão, quando Merlim e Artur descansavam sonolentos à beira de um riacho, o mago disse:

— Li um poema quando era menino, há muito tempo no futuro. Será que você gostaria de ouvi-lo?

Artur fingiu estar dormindo, cobrindo o rosto com a mão para proteger-se do sol de julho. Sempre que Merlim falava sobre o futuro como seu passado, o menino necessitava de uma boa dose de concentração para acompanhá-lo.

— Você não precisa fingir que não está ouvindo — prosseguiu Merlim —, pois este poema é belo demais para ser desprezado:

E se você dormisse, E se,
em seu sono, você sonhasse? E se,

em seu sonho,
você fosse até o céu
e lá colhesse
uma bela e estranha flor?
E se,
quando você acordasse,
você tivesse a flor
na mão?
E então?

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Quando acordamos, fixamos a atenção nas visões e nos sons do mundo material, de modo que é fácil supor que o corpo físico é o único corpo que temos. O que é um corpo? A definição mais ampla seria uma coleção de células trabalhando em conjunto para formar uma unidade mais vasta. Por ser muito maior do que a soma de suas partes, o corpo pode agir, pensar e sentir de maneiras absolutamente impossíveis para uma única célula.

Apliquemos esta definição a algo inesperado — os sentimentos. Diariamente você tem sentimentos isolados que são como células individuais; reúna-os, e você terá seu *corpo emocional.* Ele é, em primeiro lugar, uma história viva de todas as coisas que você gosta e não gosta, bem como dos seus temores, esperanças, desejos e assim por diante. Se seu corpo emocional pudesse andar pela sala, seus amigos o reconheceriam imediatamente, visto que o corpo emocional nos confere uma enorme parte da nossa identidade.

Outros corpos, também invisíveis, ampliam nossa singularidade. Há o corpo de conhecimento, que vem crescendo com você desde que você nasceu. Você pode chamá-lo de *corpo mental.* O conhecimento é mais sutil do que as emoções, uma vez que é formado de conceitos abstratos. Porém ainda mais sutis são todas as razões que você tem para viver, suas convicções mais profundas a respeito da existência e da natureza da

vida, que estão armazenadas em seu *corpo causal,* a parte de você que lhe permite compreender a existência. Nele residem as sementes mais profundas da memória e do desejo.

Todos esses corpos são exclusivamente seus. Se seu corpo mental e causal pudessem entrar numa sala, você também seria imediatamente identificável. Portanto, a *identidade* — seu sentimento de ser "Eu" — emana da sua percepção desses corpos. O mago sabe que esse brilho se desloca do corpo mais sutil para o mais denso. 0^'Eu" com o quaWocê sejdentifica é criado inicialmente por suas crenças e razões para viver (corpo causal), que dão origem às ideias (corpo mental) e sentimentos (corpo emocional). Somente no final da sequência o corpo físico recebe o impulso da vida. Como disse Merlim:

— Os mortais acreditam ser máquinas físicas que aprenderam a pensar. Na verdade, eles são pensamentos que aprenderam a criar uma máquina física.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Sob o aspecto prático, esse conhecimento encerra enormes implicações. Se você supuser que é acima de tudo um ser físico, você viverá a vida de uma maneira completamente diferente de alguém que se considere fundamentalmente um ser sutil.

Artur e Merlim voltavam para casa após uma viagem a Questing Wode, a densa floresta que era o domínio do mago. Como de costume, Artur estava muito mais cansado do que Merlim depois do esforço; ele se deitou debaixo de uma árvore para tirar um cochilo. No entanto, tão logo havia fechado os olhos, sentiu que alguém estava lhe cutucando as costelas.

— Que é? — resmungou ele, sonolento. — Deixe-me dormir.

Cutucando-o de novo com um bastão de aveleira, Merlim sacudiu a cabeça do menino.

—Você precisa estar forte para a última etapa do percurso. Se você tirar um cochilo, ficará exausto.

—Exausto? É exatamente por estar exausto que estou tentando cochilar — replicou Artur.

—Ah, mas você trabalha muito mais dormindo do que acordado — disse Merlim. Ele sabia que esse comentário despertaria a curiosidade de Artur, e depois de se virar de um lado para o outro algumas vezes na grama macia, o garoto se sentou.

—Que tipo de trabalho eu faço durante o sono? Por que não tenho consciência disso? — perguntou ele.

—Oh, todos os tipos de trabalho — retrucou Merlim de um modo casual. — Quando você dorme, seu corpo físico descansa e se renova. Nos sonhos, o corpo emocional concretiza seus desejos, temores, esperanças e fantasias. O corpo causal retorna ao mundo de luz, que algumas pessoas percebem como o céu. Outras, contudo, o percebem como a solução repentina de um problema ou um *insight* inesperado que elas têm ao acordar. De todas essas maneiras, você está reajustando a intricada coordenação existente entre seus corpos.

"O ato mais criativo que você pode executar é o ato de criar a si mesmo. Ele tem lugar em incontáveis níveis, visíveis e invisíveis. Ele dirige toda a inteligência do universo, comprimindo bilhões de anos de conhecimento em cada segundo da vida.

"Você não compreende", disse Merlim a seu discípulo, "que a história do universo o trouxe aqui neste segundo? Somos os filhos privilegiados da criação, para quem tudo isso foi feito."

Se sua verdadeira origem situa-se no mundo sutil e invisível em vez de no mundo físico, então seu corpo não é na verdade formado por células. Elas não são as partes componentes da vida, e o mesmo podemos dizer com relação aos átomos e moléculas nos quais as células podem se desmembrar. O corpo é construído sobre abstrações invisíveis chamadas informação e energia — ambas contidas em seu ADN.

Mas o mago esmiuça ainda mais profundamente o mundo invisível, sabendo que as crenças mais profundas são as forças criativas mais poderosas. Seu corpo físico surgiu do impulso impetuoso da vida contido no ADN. Sem esse impulso, as informações e a energia são inertes. Analogamente, seus pensamentos e emoções penetram no mundo oriundos dos impulsos invisíveis de inteligência que formam seu corpo mais sutil, o corpo causal.

De acordo com os magos, o motivo de dormirmos à noite é organizarmos esses corpos depois do esforço exercido quando estamos despertos e ativos.

Mas o trabalho mais sutil de todos é executado no puro silêncio. Na próxima vez em que você notar um momento passageiro de tranquilidade no qual você não tenha pensamentos, desejos ou sentimentos, não o considere um momento de distração. Sua consciência deslizou entre as fissuras dos corpos físico, emocional, mental e causal. No silêncio profundo, retornamos à causa última, ao Ser puro. Ali você se vê frente a frente com o útero da criação, a fonte de tudo que existiu, existe ou existirá, que é simplesmente você.

8- Lição

O poder é uma faca de dois gumes.
O poder do ego busca controlar e dominar.
O poder do mago é o poder do amor.

A sede do poder é o eu interior.

O ego nos segue como uma sombra escura. Seu poder é inebriante e sedutor, porém essencialmente destrutivo.

O eterno conflito de poder termina na unidade.

Pouco antes de deixar a proteção de Merlim, Artur ficou muito melancólico. Eleja estava com quase quinze anos, e raramente vira outras pessoas.

— Você está triste por que vai ficar com *eles?* — perguntou Merlim. — Afinal de contas, você pertence à espécie deles.

Artur afastou o olhar.

—Estou triste, mas não é por esse motivo.

—Por que então?

—Quero lhe fazer uma pergunta, mas não sei como fazê-la, ou se devo fazê-la.

—Faça a pergunta.

Artur mostrou-se hesitante.

— Não é sobre nenhuma lição que você me ensinou. Mas é uma coisa que desejo saber acima de tudo, quer dizer, se você quiser me contar... — Ele fez uma pausa, meio sem jeito.

—Talvez você queira saber como é estar apaixonado?

Artur fez que sim com a cabeça, feliz por ter sido salvo pela intuição de Merlim. O velho mago pensou por um momento e disse:

— Em primeiro lugar, não se envergonhe, porque você fez uma pergunta realmente importante. Quando se está apaixonado, existe algo que não pode ser captado através de palavras, mas venha comigo.

Merlim conduziu Artur a uma clareira onde brilhava o sol do meio-dia. Uma vela acesa surgiu na mão do mago, e ele a ergueu contra o sol.

—Você consegue ver se ela está acesa ou apagada? — perguntou Merlim.

—Não — respondeu Artur. O sol estava tão brilhante que a chama da vela se tornara invisível.

—Mas veja — disse Merlim. Ele colocou uma bola de algodão perto da vela, e ela se inflamou imediatamente.

—O que tem isso a ver com o amor? — perguntou o rapaz. Mas Merlim não respondeu. Ele apenas pegou uma flor de genciana silvestre e espremeu duas gotas de seu sumo sobre os dedos de Artur.

—Prove — ordenou ele. Artur fez uma careta.

—É muito amargo.

Merlim levou o rapaz até um lago e lhe disse que lavasse as mãos.

—Agora prove a água — ordenou ele. — Você sente algum amargor?

—Não — admitiu Artur. — Mas o que tem isso a ver com o amor? Novamente Merlim não respondeu, embrenhando-se ainda mais com o rapaz na floresta.

—Sente-se e fique imóvel — disse ele suavemente. Artur fez como lhe fora ordenado. Depois de alguns momentos, um camundongo surgiu furtivamente alguns metros à frente. Uma sombra passou pelo alto, e antes que pudesse se mover, o camundongo foi arrebatado por uma águia, que partiu voando com sua presa em direção a um ninho num penhasco escarpado.

Desconcertado, Artur disse:

— Mas você disse que ia me ensinar o que é o amor. Por acaso alguma dessas coisas que você me mostrou tem relação com a minha pergunta?

— Ouça — disse o mestre. — À semelhança da vela que se torna invisível diante do sol, seu ego se dissolverá na força arrebatadora do amor. Como o sabor amargo que não pode ser detectado quando é diluído pelo lago, o amargor da sua vida será mais doce do que a mais doce das águas quando combinado ao amor. E como a presa devorada pela águia, seu orgulho se tornará um lampejo aos olhos do amor que o consome.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

O poder do amor é o poder da pureza. A palavra *amor* é empregada de muitas maneiras, mas é uma palavra sagrada para o mago, porque para ele, o *amor* é "aquilo que dissolve todas as impurezas, deixando apenas o verdadeiro e o real".

—Enquanto você sentir medo, você não poderá amar de verdade — advertiu Merlim. — Enquanto você sentir raiva, você não poderá amar de verdade. Enquanto você tiver um ego egoísta, você não poderá amar de verdade.

—Como então eu poderei amar? — indagou Artur, por saber que o medo, a raiva e o egoísmo eram coisas que ele sentia com bastante frequência.

—Ah, eis o mistério — replicou Merlim. — Por mais impuro que você seja, o amor irá à sua procura e trabalhará em você até que você seja capaz de amar.

O amor procura a impureza para poder consumi-la. Não existe algo como uma pessoa sem amor, existem apenas pessoas que não conseguem sentir a força do amor. Por ser invisível e continuamente presente, o amor é mais do que uma emoção ou um sentimento; ele é mais do que o prazer ou até que o êxtase. O amor é encarado pelos magos como o ar que respiramos, a circulação em cada célula. O amor tudo permeia a partir da sua fonte universal. Eieij)j^exsurjrejTiivpíiDiu_e sejTj^mrjregar_a_ força, o amor tudo atrai para si. Até no sofrimento, o poder do amor continua seu trabalho, bem longe da vista do ego e da mente. Comparadas com o amor, todas as outras formas de poder são medíocres.

—Você é tão poderoso quanto um rei? — perguntou Artur a Merlim.

—O que o faz pensar que um rei possui algum poder? — indagou Merlim como resposta. — O poder do rei lhe é conferido por seus súditos, que podem se revoltar a qualquer momento e retomá-lo. É por isso que todos os reis vivem com medo, eles sabem que tudo que possuem é na verdade emprestado. O súdito mais pobre do reino é mais rico do que o rei, ou seja, até que ele se desfaça do seu poder e se curve diante dele.

O verdadeiro poder na vida é o poder interior. Ser capaz de ver o mundo à luz do amor, que só pode vir do interior, é viver sem medo, numa paz inabalável.

O amor encerra muitos segredos que escapam à atenção das pessoas. Para receber amor. primeiro você precisa dá-lo Para certificar-se de que outra pessoa o ama incondicionalmente, você não pode impor condições a ela-Para aprender a amar outra pessoa, você precisa primeiro amar a si mesmo. Grande parte dessas afirmações parecem óbvias. Por que, então, não agimos de acordo com esses preceitos?

A resposta do mago é que o amor precisa ser descoberto, despido das camadas de raiva, medo e egoísmo que o encobrem como um verniz velho. Para alcançar uma vida de amor total, purifique a vida que você tem. Não existe uma maneira certa ou errada de abordar o amor.

— Uma pessoa que procura desesperadamente pelo amor — disse Merlim — me faz lembrar um peixe que busca desesperadamente a água.

O amor pode estar extremamente ausente da vida, mas é na verdade o olho do observador, e não o mundo "lá fora", que priva alguém do amor.

O primeiro passo para alcançar o amor como um aspecto completo, inabalável da sua vida é redefinir o que você chama de amor neste momento. Quase todos nós pensamos no amor como uma atração que sentimos por outra pessoa, como uma força carinhosa que nos faz sentir queridos, como prazer e alegria, ou como uma emoção ou sentimento poderoso. Embora o amor seja um aspecto de todas essas definições, o mago diria que, na melhor das hipóteses, elas são parciais.

—O amor que vocês, mortais, definem precisa esmaecer e morrer — declarou Merlim. — O suposto amor de vocês vem e vai embora. Ele se desloca de um objeto de desejo para outro. Ele rapidamente se transforma em ódio se seus desejos são contra riados. O verdadeiro amor não pode mudar, ele não está relaci onado com nenhum objeto, e não pode se transformar em outra emoção porque, em primeiro lugar, ele não é uma emoção.

Se descartarmos todos os tipos falsos ou superficiais de amor, o que resta? A resposta começa a emergir com a auto-aceitação. Por ser uma força interior, o amor é visto inicialmente dentro de você e dirigido para você.

—Os mortais ficam febris, inquietos e ansiosos com o amor — disse Merlim. — Se eles não conseguem ter a pessoa amada, eles acham que vão morrer. Mas o amor não pode torná-lo inquieto, não o verdadeiro amor, porque ele nunca procura ir para o exterior. O ente querido mais desejado é apenas uma extensão de você mesmo. O amor que você acha que vai receber de outra pessoa revela uma limitação da sua consciência. Para o mago, todas as formas de amor vêm do eu.

—Isso soa terrivelmente egoísta — objetou Artur.

—Você está confundindo o eu com o ego, quando na realidade o eu é o espírito — retrucou Merlim. — O egoísmo vem do ego, que sempre quer possuir, controlar e dominar. Quando o ego diz: "Eu o amo porque você é meu", ele está fazendo uma declaração sobre a dominação e a posse, não sobre o amor. Aqueles que aprenderam verdadeiramente a amar se despiram primeiro do egoísmo. Depois disso, tem início uma experiência completamente diferente.

—E como ela é? — indagou Artur. — Algum dia irei conhecê-la?

—Um dia, depois que você conseguir superar essa febre agitada, você verá uma pequena luz em seu coração. No início, ela será apenas uma centelha, depois a chama de uma vela, finalmente uma ardente fogueira. Você então despertará, e a chama devorará o sol, a lua e as estrelas. Nesse momento, não haverá nada além de amor no universo, mas todo ele estará dentro do seu coração.

VIVENDO COM A LIÇÃO

O aprendizado do afastamento do ego envolve três estágios — existem muitas camadas de isolamento, medo, hábito, egoísmo e raiva que nos impedem de experimentar o amor como o mago o conhece. O papel principal no aprendizado do contato com a força universal do amor pode inicialmente ser assumido por sua mente. Ela pode adotar uma nova perspectiva, o que pode ser depois seguido pela reeducação das emoções e das crenças.

Qual a base do novo ponto de vista da mente? Simplesmente que existe uma força de amor presente em todos os lugares e que você pode acreditar que ela vai trazer ordem e paz à sua vida. Experimente o seguinte exercício: saia e contemple o céu cheio de estrelas. Durante séculos a humanidade tem olhado para esse cenário, considerando sua incrível estrutura e beleza. Este mapa é um perfeito exemplo da sistematização da natureza: contemplando o céu noturno, podemos apreciar o fluxo do tempo que através de bilhões de anos alimentou cada pequeno passo da vida do universo, desde a organização do primeiro átomo de hidrogénio, passando pela formação das estrelas, ao advento do ADN. Nenhum fio foi esquecido nessa enorme extensão de tempo; cada informação e energia evoluiu de maneira a permitir que você, o observador, contemplasse um universo que é a imagem viva de todo o seu passado.

As forças no universo são imensas, estão além do alcance da mente, e contudo o processo que deu origem aos átomos de hidrogénio, às estrelas e ao ADN foi extremamente delicado. As coisas poderiam ter tomado direções muito diferentes; com efeito, poderiam ter avançado numa infinidade de direções, que não teriam resultado naquilo que você reconhece como sendo você. O que permite a ocorrência desse ato estabilizador é a organização e a inteligência. Na visão do mago, a ordem não pode simplesmente emanar da casualidade; ela é inata na criação. Assim, as forças titânicas que rodopiam pelo cosmo não guerreiam entre si; é-lhes permitido existir e evoluir como parte da tendência da natureza em direção ao crescimento.

Tome agora em conjunto todas essas qualidades:^_ordem^ p^ejjmjjjbrjj^aj2y0.luca.0je a inte]igência-Você está diante de uma

descrição do amor. Não é o ideal pojuiax^é_o^amor do mago — a força que sustenta e alimenta a vida. É aí que a mente~cõ?ne"ça a compreender que a força do amor é de fato real. Na vida moderna, nós nos acostumamos à aleatoriedade, à ideia de que a vida é precária e está ameaçada a todo momento. Mas a história da vida demonstra que ela sobreviveu por milhões de anos; de fato, ela parece criar condições para sua sobrevivência através de uma inteligência profunda que jamais é ameaçada. Por mais hostis que sejam as condições, a vida é inextinguível.

Você pode aplicar esse *insight* à sua vida. Imagine seu início, quando, contra bilhões de probabilidades, um único espermatozóide conseguiu fertilizar um óvulo no útero da sua mãe. Sua identidade atual depende inteiramente desse ato. As chances contra essa ocorrência única a teriam feito parecer impossível, mas aconteceu sem esforço. Analogamente, você tem sido agredido milhões de vezes pelo ambiente, pela poluição, radiação, e até por mutações aleatórias dentro das suas células; qualquer uma dessas agressões poderia ter encerrado suas chances de sobrevivência em qualquer momento desde a concepção até o dia de hoje. Entretanto, a inteligência e o poder organizador existentes dentro de você superaram com um desembaraço natural esses obstáculos, apesar de todo o esforço que sua mente consciente possa considerar necessário para que a vida continue. Na verdade, sua mente consciente não poderia antever ou planejar como conceber a vida, mantê-la em andamento ou defendê-la desses terríveis perigos.

Ora, se esse desembaraço natural pode operar no nível inconsciente e celular, por que não no nível consciente? Você consegue ver a si mesmo cavalgando a crista da onda da vida? Na verdade, é isso que você está fazendo neste exato momento. Seus impulsos pessoais de pensar, sentir e agir são como a crista de uma onda, que avança constantemente em direção ao futuro, e, contudo, constantemente se renova a partir das profundezas — o impulso do amor que continuamente sustenta a vida é como o ímpeto do oceano que renova cada onda.

Perceber isso é o início da confiança. Se forças titânicas como a gravidade e as imensas energias que alimentam as estrelas conseguem coexistir sem se destruir mutuamente, então

sua vida será sustentada. O medo e a dúvida dizem que isso não pode ser verdade; nossa profunda crença no esforço se baseia na noção de que se não lutássemos para sobreviver, seríamos esmagados pela indiferença aleatória da natureza. O mago descerra um caminho diferente, convidando-nos a ingressar num mundo no qual o medo, a violência e a destruição são reflexos das nossas crenças erróneas. A luz da confiança, à medida que ela aos poucos vai se desenvolvendo ao longo do tempo, você descobrirá que é um filho privilegiado do universo, totalmente seguro, completamente apoiado, inteiramente amado.

9- Lição

O mago vive num estado de conhecimento. Esse conhecimento dirige sua própria realização.

O campo da consciência se organiza ao redor das nossas intenções.

O conhecimento e a intenção são forças. O que você pretende muda o campo ã seu favor.

As intenções comprimidas em palavras envolvem o poder mágico.

O mago não tenta solucionar o mistério da vida. Ele está aqui para vivê-lo.

O menino Artur levou um longo tempo para reconhecer completamente que fora treinado por um mago. Merlim o levara para a floresta poucas horas depois de ele nascer, e foi somente ao retornar ao mundo, anos mais tarde, que Artur compreendeu a curiosidade despertada pela sua associação com um *mago.*

—Se você realmente conheceu Merlim — diziam as pessoas (aquelas que se davam ao trabalho de achar que o rapaz não era simplesmente louco) —, que encantamentos ele lhe ensinou?

—Encantamentos? — perguntava Artur.

—Feitiços, sortilégios, palavras especiais que conferem a Merlim seus poderes — diziam eles, imaginando que Artur devia estar ou muito confuso ou muito iludido.

—Merlim ensinou-me algumas coisas a respeito das palavras — declarou Artur lentamente, ponderando a pergunta. — Ele disse que as palavras contêm poder, que elas encobrem segredos como alçapões que encobrem passagens subterrâneas.

Essa explicação encerrava uma qualidade sutil, mas as pessoas ainda não estavam satisfeitas. Elas queriam saber de que modo os encantamentos de Merlim efetivamente funcionavam.

— Bem — retrucava Artur —, quando eu era um bebé, lembro-me de Merlim dizendo: "Coma". Quando cresci um pouco, ele disse: "Ande", e se eu ficava acordado até tarde, ele dizia: "Durma". Até onde consigo me lembrar, tenho comido, andado e dormido desde então, de modo que esses devem ter sido encantamentos poderosos, vocês não concordam?

Ninguém concordava. As pessoas iam embora perguntando a si mesmas se essas bobagens que o jovem Sir Ector havia assimilado algum dia serviriam para alguma coisa.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

O poder das palavras não repousa no seu significado superficial e sim em suas qualidades ocultas. Toda palavra, por exemplo, encerra o conhecimento e a intenção. Ambos são qualidades mágicas. A magia do conhecimento é que muitas camadas de experiência, na verdade, toda uma história, podem ser acondicionadas em poucas sílabas.

—Chame seu reino de Camelot — aconselhou Merlim antes de o rapaz partir para o mundo.

—Por quê? — perguntou Artur.

—E uma palavra nova que não precisa suportar o peso da história da maneira como a *Inglaterra* precisa — respondeu Merlim. — As pessoas a identificarão com você e com todos os que você reunir à sua volta. Ela servirá de pedra de toque. No momento em que as pessoas a pronunciarem, todo o seu reino e todas as suas façanhas se abrirão para eles, como se ao toque de uma alavanca se abrisse a porta de um armário cheio de riquezas. — O que veio a ser verdade.

As palavras mais ricas na linguagem abrem passagens ocultas de significado e conhecimento. Mas a segunda qualidade das palavras, a intenção, é ainda mais poderosa. Uma intenção estava sendo expressa quando Merlim, como qualquer pai ou

mãe, disse a seu protegido que comesse, andasse e dormisse. Foi através dessas palavras que todos aprendemos importantes funções, mas agora que as conhecemos, as palavras deixam de ser necessárias. Você não diz mais para si mesmo que deve comer, andar ou dormir. A intenção da palavra foi absorvida por você, e tudo que você necessita agora é de um lembrete ("Acho que vou dormir agora"), e o resultado desejado acontece. É realmente correio chamar isso de encantamento, como fez Artur? Sim, porque quando a intenção de uma palavra é absorvida, um feitiço é lançado sob a forma de uma impressão mental. Diga a palavra *escola* para qualquer pessoa, e imediatamente a experiência de ir à escola será despertada. O bom aluno fará associações de sucesso e elogios, e o mau aluno de fracasso e críticas. Toda a nossa vida está acondicionada dentro de nós como impressões desencadeadas por palavras.

— Os mortais estão envolvidos pelas palavras da maneira como a aranha envolve moscas em sua teia — declarou Merlim. — A diferença é que neste caso vocês são ao mesmo tempo a aranha e a mosca, porque vocês se aprisionam em sua própria teia.

Sem dúvida, é verdade que usamos nossas palavras para imprimir os hábitos que fazem com que a vida prossiga inconscientemente. A questão de nos identificarmos com nomes e rótulos já foi mencionada; estes, é claro, são palavras. Mas que palavras nos permitirão abandonar velhos hábitos e a identificação limitada? Se toda palavra forma uma impressão na mente, todas as palavras estão fadadas a serem limitantes?

— O paradoxo das palavras — disse Merlim — é que você precisa usá-las para disciplinar-se e exercitar-se. Os bebés são desprovidos das funções de andar, falar e ler. Cabe à mãe e ao pai educar a criança e prepará-la para o mundo, e isso é feito através de palavras.

"O problema é que as palavras também trazem consigo um significado psicológico. É por meio das palavras que os pais fazem as crianças se sentirem bem ou mal, acharem que estão certas ou erradas. As mais poderosas expressões que qualquer pessoa pode usar são *sim* e *não.* O efeito dessas duas sílabas é criar limites ou eliminá-los. Todas as coisas que você acha que

pode fazer têm um sim embutido dentro delas, geralmente emitido pelos pais ou um professor num passado distante. Tudo que você acha que não pode fazer tem um não embutido, originário das mesmas fontes."

—Por que isso é um paradoxo? — perguntou Artur.

—Porque embora as palavras nos digam quem somos, somos mais do que elas podem expressar. Por mais poderoso o feitiço lançado pelas palavras, as pessoas podem mudar. O poder das palavras pode criar alguma coisa nova, não apenas um limite.

O mago usa palavras para dizer sim a coisas às quais nos ensinaram a dizer não. Num certo nível, é isso que este livro está fazendo — tecendo um novo mundo de significados para substituir antigos significados que nos acompanham desde crianças. Mas existe aqui um mistério mais profundo. As palavras abrangem tanto o conhecimento quanto a intenção; por conseguinte, expressar uma intenção através de palavras é o primeiro passo para transformá-la em realidade. Dois bons exemplos são a prece e a afirmação. Afirmar coisas como "Eu sou bom" ou rezar a Deus com palavras como "Faça com que eu fique curado" é mais do que apenas expressar verbalmente os pensamentos.

Sempre que uma palavra é respaldada pela intenção, ela penetra o campo da consciência como uma mensagem ou um pedido. O universo está sendo avisado de que você tem um certo desejo. Nada mais é exigido para que os desejos se tornem realidade, porque a habilidade de computação da consciência universal é infinita. Todas as mensagens são ouvidas e processadas.

— Os mortais e os magos não são tão diferentes quanto você possa imaginar — disse Merlim. — Ambos enviam seus desejos ao campo esperando uma resposta, mas no caso dos mortais, as mensagens são deturpadas e confusas; no caso dos magos, elas são claras e transparentes. Nenhuma intenção jamais é des considerada, mas pode haver obstáculos à sua realização porque existem muitos conflitos ocultos nelas, todos os conflitos do coração humano.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Viver com esta lição significa reconhecer que sua intenção conduz a um resultado. O mago é alguém que sabe precisamente como introduzir suas intenções no campo e esperar que elas se tornem realidade. O restante de nós não é tão consciente. Também estamos constantemente enviando intenções para o campo, mas o fazemos inconscientemente. Nossos desejos são aleatórios, repetitivos ou obsessivos, e tudo isso é um desperdício de energia.

— Vocês, mortais, supõem que precisam se esforçar para tornar seus sonhos realidade — disse Merlim —, quando, na verdade, a maior parte do trabalho que vocês fazem *impede* que seus sonhos se transformem em realidade.

Do ponto de vista do mago, quanto menos esforço for despendido, melhor. Em seus ensinamentos, os magos mostram a seus discípulos como pensar de uma maneira mais organizada, consciente e eficaz. Para fazer isso, primeiro você precisa eliminar os hábitos de pensamento que obstruem a capacidade do universo de realizar seus desejos.

Imagine que sua mente é um radiotransmissor que bombardeia o campo com mensagens. Se você se sentar em silêncio e observar sua mente, verá que ela está repleta de sinais embaralhados. Também temos dúvidas a respeito das coisas que queremos realizar; a pessoa a quem queremos recorrer também é alguém com relação à qual não nos sentimos seguros.

Da mesma forma, a mente está repleta de repetições inúteis. Foi estimado que 90 por cento dos pensamentos que uma pessoa tem num dia qualquer são os mesmos que os do dia anterior. Isso acontece porque somos criaturas de hábito, preocupação e obsessão. Finalmente, a mente está cheia de estática inconsciente, que recua às profundezas da memória da infância. Você pode estar prestando atenção apenas aos seus pensamentos conscientes e voluntários, mas em segundo plano sua mente inconsciente se agita com esperanças não realizadas e antigos temores e desejos — em resumo, todas as coisas que não pareceram se tornar realidade no passado.

As intenções são simplesmente desejos, e os desejos estão ligados àquilo que você precisa. Por conseguinte, toda essa atividade da mente que não está sendo consumada é formada por antigas *necessidades* que não foram satisfeitas. Milhares de vezes no passado você pensou "eu desejo" ou "eu espero", mas nada parecia acontecer, ou então aconteciam coisas diferentes, menos desejáveis.

—Gostaria de poder fazer uma faxina no seu cérebro — resmungou Merlim certa vez quando Artur estava agindo de uma maneira particularmente confusa. — Seu pensamento deveria fluir livremente; em vez disso, ele é uma guerra.

—Por que você não pode limpar meu cérebro? — indagou inocentemente Artur.

—Porque tudo que está dentro dele é você. — Merlim suspirou. — Você se transformou nesses conflitos velhos e repetitivos, e eles não desaparecerão enquanto você não mudar.

O primeiro passo em direção à mudança é o *reconhecimento.* Reconheça que pelo menos algumas esperanças e desejos seus se tornaram realidade. Inesperadamente, sem que você tivesse que fazer nada, pessoas telefonaram exatamente quando você precisava falar com elas, você recebeu ajuda de onde menos esperava, preces foram atendidas. Tudo isso está acontecendo no campo. Quando você tem uma intenção e a envia para a consciência universal, você está na verdade falando consigo mesmo de outra maneira. Na qualidade daquele que envia a mensagem, você é um indivíduo que vive aqui no tempo e no espaço. Mas você também é aquele que recebe a mensagem, no seu aspecto de eu superior que preside sua identidade espaço-tempo. E ainda mais do que isso, você é o veículo transmissor da mensagem, a consciência propriamente dita.

Para você poder ver realmente a si mesmo, você precisa se ver como possuindo esses três aspectos: o de quem envia, o de quem recebe e o de veículo transmissor. O tema encerra muitas variações: você é o desejo, aquele que deseja, e aquele que concede os desejos. Este estado tríplice é conhecido como unidade. Por conseguinte, enviar uma intenção ao campo e receber uma resposta não é algo que você precise se esforçar para alcançar. Em sua natureza unificada, *tudo* que você faz é

satisfazer as intenções; essa é sua ocupação de tempo integral. Você não pode ter um único pensamento que deixe de produzir algum resultado.

O problema é que não conseguimos perceber os resultados que são excessivamente sutis, que não se encaixam imediatamente nas nossas metas, que não coincidem com a opinião do nosso ego a respeito de o que *deveria* acontecer.

— Vocês, mortais, vivem num mundo de *deveria* e *e se* — disse Merlim. — Eu vivo num mundo de *o que é.*

Quando você aprende a acalmar a mente e purificá-la de todos os seus antigos conflitos, a realidade simples de como o universo funciona — o *o que é* — se revelará. Vamos falar mais a respeito deste assunto na Terceira Parte deste livro. Por enquanto, dedique um pouco de tempo todos os dias a observar o conteúdo da sua mente. Este ato de observar, embora extremamente simples, é uma das medidas mais poderosas que você pode tomar para efetuar mudanças. Você não pode mudar o que você não vê.

Seu ego poderá não gostar de admitir que você está cheio de negações, conflitos, intenções desordenadas, vergonha, culpa e todas as outras confusões que obscurecem a mente e a impedem de enxergar a realidade de *o que é.* Com efeito, o ego se orgulha da sua habilidade de esconder essas coisas de você, sob o pretexto de que você poderá sofrer se contemplar seus erros, falhas e pecados.

O segundo passo é aprender como *realizar suas intenções.* Os passos são completamente naturais, mas precisam ser aprendidos. Faça com que o ego, com todas as suas expectativas e previsões, recue para segundo plano. Em vez de sentir que você precisa controlar o resultado da sua intenção, esteja convencido de que o campo fará o trabalho para você. Liberte sua intenção no campo do intemporal; quanto mais expandida estiver sua consciência, mais claro será o sinal que você irá enviar.

Finalmente,//*/^ *tranquilo e natural* com relação a todo o processo. Quando todos esses passos se reunirem, sua intenção penetrará o campo da consciência, que atua como uma matriz que liga seu pensamento individual a tudo que é. O fluxo desem-

baraçado em direção a um resultado não será ameaçado nem obstruído pelas ansiedades e apegos do ego temeroso.

Na verdade, nenhum dos aspectos ditos negativos da mente é pecado.

— Lembre-se sempre — recomendou Merlim ao menino Artur — de que Deus não julga, é só a mente que o faz.

Ter nossos mais sinceros desejos realizados é o que Deus quer para cada um de nós; esse é nosso estado natural como criadores da nossa realidade.

10ª Lição

Todos possuímos um eu-sombra que é parte da nossa realidade total.

A sombra não está presente para magoá-lo e sim para mostrar-lhe onde você está incompleto.

Quando a sombra é abraçada, ela pode ser curada. Quando ela é curada, ela se transforma em amor.

Quando você puder viver com todas as suas qualidades opostas, você estará vivendo seu eu total como o mago.

— Você jamais parece se sentir solitário — comentou Artur. Havia uma ponta de inveja na voz do menino. O mago perscru-tou-o atentamente.

—É verdade, é impossível ficar sozinho.

—Talvez para você, mas... — O menino se conteve, mordendo os lábios. Mas seus sentimentos levaram a melhor, e ele desembuchou: — É bem possível sentir-se sozinho. Não há ninguém na floresta a não ser você e eu, e apesar de eu amá-lo como se você fosse meu pai, existem momentos... — Sem saber mais o que dizer, Artur parou de falar.

—É impossível alguém ficar sozinho — repetiu Merlim com mais firmeza.

A curiosidade levou vantagem sobre os sentimentos de Artur.

—Não vejo por quê — disse ele.

—Bem, existem apenas duas classes de seres com os quais precisamos nos preocupar nesta questão — começou Merlim. — Os magos e os mortais. E impossível para os mortais ficarem sozinhos porque vocês têm muitas personalidades lutando den-

tro de vocês. É impossível para os magos ficarem sozinhos porque eles não têm nenhuma personalidade dentro de si.

—Não compreendo. Quem está dentro de mim além de mim mesmo?

—Em primeiro lugar, você precisa perguntar quem é essa coisa que você chama de mim mesmo. Apesar da sensação de que você é uma única pessoa, você é na verdade um composto de muitas pessoas, e suas múltiplas personalidades nem sempre se dão bem umas com as outras; aliás isso está longe de acontecer. Você está dividido em dezenas de facções, cada uma lutando para ocupar seu corpo.

—Isso acontece com todo mundo? — indagou o menino.

—Oh, sim. Enquanto você não encontrar seu caminho para a liberdade, você será mantido como refém pelo conflito existente entre suas personalidades internas. Segundo minha experiência, os mortais estão sempre deflagrando guerras interiores que envolvem todas as facções possíveis.

—Ainda assim, sinto que sou uma só pessoa — protestou Artur.

—Não posso fazer nada a respeito disso — replicou Merlim. — A sensação que você tem de ser uma única pessoa nasceu do hábito. Você poderia, com a mesma facilidade, ver a si mesmo da maneira como descrevi. Minha maneira é mais verdadeira, porque explica por que os mortais parecem tão fragmentados e conflituosos para o mago. De um modo geral, é tão desconcertante encontrar um mortal, que frequentemente acredito que estou falando com toda uma aldeia em vez de com um único pacote de carne e osso.

O menino mostrou-se pensativo.

— Por que então eu me sinto tão solitário? Porque, Mestre, para dizer a verdade, é assim que me sinto.

Merlim olhou para seu discípulo com um olhar penetrante.

— É de causar espanto que com todas essas pessoas lutando para ocupar seu corpo você possa em algum momento se sentir sozinho. Mas cheguei à conclusão que a solidão existe porque as outras pessoas existem. Enquanto existir "eu" e "você", haverá um sentimento de separação, e onde existe a separação existe

necessariamente o isolamento. O que é a solidão senão outro nome para o isolamento?

—Mas sempre haverá outras pessoas no mundo — protestou Artur.

—Você está tão certo disso? — replicou Merlim. — Sempre haverá pessoas, isso é inegável, mas serão elas sempre *outras* pessoas? Espere até chegar ao fim do caminho do mago, e conte-me então como você se sente.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Se você olhar atentamente para dentro de si, encontrará muitas personalidades competindo para usar seu corpo. Por exemplo, o conflito entre o bem e o mal dá origem a duas personalidades chamadas santo e pecador. Elas nunca param de discutir; um dos lados espera eternamente ser suficientemente bom para satisfazer a Deus, e o outro sente eternamente impulsos "maus" que nem sempre podem ser reprimidos.

A seguir estão os papéis com os quais você se identifica — filho, pai, irmão, irmã, homem, mulher, sem falar na sua profissão: médico, advogado, padre, assistente social infantil, e assim por diante. Cada um desses fez uma reivindicação dentro de você, elevando a voz acima da dos outros a fim de apresentar um limitado ponto de vista. Repare que nem mesmo tocamos no seu senso de nacionalidade e identidade religiosa — esses sozinhos podem causar infinitos problemas.

Essas personalidades estão geralmente em conflito. O que chamamos de felicidade é um estado no qual grande parte desse conflito desaparece. Quando você nasceu não havia uma guerra dentro de você, porque os bebés não estão em conflito por causa de seus desejos. As vozes do bem e do mal, por exemplo, são inexistentes até o bebé ter idade suficiente para assimilar esses conceitos dos seus pais.

—Você não pode se tornar um mago enquanto não pensar novamente como um bebé — declarou Merlim.

—Como é que o bebé pensa? — perguntou Artur.

—Basicamente sentindo. O bebé sente quando está com fome ou com sono. Quando as sensações são apresentadas a ele, o bebé é capaz de sentir se elas lhe trazem prazer ou dor, e ele reage em conformidade com o que sente. O bebé não se sente inibido por desejar o prazer e querer evitar a dor.

—Não vejo nada de especial nisso — disse Artur. — Os bebés apenas choram, riem, comem e dormem.

—Muitos mortais teriam sorte se fizessem isso depois de adultos — murmurou Merlim. — Estar aqui neste mundo num estado de contentamento é uma verdadeira realização.

O instinto inocente do bebé recém-nascido a respeito do que parece bom ou mau rapidamente se perde. Começam a surgir vozes dentro dele; no início, a voz da mãe dizendo "sim" e "não", "bebé bom" e "bebé mau". Quando sim, não, bom e mau estão em concordância com o que o bebé quer, não existe dano. Mas inevitavelmente acaba surgindo um conflito entre as necessidades do bebé e o que seus pais esperam. O mundo interior e o exterior começam a colidir. Em breve são semeadas as sementes da culpa e da vergonha; o temperamento destemido do recém-nascido é manchado pelo medo. O bebé aprende a duvidar de seus instintos. O impulso interior de "É isso que eu quero" se transforma na pergunta:"É aceitável que eu queira isso?"

Passamos a vida nos esforçando para voltar ao estado de auto-aceitação no qual naturalmente nascemos. Durante anos as perguntas se multiplicam, e empurramos nas cavernas secretas e nos porões escuros da psique a maior quantidade possível de dúvidas, vergonha, culpa e medo. Esses sentimentos permanecem vivos, por mais profundamente que os enterremos. Todos os conflitos internos que temos tanta dificuldade em conciliar reconduzem a um eu-sombra.

—Sua corte é muito interessante — comentou certa vez Merlim com Artur, depois de este se tornar rei. — Eu não percebera que vocês, mortais, têm todos o mesmo emprego.

—E mesmo? — perguntou Artur. — E qual é ele?

—Carcereiro — replicou Merlim, recusando-se a falar mais sobre o assunto.

Aos olhos do mago, somos todos carcereiros do nosso eu-sombra. A mente inconsciente é a prisão onde energias indese-

jáveis estão encarceradas, não por imposição, mas por terem sido marcadas por anos de sim e não, bom e mau. Depois de ponderar as palavras de Merlim a respeito de ele ser um carcereiro, Artur foi até o Mestre e disse:

—Não quero ser assim. Como posso mudar?

—Nada mais fácil — retrucou Merlim. — Certifique-se de estar desempenhando ambos os papéis, o de carcereiro e o de prisioneiro. Se você for os dois lados da moeda, nenhum dos dois poderá ser você, pois eles se neutralizam. Reconheça este fato e fique livre.

—Não sei como — protestou Artur. — De que maneira posso encontrar esse eu-sombra de que você fala?

—Apenas escute. Como todos os prisioneiros, ele tamborila mensagens na parede da sua cela.

O eu-sombra é apenas outro papel ou identidade que trazemos conosco, mas nós não o apresentamos em público. Na maior parte do tempo, o eu-sombra está excessivamente confuso e amedrontado para ser mostrado à luz do dia. Mas não existe nenhuma dúvida de que ele existe, pois cada um de nós inventou a própria sombra, uma persona cuja tarefa é conduzir todas as energias das quais não conseguimos nos descartar. Para o recém-nascido, o problema de se agarrar a sentimentos "maus" ou pouco saudáveis não existe. No instante em que você lança algo negativo no ambiente do bebé, ele chora ou se afasta.

Essa é uma reação extremamente saudável, porque ao se expressar tão livremente, o bebé é capaz de livrar-se de energias que de outra maneira se agarrariam a ele. Quando crescemos, contudo, aprendemos que nem sempre é apropriado nos entregarmos a esse tipo de manifestação espontânea. Em nome da polidez e do tato, de conhecermos nosso lugar, ou ainda de fazer o que nossos pais mandaram, cada um de nós aprendeu a se agarrar a energias negativas. Nós nos tornamos baterias com uma vida útil cada vez maior, até que agora, como adultos, nos agarramos a uma raiva, ressentimento, frustração e medo com anos de existência. O pior de tudo é que nos esquecemos do instinto de descarregar nossas baterias.

— Um dia você ficará muito interessado em ver o quanto vo
cê se parece com uma bomba — disse Merlim para o menino Artur.

—O que é uma bomba?

—Se você vivesse às avessas no tempo, que aliás é a única maneira sensata de viver, você saberia. — Merlim pensou durante um segundo. — Imagine que você sopre uma bexiga de porco até ela estourar. Uma bomba trabalha de acordo com o mesmo princípio, exceto que ela explode com tanta força que mata as pessoas.

—Meu Deus, isso não poderia ser evitado no futuro? — perguntou Artur alarmado.

—Não, você não compreendeu. As bombas explodem *porque* matam pessoas. Esse é o ponto. Só mencionei isso porque as bombas são extremamente parecidas com os mortais, pois estes estão o tempo todo prestes a explodir. A explosão de granadas — é assim que eles vão chamar as coisas que vão explodir — nada mais é do que a explosão da raiva manifestada. Com efeito, se os seres humanos pudessem explodir e matar as pessoas sem temer uma represália, a maioria deles o faria.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Acabar com a guerra interior significa fazer chegar ao fim o conflito entre todas as suas personalidades. Você pode aliviar o eu-sombra da carga de energias do passado, criando assim uma condição para a paz interior, visto que é o medo de ser ferido que faz com que suas vozes interiores não tenham confiança umas nas outras. Mas você não pode começar a resolver essas tensões interiores enquanto não conhecer os componentes das suas personalidades interiores.

As personalidades são sempre formadas pela mesma coisa — uma energia antiga apegada a uma memória. Digamos, por exemplo, que você se lembra de ter sido punido quando criança por algo que você não fez. A energia do ressentimento ou da injustiça se apegará a essa lembrança, e você começará a criar um fragmento de personalidade — uma criança ressentida — que viverá de acordo com sua visão estreita das coisas até que essa energia seja liberada. A criança interior ressentida é apenas uma

memória que quer descarregar sua energia retida, e enquanto essa descarga não acontecer, essa energia ficará retida.

Como você tem recordações que encerram tanto associações felizes quanto associações dolorosas, as personalidades interiores se manifestam de maneiras agradáveis e desagradáveis. E agradável recordar ter sido elogiado por um bom trabalho; é desagradável lembrar ter sido criticado. Mas essas memórias opostas não se neutralizam; elas retêm sua integridade e conflito com seus opostos. Faz parte da natureza dos julgamentos dizer "Estou certo", mesmo que a experiência seguinte seja totalmente contraditória. A crítica ou a punição injusta seguirá com você, repetindo várias vezes as antigas cenas, enquanto no compartimento seguinte outra energia, a de ser tratado com justiça e bem recompensado estará expressando seu ponto de vista.

~f Você pode facilmente entrar em contato com essas energias retidas. Sente-se sozinho por um momento num aposento tranquilo. Inspire e expire relaxadamente. Agora, observe apenas o fluxo e o ritmo suave da respiração, sem alterar seu ritmo. Não vá adiante enquanto sua respiração não estiver agradável e estável. Quando isso ocorrer, tente lembrar-se de um incidente extremamente desagradável do seu passado, que envolva fortes emoções negativas, como a vergonha, a humilhação ou a culpa. Digamos que o tenham surpreendido colando numa prova ou até roubando. O fato de o incidente ter sido banal ou grave não é importante — você está em busca de uma emoção remanescente.

Traga à lembrança uma imagem vívida desse incidente e permita-se experimentar os sentimentos que o acompanharam. Observe agora sua respiração — ela não mais estará relaxada. Dependendo do tipo de emoção que você estiver recordando, sua respiração terá se tornado irregular ou superficial. Você poderá até mesmo ficar ofegante ou prender a respiração. Essas modificações refletem o fato de que a respiração é um espelho fiel do processo do pensamento, e particularmente de qualquer emoção que possa ser recordada. Você está na verdade vivenciando os três componentes sobre os quais falamos: a memória, a energia e o apego. Quando os três se reúnem, você obtém os primórdios de uma subpersonalidade.

Todas as subpersonalidades desejam a mesma coisa: ex-pressar-se através de você. O bebé que chora, a criança solitária, 0 adolescente frustrado, o amante esperançoso, o funcionário ambicioso, todos querem ter uma vida através de você. E eles o conseguem, até certo ponto. Nenhuma personalidade individual jamais se realiza completamente; por conseguinte todas pre cisam gritar para obter seu momento ao sol — ou à sombra.

E o conflito resultante que torna a vida humana tão ambígua, tão cheia de luz e sombra ao mesmo tempo. O mago, porém, vive somente na luz. A semelhança de um bebé, o mago não se agarra à energia. Tendo abandonado todos os apegos da memória que alimentam nossa guerra interior, o mago transcendeu a persona-1 idade e vive na consciência pura. A maneira de nos deslocarmos do estado mortal para o estado do mago pode parecer misteriosa, mas é, na verdade, totalmente natural. Tudo que é necessário é o *equilíbrio,* o qual o fluxo da vida é perfeitamente capaz de preservar.

Existem muitas maneiras de liberar antigas energias. Uma das mais poderosas é simplesmente reconhecer que elas estão presentes. Em vez de negar que você sente vergonha ou culpa, por exemplo, olhe para si mesmo e diga simplesmente: "É assim que eu me sinto". Com frequência esse momento de autoconsciência é suficiente, porque, em última análise, todas as energias retidas são capturadas e mantidas presas do lado de dentro através da negação. Supere a negação, e metade da batalha estará vencida. O reconhecimento é uma forma de auto-aceitação. Você não precisa dizer: "É aceitável sentir vergonha e culpa", porque na verdade essas são energias das quais você quer se descartar, e não perpetuar. Mas certamente é aceitável dizer: "Tenho esses sentimentos. Eles são reais."

Uma das técnicas mais eficazes para superarmos a negação emprega, mais uma vez, a respiração. Deite-se num aposento tranquilo e relaxe. Inspire da maneira que quiser, profunda ou superficialmente, rápida ou lentamente, e depois solte naturalmente o ar. Não adote nenhum ritmo nem faça esforço, apenas deixe o ar sair. Talvez você suspire ou fique um pouco ofegante; não há problema.

Inspire mais uma vez e, novamente, simplesmente solte o ar, sem forçar nem prender a respiração. Enquanto você continua a respirar dessa maneira, deixe que quaisquer emoções ou imagens venham à tona para serem liberadas. Esse processo pode ser favorecido se você focalizar a atenção no coração ou em qualquer parte do corpo onde você sinta sensações — certos pontos físicos estão estreitamente associados às emoções.

A medida que você dá seguimento ao exercício, suas energias retidas começarão a circular para fora. Os sintomas dessa descarga podem incluir memórias, sombras ou sentimentos indistintos, ou mesmo poderosas manifestações de emoções, como chorar. (Se os sentimentos se tornarem excessivamente fortes, interrompa o exercício e descanse de olhos fechados durante cinco minutos.) Quase todas as pessoas têm tanta energia armazenada que adormecem rapidamente quando respiram dessa maneira — isso é um indício de que uma fadiga profundamente retida está sendo liberada pelo seu corpo.

Se você não sentir nenhuma liberação de energia sob as formas que acabo de descrever é porque sua mente está atrapalhando o processo. Você pode ludibriar a mente modificando ligeiramente a respiração: experimente resfolegar superficialmente e com relativa rapidez. Essa respiração rápida, superficial e rítmica distrairá a mente consciente e permitirá que as energias passem desapercebidas por ela. Você poderá resfolegar dessa maneira no máximo por uns dois minutos, porque a liberação pode facilmente se tornar intensa demais.

Este exercício pode ser repetido para eliminar antigas energias armazenadas, mas ele também é extremamente útil para que você aprenda a descarregar qualquer emoção ou sentimento novo que queira sair. Como qualquer outra parte do seu ser, sua sombra deseja expressar-se e tornar-se livre, e o primeiro passo é descobrir uma maneira natural e confortável de liberar as energias negativas em vez de armazená-las nos calabouços ocultos da mente, y

11- Lição

O mago é o mestre da alquimia. A alquimia é a transformação.

É através da alquimia que você começa a busca da perfeição.

Você é o mundo. Quando você se transforma, o mundo em que você vive também será transformado.

As metas da busca — o heroísmo, a esperança, a graça e o amor — são a herança do intemporal.

Para invocar a ajuda do mago, você precisa ser forte na verdade, sem ser teimoso no julgamento.

Depois que o jovem Artur deixou a floresta de Merlim, ele foi morar com o velho Sir Ector e seu filho Kay. Ele recebeu o posto de escudeiro, mas apenas nominalmente. Artur não tinha nem família nem posses. Ele não tinha recursos para comprar suas roupas, e ninguém realmente acreditava que ele viesse de uma família nobre. Escondidos de Sir Ector, os garotos do estábulo costumavam atirar lama nele, e as criadas cochichavam que Artur conhecia magia negra.

Em decorrência disso, Artur passava muito tempo sozinho. Certo dia, ele estava sentado à margem de um bosque de carvalhos, contemplando um jarro de chumbo amassado, quando Kay casualmente passou por onde ele estava.

—Você roubou isso? — perguntou Kay desconfiado.

—Não — replicou Artur, sacudindo a cabeça. — Eu o peguei emprestado.

—Para quê?

— Alquimia.

Kay arregalou os olhos. Ele ouvira dizer que os magos tinham o poder de transformar os metais não preciosos em ouro.

— Você aprendeu alquimia? — perguntou Kay.

Artur fez que sim com a cabeça.

— Se você pode transformar chumbo em ouro — disse Kay agitado — nossa família será a mais rica da Inglaterra. Mostre-me como se faz.

Artur concordou e fez um gesto convidando Kay a sentar-se ao lado dele na grama. Sem proferir mais nenhuma palavra, ele começou a olhar fixamente para o jarro. Depois de algum tempo, Kay percebeu que os olhos de Artur estavam fechados. Ele esperou impaciente, mas quando Artur abriu os olhos quinze minutos depois, o jarro permanecia inalterado.

— Acho que você é um embusteiro — declarou Kay acaloradamente. — O jarro continua de chumbo.

Artur olhou calmamente para ele.

— Ora, claro que continua. Ele é apenas um ponto de referência. *É a mim* que eu estou tentando transformar em ouro.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

A alquimia é a arte da transformação. Como ensinado pelos magos, os segredos da alquimia existem para transformar os mortais, levando-os de um estado de sofrimento e ignorância para um estado de iluminação e bem-aventurança. Merlim disse:

— A alquimia acontece o tempo todo. Você não pode impedir que ocorram transformações em todos os níveis da vida. É na *sua* transformação que estou interessado. Em comparação com isso, transformar metais não preciosos em ouro é algo trivial.

A alquimia é uma busca, e a busca é sempre pela mesma coisa: a perfeição. Assim como o ouro é o mais perfeito dos metais porque não pode ser corrompido, a perfeição no ser humano significai liberdade com relação à dor, ao sofrimento, à dúvida e ao medo.

— Mas e se os seres humanos não forem capazes de se aperfeiçoar? E se formos de fato tão fracos e imperfeitos quanto parecemos? — indagou Artur.

— O segredo não repousa na sua *aparência* — replicou Merlim —, e sim em quão *profundamente* você está disposto a olhar.

As buscas são jornadas individuais, e cada passo é dado solitariamente. Mas Merlim tinha muito a dizer a Artur antes que este alcançasse o significado da sua busca.

— Já lhe disse muitas vezes que essa massa de carne e osso não é seu corpo, que essa personalidade limitada que você vivência não é seu eu. Seu corpo é na verdade infinito e um só com o universo. Seu espírito abarca todos os espíritos e não possui limites no tempo ou no espaço. O trabalho da alquimia lhe revelará essas verdades.

Quando Merlim pronunciou essas palavras, a época dos magos estava praticamente desaparecida, dando lugar à nova era, que seria governada pela razão. Esta última sustenta que a alquimia não é possível, e à medida que os magos recolhiam-se à penumbra da lenda, as pessoas começaram a aceitar que estavam de fato limitadas a viver como pacotes finitos de carne e osso em delgadas fatias de tempo e espaço.

Por termos como certo que as coisas sólidas são reais, atribuímos realidade à matéria sólida da qual somos feitos. Os mesmos átomos de hidrogénio, oxigénio e carbono formam as nuvens, as árvores, as flores, os animais e seu corpo, mas esses átomos estão em constante modificação e transformação — menos do que 1 porcento dos átomos que estavam presentes em seu corpo há um ano permanecem nele hoje. Mesmo sob o aspecto material, faz pouco sentido afirmar que você é feito de matéria sólida, quando debaixo dessa solidez existe um mundo de espaço vazio e fluxo constante. A busca que é a alquimia começa debaixo da superfície dos átomos e moléculas, atrás da aparência de mudança.

Mesmo quando menino, Artur estava ansioso pela sua primeira busca, e esperava ardentemente que Merlim lhe fornecesse um cavalo e um mapa. Mas Merlim disse:

— Os mapas são inúteis no lugar aonde você está indo, porque o território que você tem à sua frente está em constante

modificação. Seria a mesma coisa que tentar fazer um mapa da água corrente.

Tão logo você aceita que não é nada menos do que o fluxo da vida, a busca pela perfeição torna-se uma busca além do ilimitado. As coisas perfeitas dentro de você são a essência, o ser e o amor. Estes não podem ser limitados pelo tempo e pelo espaço. Quando você atravessa a sala, seu amor por sua família atravessa a sala? Quando você se molha na banheira, a sua essência se molha? As fronteiras podem ser mapeadas, e o aspecto visível de um ser humano pode ser cartografado como ossos, músculos, tecidos e células. O cérebro pode ser mapeado como caminhos para a incessante interação de dez milhões de neurónios. Entretanto, em ambos os casos, o mapa não é o território. A essência, o ser e o amor que compõem o ser humano possuem uma vida própria que começa e termina com a mesma percepção invisível.

—Posso vê-lo como uma nuvem de energias — disse Merlim a Artur. — E você pode me ver da mesma maneira, mas mesmo essa nuvem não é o verdadeiro você. Trata-se apenas de mais substâncias, só que num nível mais sutil.

—Que tipo de energias? — perguntou o menino.

—Vamos chamá-las de luz e sombra, que se deslocam ao redor da sua forma enquanto você pensa e sente. A luz fica diferente conforme você esteja feliz ou triste, inspirado ou cansado, animado ou entediado. Alguns mortais caminham pelo mundo como luzes brilhantes, outros como melancólicas sombras. Mas por mais luminosa que possa ser a luz, ela não é tão real quanto o silêncio puro que existe dentro de você.

—Por que não vejo a mim mesmo como você vê? — indagou Artur.

—Porque essas energias funcionam como mantos. Alguns são densos, outros leves, e não existem duas pessoas que possuam camadas idênticas. Mesmo assim, todos vocês se parecem com nuvens ambulantes. Enquanto você não despir as camadas que envolvem sua alma, você não perceberá o núcleo límpido e intemporal que jaz no centro do seu ser.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Na doutrina da alquimia, os quatro elementos — terra, ar, água e fogo — misteriosamente se combinaram para chegar a um produto final chamado vida. É inegável que você seja composto dos elementos terra, ar e água, rearrumados a partir de uma forma anterior, como a comida. No entanto, a chama que inflama esses materiais inertes não pode ser destilada, por não ser um fogo visível, ou mesmo um calor metabólico. É o fogo da transformação, puro e simples. Por conseguinte, você é a transformação, o transformador e o transformado. Você é seu próprio alquimista, que constantemente transmuda moléculas opacas e inertes na personificação viva de si mesmo. Esse é o ato mais criativo e mágico que você jamais poderá empreender.

Não existe limite para as maravilhas dessa alquimia. Em qualquer momento dado você pode estar lendo um livro, digerindo uma refeição, fabricando proteínas e enzimas, armazenando informações como memória, crescendo, respirando, sentindo seu ambiente, curando uma ferida, substituindo células mortas, evitando o ataque de vírus e executando inúmeras outras ativi-dades. Todas essas transformações ocorrem, em grande parte, desapercebidas. O alquimista é invisível, trabalha atrás dos bastidores, e poucos de nós pensamos, algum dia, em descobrir quem ele é. Seu lar não está situado no tempo e no espaço e sim no intemporal, além da memória.

Sente-se por um instante, e imagine que você consegue ver sua vida como um pergaminho que vai se desenrolando à medida que você examina eventos que aconteceram cada vez mais no passado. Comece desenrolando esse pergaminho até enxergar uma cena familiar, como a do dia em que você conseguiu seu atual emprego. Veja-a com clareza, e depois recue um pouco mais, digamos à época em que você frequentou a faculdade, e continue a desenrolar o pergaminho passando pelo segundo grau, primeiro grau e jardim de infância. Veja o mais claramente possível as cenas de quando você era criança, de quando você começou a andar, de quando era um bebé. Não importa que as

imagens não sejam vívidas; basta que você tenha um sentimento de como era ser você mesmo naquelas idades.

Recue agora ao dia em que você nasceu — isso será pura imaginação — e depois veja a si mesmo como feto, e a seguir como uma coleção de células transparentes que formam uma bola. Observe a bola até ela se transformar em duas células, e depois em uma. Finalmente, vá adiante e imagine-se antes disso, sem mesmo uma única célula à qual você possa se apegar.

Ao transpor esse limiar, repare que sua identidade não desaparece. Mesmo não tendo um corpo ou uma imagem para observar, você continua a ser quem você realmente é — uma consciência observante que permanece a mesma embora o cenário da sua vida constantemente se modifique. Essa é sua identidade como consciência, um alquimista sábio e ativo que permanece independente, atrás do incessante espetáculo da transformação.

Tente agora imaginar o desaparecimento dessa consciência. Em outras palavras, imagine uma época antes de você existir. Isso não pode ser feito, porque o alquimista não está limitado à esfera do tempo, onde todos os eventos têm um início e um fim. Analogamente, você pode desenrolar o pergaminho em direção ao futuro e tentar imaginar-se morto e completamente inexistente. Mais uma vez, isso não pode ser feito. Quando você alcança o final da memória, do sentimento, da emoção, da imaginação e das ideias, o que ainda permanece é você numa forma pura, como um impulso vital, que flui eternamente através do milagre da criação. Esse fluxo tem lugar como uma incessante transformação, a alquimia da existência estendendo-se por todos os mundos e transcendendo-os.

12ª Lição

A sabedoria está viva e é, portanto, sempre imprevisível.

A ordem é outra face do caos, o caos é outra face da ordem.

A incerteza que você sente interiormente é a porta de entrada para a sabedoria.

A insegurança sempre estará com o que busca — ele continua a tropeçar mas nunca tomba.

A ordem humana é feita de regras. A ordem do mago não tem regras — ela flui com a natureza da vida.

Pequenos detalhes da natureza amiúde chamavam a atenção de Merlim, e neles ele conseguia perceber lições. Certo dia, quando ele e Artur caminhavam pela floresta, ouviram um gaio repreen-dendo-os de um pinheiro nas proximidades.

—Pare e olhe — comentou Merlim baixinho.

O gaio era um pássaro nervoso e extravagante. Depois de chilrar para os dois intrusos, voou até outro galho para ter uma visão melhor. Depois de alguns segundos, ainda insatisfeito, voou para um terceiro. A seguir, o pássaro aparentemente esqueceu-se da presença dos dois e saltou no chão para examinar uma pinha. Em questão de segundos, ele patinhou numa poça d'água, enxotou uma garriça cinzenta e começou a bicar um pedaço de casca de árvore em decomposição.

—Qual é a sua opinião sobre esse modo de vida? — perguntou Merlim.

—Considero-a desprezível — replicou Artur. — O pássaro age como uma bola de penas desmiolada que não tem ideia do que vai fazer a seguir.

—E o que parece sempre que uma criatura vive apenas confiando em Deus — disse Merlim. — Ele passa os dias seguindo um impulso descuidado após o outro, sem pensar no futuro, e, no entanto, consegue viver muito bem, você tem que admitir.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

A natureza da vida é conter tanto o caos quanto a ordem. Os padrões emergem da desordem e se dissolvem novamente nela. Seu corpo é totalmente caótico em determinados níveis — átomos rodopiantes de oxigénio penetram na sua corrente sanguínea a cada respiração, numerosas enzimas e proteínas enchem cada célula, e até a descarga de neurónios em seu cérebro é uma incessante tempestade elétrica. No entanto, esse caos é apenas uma das faces da ordem, pois não há dúvida de que nossas células são obras-primas de uma função organizada, que nossa atividade cerebral resulta em pensamentos coerentes.

Com efeito, o caos e a ordem existem em tão estreita comunhão que não podem realmente ser separados.

— Antes de ser uma estrela dançante, você precisa ser o caos — disse Merlim. E isso é literalmente verdadeiro, pois os rodopiantes gases primordiais que formaram o universo tiveram que preceder o nascimento das galáxias. No início, esses gases não exibiam nenhum padrão, apenas uma leve tendência de serem atraídos uns para os outros. No entanto, a partir desse ténue indício de atração gravitacional, foi posta em movimento uma cadeia de eventos que acabou por conduzir à formação do ADN humano, uma molécula de tal modo complexa que perturbar qualquer um de seus três bilhões de unidades genéticas poderia estabelecer a diferença entre a vida e a morte.

Na escala pessoal, todos nos debatemos na ordem e na desordem. As coisas têm a tendência de se desintegrar; o que era

fresco e maduro acaba por se deteriorar; o que era jovem fica velho e morre.

— A morte é uma ilusão — disse Merlim —, mas a luta que os mortais empreendem diante da morte é extremamente real. Nenhum mortal efetivamente sabe o que é a morte, mas o evento é de tal modo assustador que os mortais lutam contra ele com todas as forças, sem perceber a tremenda desordem e o caos que provocam com essa atitude.

O mago sabe que a vida sempre se organizou a partir do interior. A mesma leve atração da gravidade que criou as estrelas dançantes a partir do caos existe em cada nível da natureza. A rosa pode ter a certeza absoluta de que se transformará numa rosa, embora ao nascer ela possa se parecer com um feijão ou uma violeta, e em forma de semente sua única reivindicação de individualidade possa repousar em seus filamentos geminados de ADN. Nós, humanos, contudo, nos preocupamos muito em virmos a ser perfeitos, de modo que despendemos incontáveis horas esforçando-nos para garantir nossa singularidade.

—O que importa se os pássaros vivem sem pensar, ou se uma rosa é sempre uma rosa? — indagou Artur. — Eles não têm uma mente e portanto sua única escolha é ser o que são.

—É verdade, vocês mortais têm o livre-arbítrio, mas vocês atribuem a ele uma importância exagerada — replicou Merlim. — Eu vivo sem escolhas e considero minha vida muito mais feliz.

—Sem escolhas? Mas você toma as mesmas decisões que eu tomo — protestou Artur.

Merlim deu de ombros.

—Você se deixa enganar pelas aparências. Examine sua mão. Não há dúvida de que ela lhe pertence; no entanto, você não escolhe como as células dela se desenvolvem; você não tem noção de o que faz os nervos e os músculos dela se moverem; você não obriga conscientemente suas unhas a crescerem e nem faz um corte cicatrizar quando machuca a mão, não é verdade?

—Sem dúvida, não preciso fazer nada disso.

—Em outras palavras, elas não representam uma escolha para você — prosseguiu Merlim. — Essas funções foram entregues a um lado involuntário do seu cérebro, que cuida automa-

ticamente delas. Do mesmo modo, todas as coisas às quais você dedica tanto tempo, pensar, decidir, sentir, escolher, julgar, eu entreguei ao lado automático do meu cérebro, o que é a mesma coisa que dizer que eu as entreguei a Deus.

— Então para que você usa sua mente consciente? — perguntou Artur.

— Para apreciar este mundo e o milagre da vida. Sou testemunha de tudo que existe, e posso lhe assegurar que não existe espetáculo mais belo, surpreendente ou satisfatório.

VIVENDO COM A LIÇÃO

A vida moderna está tão cheia de pressões que a empurram de um lado para outro que a maioria de nós reage tentando impor-lhe ordem. Nossa sociedade de forças caóticas é portanto uma sociedade de infindáveis leis e regulamentos. Isso não é de causar surpresa, porque os seres humanos vicejam na ordem e se assustam com a desordem. Esta última é imprevisível e está fora do nosso controle, fazendo, portanto, com que nos sintamos estressados. Pense numa ocasião em que a desordem e a imprevisibilidade tenham de repente invadido sua vida: um momento em que você tenha perdido um avião, em que seu carro tenha enguiçado à beira da estrada, em que você tenha ouvido a pessoa amada dizer que perdeu o emprego.

Quase sempre esses eventos se resolvem sozinhos; nenhum dano é realmente causado à sua existência, apenas uma simples inconveniência. Entretanto, seu sistema nervoso provavelmente reagiu de forma v\o\ervta, expressando medo e desconforto quando seus planos não deram certo. A reação do ego diante do caos é combatê-lo e impor um controle ainda maior. Na vez seguinte em que você viajou de avião, você provavelmente verificou duas vezes o horário da partida e saiu cedo para o aeroporto. Na vez seguinte em que dirigiu, você provavelmente tomou precauções para evitar que o carro enguiçasse novamente. O problema é que toda essa luta, preocupação, planejamento e controle vai contra o sentido da vida. A vida comprime junto

o caos e a ordem. Não é possível ter um sem o outro. Se você quer acompanhar o fluxo da vida, você não pode ao mesmo tempo lutar contra ele. Por conseguinte, aquele que busca a perfeição aceita que a incerteza sempre existirá em sua vida, que ele sempre se sentirá desequilibrado.

— O papel do discípulo — disse Merlim — é sempre tropeçar, mas nunca cair.

Apesar do fato de seu ego detestar a imprevisibilidade, a verdade é que você várias vezes extraiu benefícios dela. Pense por um momento nas inesperadas oportunidades que surgiram em seu caminho, nas ofertas de ajuda que você jamais antevira, nas repentinas ideias e inspirações que você teve, nas decisões impulsivas de se mudar ou falar com um estranho que abriram novos horizontes. Essa é a maneira natural de viver.

— Sua vida já está organizada dentro de si mesma — disse Merlim. — A vida emana da vida, o botão se transforma na flor, a criança se torna um adulto. Confie em cada estágio, celebre-o, e deixe que o seguinte venha a você sem esforço.

Um simples exercício poderá lhe mostrar como é maravilhoso viver uma vida imprevisível. Sente-se por um momento e imagine que você pode ver sua vida na mente como um vídeo. Comece a passar o vídeo com os eventos de hoje e deixe-os se desenrolarem da maneira como você deseja que seja o amanhã, o depois de amanhã, e em seguida imagine-se envelhecendo: veja o futuro que você gostaria de viver se pudesse ter tudo que quisesse. Deixe sua fantasia vagar por onde ela quiser, e termine o vídeo com sua morte. Faça dela uma morte desejável, indolor e tranquila.

Depois de fazer isso, volte atrás e veja *um vídeo completamente diferente.* Comece com os eventos de hoje, mas faça com que eles resultem em algo completamente diferente. Você está apenas fazendo uso da imaginação, de modo que pode inventar uma vida turbulenta e catastrófica, uma vida dramática, ou ainda uma vida santa. Leve o vídeo até a cena da sua morte. Volte mais uma vez e recomece tudo. A finalidade do exercício é mostrar que tudo que você visualizou é verdade — seu futuro não é composto de um único cenário, mas sim de todos os cenários possíveis. Eles se expandem a partir do momento presente como

fios invisíveis de potencial. A vida de todo mundo é assim; somente nosso falso senso de controle nos faz acreditar que podemos impor a ordem ao que na verdade é totalmente imprevisível.

O ego precisa examinar seus receios e parar de tentar controlar as coisas. Essa é uma parte enorme da busca que você está empreendendo. Se você conseguir aceitar o fluxo da vida e se render a ele, você estará aceitando o que é real. Somente quando aceitar o que é real é que você poderá viver com paz e felicidade. A alternativa é uma luta interminável, porque ela é uma luta com o irreal, com uma miragem da vida em vez de com a vida propriamente dita.

13ª Lição

A realidade da sua experiência é uma imagem especular das suas expectativas.

Se você projetar as mesmas imagens todos os dias, sua realidade será a mesma todos os dias.

Quando a atenção é perfeita, ela cria ordem e clareza a partir do caos e da confusão.

Depois de se tornar rei, Artur só compartilhou suas experiências na gruta de cristal com uma única pessoa, sua esposa. Passaram-se anos antes que Merlim reaparecesse, e Guinevere pensava nele mais ou menos como pensaria num unicórnio ou outro animal mítico.

—Se ele for tão selvagem quanto as sombrias montanhas galesas onde dizem que ele nasceu, eu morreria de medo de encontrá-lo — confessou ela certa vez a Artur.

—Ele não é assim — retrucou Artur. — Ele não se parece com nada que você poderia esperar ou prever.

—Meu senhor, conheci magos na corte francesa, ou aqueles que assim se chamavam — declarou Guinevere. — Eles não são simplesmente velhos, com uma longa barba branca, que agem de uma maneira muito sábia, e sacodem a cabeça como se estivessem vendo coisas que não podemos ver, e afirmam ter poderes que ninguém jamais testemunhou?

Artur sorriu.

— Esses magos atravessaram meu caminho, mas Merlim não era um deles. Certa vez eu disse a ele: "Em que você e eu somos diferentes? Para mim somos apenas duas pessoas à beira de um riacho, sentados debaixo de uma árvore, esperando para

pescar um peixe para o jantar." Ele olhou para mim e sacudiu a cabeça. "É verdade que somos apenas duas pessoas sentadas aqui como você diz, mas para você este cenário é toda a sua realidade, ao passo que o riacho, a árvore e tudo que nos cerca é uma partícula mínima sobre o horizonte mais distante da minha consciência."

Guinevere perguntou:

—Se Merlim realmente vivia num mundo tão separado do seu, ele algum dia lhe disse como alcançá-lo?

—Disse — respondeu Artur. — Ele insistiu em afirmar que minha versão da realidade, a árvore, o riacho, a floresta, era uma completa ilusão, uma alucinação particular que minha mente me impôs, enquanto o mundo dele estava aberto a todos por ser um mundo totalmente de luz.

Guinevere ficou perplexa.

—Mas tanto você quanto eu estamos vendo este quarto onde estamos, e todo mundo que conhecemos também consegue vê-lo. Não creio que ele seja apenas uma ilusão.

—Deixe-me então mostrar-lhe uma coisa — disse Artur. Ele pediu à rainha que deixasse o aposento e prometesse não retornar até a badalada da meia-noite. Guinevere fez o que o marido lhe pedira, e ao voltar descobriu que o quarto estava escuro como breu, as velas todas apagadas e as cortinas de veludo fechadas.

—Não se preocupe — disse uma voz. — Estou aqui.

— Meu senhor, o que quer que eu faça? — perguntou Guinevere.

Artur replicou:

— Queco descobrir se você realmente conhece este quarto. Caminhe na minha direção e descreva os objetos que estão ao seu redor, mas não toque em nada.

A rainha achou que esse era um teste muito estranho, mas fez o que o marido lhe pedira.

— Aqui está nossa cama, e ali a arca de carvalho do meu dote, que eu trouxe através da água. No canto está um candelabro espanhol alto, de ferro batido, com duas tapeçarias penduradas de cada lado.

Caminhando com cuidado para não tropeçar nas coisas, Guinevere foi capaz de descrever cada detalhe do quarto, que na verdade tinha sido mobiliado por ela, até o último travesseiro.

—Olhe agora — disse Artur. Ele acendeu uma vela, depois uma segunda e uma terceira. Olhando em volta, Guinevere ficou perplexa ao perceber que o quarto estava completamente vazio.

—Não compreendo — murmurou ela.

—Tudo que você descreveu foi uma expectativa do que este quarto contém, e não do seu verdadeiro conteúdo. Mas a expectativa é poderosa. Mesmo no escuro, você viu o que você esperava e reagiu de acordo com sua expectativa. O quarto não lhe pareceu o mesmo? Você não andou com cuidado nos locais onde achava que poderia tropeçar nos objetos? — Guinevere fez que sim com a cabeça. — Mesmo à luz do dia — continuou Artur, — andamos por aí de acordo com o que esperamos ver, ouvir e tocar. Cada experiência se baseia na continuidade, que alimentamos ao nos lembrarmos de tudo como era no dia anterior, na hora anterior ou no segundo anterior. Merlim me disse que se eu pudesse ver totalmente sem expectativas, nada que eu tivesse como certo seria real. O mundo que o mago vê é o mundo real, depois que a luz aparece. O nosso é um mundo de sombras que tateamos no escuro.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

O mago libertou-se completamente do conhecido. Para ele, a única liberdade jaz no desconhecido, porque tudo que é conhecido já passou e está morto.

— Você sabe por que eu sempre digo que seu mundo é uma prisão? — perguntou Merlim. — Porque tudo que a mente pode conceber precisa ser restringido. Tão logo você atribui palavras a uma experiência, envol ve-a com o pensamento ou diz "eu sei", algo maravilhoso e invisível escapole. Os limites são gaiolas; a realidade é um pássaro delicado que treme na sua mão. Se você o segurar por muito tempo, ele morrerá.

Se é verdade que o desconhecido é seu bilhete para a liberdade, também é verdade que o ego se sente mais à vontade com limites. Nossa mente gera as mesmas imagens dia após dia. Essas imagens são um espelho de quem você é, e no entanto o

ego as considera reais. "Não é óbvio que uma árvore é uma árvore, um muro um muro, uma montanha uma montanha?" pergunta o ego. Mas eles só são reais num determinado estado de consciência — o estado desperto. Num sonho você poderá se sentar num campo e observar as nuvens passando sobre uma montanha. Ao acordar, você compreenderá que a montanha, as nuvens e o campo eram apenas descargas aleatórias de células cerebrais dando origem a imagens passageiras. Não existe nenhuma prova de que estar acordado é diferente. Montanhas, campos e nuvens "reais" não possuem uma realidade comprovável fora das imagens que explodem em seu cérebro. Artur ficou chocado quando Merlim descartou o mundo visível como uma ilusão.

—Mas eu posso tocar nas coisas à minha volta e sentir que elas são duras. Se eu bater a cabeça contra uma pedra, terei uma contusão — protestou Artur.

—As imagensnão são apenas visíveis — lembrou-lhe Merlim. — Você também pode tocar as coisas num sonho, e sentir toda a amplitude das sensações.

—Então por que faço uma distinção entre estar acordado e estar sonhando? Por que todo mundo chama um de realidade e outro de ilusão?

—Hábito. Se os mortais assimilassem esse conhecimento dos magos, eles aprenderiam a fazer despertos tudo que fazem nos sonhos. Os limites começariam a se dissolver, e a realidade os tiraria da sua sombria prisão.

Todos experimentamos o novo e o desconhecido, mas poucos de nós vemos este último como uma força que acena para nós. O desconhecido contém pistas que conduzem a outra realidade. Que pistas são essas? Elas mudam a cada momento, mas se você examinar atentamente qualquer imagem que o mundo lhe apresente, uma parte maior do seu eu começará a olhar de volta. A aparente aleatoriedade dos eventos começará a se transformar em forma e significado, como se parte de você estivesse dizendo: "Estou aqui. Você não consegue me encontrar?" Encontros casuais, coincidências inesperadas, pressentimentos que se tornam realidade, a repentina realização de desejos, lampejos de uma felicidade imprevisível, a sensação de

um profundo conhecimento, o despertar da confiança — todos são formas que a realidade pode assumir quando ela nos convence a sair das prisões que nós mesmos construímos. Não somos obrigados a escutar esse sussurro que acena para nós. A escolha é totalmente pessoal. Uma decisão precisa ser tomada, no recôndito do seu coração, entre o conhecido, que é rançoso porém familiar, e o desconhecido, que é novo, um campo de infinitas possibilidades.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Viver com esta lição significa ir além da fronteira do conhecido. Se você pudesse esquecer tudo e não antever nada, você automaticamente daria consigo transpondo os limites que o impedem de perceber uma realidade superior. Essa realidade superior está enredada na realidade familiar que você vê e atravessa diariamente; nenhuma distância separa as duas. E contudo milhões de quilómetros também podem separar as duas.

Ao lado do hábito e da inércia, o medo também ajuda muito a manter a realidade igual ao que sempre foi. Experimente uma versão do teste a que Artur submeteu Guinevere. Coloque-se, à noite, no meio de um aposento familiar completamente às escuras. Ande agora através dele, aproximando-se o mais possível dos objetos do aposento sem tropeçar neles. Você irá reparar que é extremamente difícil andar por um aposento às escuras, por melhor que você o conheça, sem sentir uma certa apreensão. Quase todos tememos a cegueira por causa da incerteza que ela provocaria; o coração dispara diante do pensamento de que poderíamos cair ou derrubar as coisas.

No entanto, você está na verdade demonstrando que o conhecido não é capaz de protegê-lo do medo. Por melhor que você conheça o aposento, a apreensão está presente, e o mesmo acontece no mundo à luz do dia, só que nele o medo está enterrado um pouco mais profundamente. Precisamos de algo mais do que o escuro para ficar com medo: um acidente, uma quebra da rotina, a repentina perda da segurança. Por mais à

vontade que você ache que está no mundo das coisas conhecidas, o potencial para o desastre nunca está muito longe do seu subconsciente.

Você pode obter uma amostra do desconhecido com outra experiência simples. Ponha uma venda nos olhos e sente-se na cozinha. Peça a um amigo que coloque três pratos de comida à sua frente sem lhe dizer quais são. Prove-os pedindo a seu amigo que ponha uma colher ou um pedaço do alimento na sua boca. Você rapidamente reconhecerá cada comida, mas também deverá perceber que, na fração de segundo de incerteza antes do reconhecimento, você provará algo novo — uma textura inesperada, uma nuança de sabor, um leve aroma — que você já não lembrava estar presente.

Esse é o poder da incerteza. Enquanto você tiver certeza das coisas, você estará vivendo dentro de limites. No entanto, coisas a respeito das quais você se sente tão seguro possuem na verdade novas qualidades a serem desenvolvidas.

— Deus criou este mundo — disse Merlim. — Portanto ele deve ser suficientemente interessante para prender a atenção Dele. Se você descobrir que as coisas estão ficando monótonas, rançosas ou previsíveis, talvez tenha sido você que perdeu a capacidade de se interessar.

É difícil para o ego aceitar a abertura do caminho para a incerteza, mas ele é a única avenida que conduz ao mundo do mago.

14& Lição

Os magos não lamentam a perda, porque a única coisa que pode ser perdida é o irreal.

Mesmo que você perca tudo, o real permanecerá.

No cascalho da devastação e do desastre estão enterrados tesouros ocultos.

Quando você examinar as cinzas, examine bem.

Como acontece a todas as crianças, a morte um dia chamou a atenção de Artur. Ele tinha quatro ou cinco anos quando Merlim encontrou-o agachado na floresta contemplando uma pequena pilha de penas cinzentas, os restos mortais do que fora um dia um pardal.

—O que aconteceu a ele? — perguntou o menino.

—Depende — replicou Merlim.

—De quê?

—De como você encara o processo. A maioria dos mortais o chamaria de um pássaro morto. Com morto eles querem dizer que a vida dele foi destruída. Os mortais mais sábios, contudo, fazem um exame mais profundo. Eles percebem que a morte é apenas uma rearrumação. A substância da qual o pássaro era formado está voltando à terra para se misturar com os elementos que o deram à luz.

O menino pensou por um momento.

—Por que fico com medo quando vejo isso?

—Por causa da memória. Quer saiba quer não, você formou ideias a respeito da morte desde que era bebé, e à medida que elas se desdobram você se lembra do medo e da dor ligados a essas memórias.

O menino era pequeno demais para entender tudo que Merlim estava dizendo, e, como a maioria das crianças, parou de fazer as perguntas realmente profundas. Durante um ano ele ficou satisfeito com as explicações de Merlim, até que passou pela cabeça dele que a morte também poderia acontecer a ele e não apenas aos animais.

— Eu acho — disse Artur quando tinha doze anos — que é provável que eu fique cada vez com mais medo da morte.

Merlim concordou.

— A medida que você experimentar mais o mundo, suas memórias voltarão cada vez com mais força. Mas existe também outra coisa. Os mortais temem a morte porque têm medo de perder suas posses. Quando você vê um animal morto, você não é capaz de dizer qual a parte dele que morreu. Depois do último suspiro, o corpo pesa a mesma coisa; as células são as mesmas. Apenas a respiração está ausente, e seja o que for que está além dela.

"Mas os mortais têm casas e coisas dentro deles. Eles têm famílias e experiências que lhes são caras. A ideia de perdê-las assusta-os terrivelmente. Mas vou lhe contar um segredo. Nada morre no instante da morte. A morte é um começo, não um fim. Os mortais a temem porque se apegam às suas memórias. Ninguém realmente sabe o que é a morte. Adote a perspectiva do mago e acolha com alegria todas as perdas, até mesmo a perda suprema da morte."

—Vou tentar — declarou Artur hesitante —, mas você está certo. Existem muitas coisas que não quero perder.

—Desapegue-se então um pouco, e lembre-se: tudo a que você se agarra já está morto, porque é passado. Morra a cada momento e você descobrirá a porta para a vida eterna.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Num mundo de mudança é preciso que haja ganho e perda. O ego considera o ganho bom e a perda má, mas a natureza não estabelece essas distinções. Enquanto houver criação, tem que haver destruição.

— Vocês, mortais, gostariam de abolir a morte — declarou Merlim —, mas não pensam em como o mundo ficaria entulhado de pessoas, animais e plantas. A floresta em breve ficaria sufocada debaixo da sua própria força vital, os mares se retorce riam com criaturas lutando por espaço e ar, e a delicada beleza da natureza deixaria de existir.

O ciclo de nascimento e morte torna-se uma questão de medo e luta somente quando se torna pessoal. Após lutar durante toda a vida para evitar a perda, o ego considera a morte a derrota final. Para a maioria das pessoas o medo da morte é por demais esmagador para ser enfrentado; é um assunto empurrado para o subconsciente e negado na vida cotidiana. Ou então a negação é intelectualizada, fazendo com que a morte se torne um mistério metafísico que pode ser examinado a partir de uma segura distância emocional.

Os magos dizem que a morte não pode ser conhecida, por uma razão diferente; eles alegam que a experiência normal, e com ela nosso modo normal de conhecimento, pára no momento da morte. A experiência normal está orientada para o que podemos ver, ouvir, tocar, cheirar e provar. Adicionam-se ainda o pensamento e a emoção. Morrer significa abandonar os sentidos, deixar para trás o mundo material, e ir em direção a um novo tipo de percepção.

—Se você ao menos o soubesse — disse Merlim —, eu já estou morto.

—Isso não me parece possível — retorquiu Artur. — Estar vivo para mim significa comer, beber, dormir e ter experiências. Você não faz isso o tempo todo, exatamente como eu?

Merlim sacudiu a cabeça.

—Por que você acha que a vida e a morte não podem coexistir? Ao mesmo tempo que faço todas as coisas que você mencionou, também me encontro num estado de conhecimento, consciente de mim apenas como eu mesmo, que nunca nascerei e nunca morrerei. A morte abre para nós a descoberta desse estado. Se você tiver a sorte de fazer essa descoberta cedo, antes de deixar o corpo, melhor para você.

—Você tem muita sorte por não ter mais que temer a morte — comentou Artur.

— É verdade, mas eu tomei uma decisão que a maioria de vocês, mortais, evitaria tomar. Decidi perseguir a morte e tomá-la em meus braços como um amante, ao passo que vocês estão sempre fugindo dela como se ela fosse um demónio. A morte é extremamente sensível, e se você a converter num demónio ela se manterá afastada e guardará para si seus segredos. "Na verdade, tudo que você teme com relação à morte é uma projeção da sua ignorância. Você simplesmente tem medo do que desconhece.

VIVENDO COM A LIÇÃO

A morte é um evento supremo, mas antes de ela acontecer, inúmeras perdas secundárias acontecem durante o percurso. Se você parar um momento para pensar no assunto, poderá facilmente perceber o padrão de perda e ganho que atravessa sua vida. Quando ocorrem, as perdas parecem dolorosas, e o ego inevitavelmente reage diante delas querendo resistir. No entanto, a passagem da infância para a adolescência é uma perda a partir de uma perspectiva e um ganho a partir de outra; o casamento representa a perda da vida de solteiro e a aquisição de um parceiro. O ganho e a perda são duas faces do mesmo fenómeno. A única coisa na vida que acarreta um ganho absoluto é o ganho da percepção consciente, que é a essência da busca.

— Já lhe ocorreu alguma vez que você não pode perder nada — perguntou Merlim — porque você nunca na verdade teve nada? A única coisa que você realmente já teve é você mesmo. Esse eu poderá passar algum tempo numa casa ou num emprego, algum tempo na presença de certas coisas ou ter uma certa quantidade de dinheiro, mas com o tempo tudo isso se modifica. Tudo que você tem então é uma memória, uma imagem, um conceito. Estes não são reais; são invenções da mente. Os pensamentos são como hóspedes; eles entram e saem enquanto você permanece. Encare os objetos e as posses da mesma maneira. Eles vêm e eles vão. O que fica é você.

A vida está repleta de adversidades, pequenas ou grandes. O ego assumiu o fardo de proteger sua vida. Ele o defende da perda

e da desgraça, e afasta o conceito da morte pelo maior tempo possível. Mas o mago acolhe com alegria a adversidade, qualquer perda, pelas seguintes razões, que você pode aplicar à sua vida: tudo na criação é feito de energia. Depois de criada, qualquer forma de energia precisa se sustentar por um certo tempo. Depois de um período de estabilidade, a força vital deseja pôr em cena algo novo. Para que isso aconteça, padrões desgastados precisam ser dissolvidos.

Essa dissolução tem lugar em nome da vida, porque só existe vida à nossa volta. Não obstante, o ego se apega a certas formas de energia que ele não quer ver dissolvidas. Uma grande quantidade de dinheiro, uma casa, um relacionamento, um governo — à maneira deles, todos são formas de energia que tentamos proteger do fluxo do tempo. As pessoas lutam até a morte, como diz o ditado, o que significa que elas defenderão algo até que a dissolução seja a única alternativa.

Na verdade, essas lutas não são necessárias, você não pode lutar para fazer uma rosa florescer. Você não pode se esforçar para fazer com que um embrião se transforme num bebé, essas coisas simplesmente acontecem seguindo seu ritmo natural. Seu ego facilmente aceita esse fato com relação às rosas e aos bebés, mas não a respeito de dinheiro, casas, relacionamentos e outras coisas às quais ele se apega. Mas o mago percebe que as mesmas leis universais governam a vida. Afinal de contas, o ego não se esforçou para trazer você ao mundo.

A luta do ego é uma forma de oposição à vida, porque ele tenta impor uma *vida artificial.*

— A natureza leva as coisas embora por suas boas razões e na época adequada — disse Merlim. — Se você quiser flores fora da estação, você pode bordar flores que irão durar para sempre, mas quem poderia fingir que elas estão efetivamente vivas?

Analogamente, sempre que você sente necessidade de controlar e lutar, de manter as pessoas, o dinheiro ou as coisas presos a você quando eles vão embora, você está se opondo à força universal que mantém tudo em equilíbrio.

— Você terá que adquirir confiança antes de poder renunciar ao seu controle. Seu condicionamento conduz à desconfiança, porque vocês, mortais, querem desesperadamente acreditar que

são imunes aos ciclos da natureza — disse Merlim num tom meio divertido. — Enquanto seu corpo nasce, envelhece e morre, vocês criam fantasias a respeito de deixar prédios e estátuas imortais, uma reputação e cofres cheios de riquezas. Façam como quiserem, mas se vocês querem escapar à dor e à morte, livrem-se primeiro da ilusão de que estão além da natureza.

Quando você começar a perceber as sementes da oportunidade nas cinzas da desgraça, a confiança estará começando a crescer. Essa confiança surge em estágios. Primeiro, comece a perceber que os julgamentos do ego sobre a perda são falsos.

— A dor não é a verdade — disse Merlim. — A dor é o que os mortais sofrem para descobrir a verdade.

Segundo, procure a outra face da desgraça ou da perda, a minúscula semente do novo que quer nascer.

— Quando você examinar as cinzas — recomendou Merlim —, examine bem.

Terceiro, substitua a culpa e a queixa pelo conhecimento calmo e seguro de que você está protegido no plano da natureza; não importa o que você possa ter perdido, é temporário e irreal. Isso estava destinado a ir embora, não porque a natureza seja cruel e indiferente, mas porque cada passo que você dá em direção ao real é precioso. A partir dessa perspectiva, você começará a perceber que a perda e o ganho são apenas uma máscara. Debaixo dela encontra-se a luz constante do eterno, que brilha através de todas as coisas, tecendo a unidade a partir do caos.

15- Lição

Na medida em que você conhece o amor, você se torna o amor.

O amor é mais do que uma emoção. Ele é uma força da natureza
e, portanto, tem que conter a verdade.

Quando você pronuncia a palavra amor, você pode captar o sentimento, mas a essência não pode ser proferida.

O amor mais puro situa-se onde é menos esperado — no desapego.

O mais puro cavaleiro a servir Artur era Galaad, e contudo ele tinha em comum com o rei o fato de ser um filho ilegítimo. Não havia nenhum estigma associado ao fato de Galaad ser filho natural de Lancelote, mas quando chegou o dia de Galaad tornar-se o paladino de uma dama da corte, Artur sacudiu a cabeça e franziu a sobrancelha.

—Eu não faria de você o paladino de nenhuma nobre dama — declarou Artur. Galaad ficou vermelho como um pimentão e gaguejou:

—Mas, meu senhor, todo cavaleiro deve servir uma dama devido à pureza do seu amor.

—O que você sabe do amor? — indagou Artur, num tom tão direto que Galaad ficou duas vezes mais vermelho. — Se você está tão ansioso para ser o paladino de uma dama, eu lhe oferecerei três delas para que você faça sua escolha.

O rei imediatamente mandou chamar Margaret, uma velha faxineira de cabelos grisalhos e verrugas no nariz.

—Você a serviria por amor, belo cavaleiro? — inquiriu Artur.

Galaad estava desconcertado.

— Não compreendo, meu senhor — murmurou ele.

Artur lançou-lhe um olhar penetrante e mandou embora a velha senhora.

—Tragam outra — ordenou. Desta feita foi trazida à presença de Galaad um bebé do sexo feminino.

—Se você achou Margaret velha e feia demais para que você possa servi-la, que tal esta dama? Ela é de origem nobre, e você precisa reconhecer que é linda. — O bebé, sem dúvida, era lindo, mas Galaad ficou ainda mais confuso. Ele sacudiu a cabeça.

—Esse amor a que você se refere é um senhor exigente — disse Artur. Ele mandou buscar a terceira dama, e Arabelle, uma encantadora menina de doze anos, entrou no recinto. Galaad olhou para ela e tentou controlar sua raiva.

—Meu senhor, ela é apenas uma jovem donzela e minha meia-irmã — disse ele.

—Você pediu uma dama à qual pudesse servir — declarou Artur — e fui bastante generoso ao submeter três delas à sua consideração. Agora você precisa tomar sua decisão.

Galaad parecia atordoado.

— Por que você está zombando assim de mim? — perguntou ele.

Artur ergueu a mão, e num instante todos se retiraram do grande vestíbulo, deixando os dois sozinhos.

— Não estou zombando de você — disse ele. — Estou tentando mostrar-lhe algo que me foi ensinado por meu mestre Merlim.

Galaad ergueu a vista e percebeu uma expressão enternecida no rosto do rei.

—Meus cavaleiros afirmam servir as damas por amor — prosseguiu Artur, e, apesar de seu juramento de servir virtuosamente, amiúde eles sentem paixão por aquela que servem, não é verdade? — Galaad fez que sim com a cabeça.

—E quanto mais apaixonadamente apegados eles são às damas, maior o entusiasmo que sentem em servi-las, não é mesmo? — perguntou mais uma vez Artur. O jovem cavaleiro concordou novamente. — Merlim ensinou-me outra maneira de

amar — disse Artur. — Considere a velha mulher, o bebé e a menina que é sua irmã. Todas são manifestações do aspecto feminino, e à medida que essas formas se alteram, aquilo que você chama de amor se modifica com elas. Quando você afirma estar apaixonado, o que você está na verdade dizendo é que uma imagem que você carrega dentro de si foi satisfeita.

"É assim que o apego começa, com o apego a uma imagem. Você pode afirmar amar uma mulher, mas se ela o trair com outro homem, seu amor se transformará em ódio. Por quê? Porque sua imagem interior foi profanada, e como foi essa imagem que você amou o tempo todo, a traição dela o deixa enfurecido."

—O que pode ser feito a respeito disso? — indagou Galaad.

—Olhe além das suas emoções, que sempre se modificarão, e pergunte o que jaz atrás da imagem. As imagens são fantasias; as fantasias existem para nos proteger de algo que não queremos enfrentar. Neste caso é o vazio. Por não amar a si mesmo, você forma uma imagem para encobrir o vazio. É por isso que ser rejeitado ou traído no amor causa tanta dor: a ferida aberta da sua necessidade fica exposta.

—O amor é considerado extremamente belo e sublime —, lamentou-se Galaad —, mas você faz com que ele pareça horrível.

Artur sorriu.

—Aquilo que é geralmente tomado por amor pode ter consequências terríveis, mas esse não é o fim da história. O amor encerra um segredo. Merlim contou-me esse segredo há muitos anos, e vou partilhá-lo com você: quando você puder amar da mesma maneira uma velha, um bebé e uma menina, você estará livre para amar além da mera forma. Aí então a essência do amor, que é uma força universal, se revelará dentro de_ yQcê^JVocê ficará livre do apego, que é o chamado silencioso a que o amor precisa obedecer.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Quando o mago fala do amor, ele está se referindo praticamente ao oposto daquilo que chamamos de amor. Para nós, o amor é um

sentimento altamente pessoal; para o mago, ele é uma força universal. Apaixonar-se é para nós uma condição que acaba por fenecer; o mago não se apaixona porque se encontra permanentemente na corrente do amor propriamente dito. Mas a maior diferença envolve o apego. Este último surge quando você diz: "Eu o amo porque você é meu." Esta forma de amor é realmente uma extensão do ego, que sempre pensa em função de "eu", "mim" e "meu".

—Vocês, mortais, acham que estão diante do amor quando se sentem completamente apegados a uma outra pessoa — disse Merlim. — Sua fantasia é possuir alguém completamente ou ser totalmente possuído. Mas os magos chamam amor o fato d^ não seiítiremjnenhumsentimento de apegoxiujle_poss©v

—Isso não é simplesmente indiferença? — indagou Artur.

Merlim sacudiu a cabeça.

— A indiferença não contém vida nem energia. O amor do mago é incrivelmente vivo e flui com a energia do cosmo. Para que isso aconteça você precisa ser como um recipiente vazio. Os mortais estão tão cheios de ego que não há lugar para mais nada. O mago é completamente vazio; por conseguinte, o universo pode enchê-lo de amor.

Merlim falou suavemente, quase com ternura.

— Apaixonar-se é uma maravilhosa oportunidade para você — disse ele. — Normalmente você vive em segurança atrás dos muros do seu ego. Você gosta da estabilidade que sente ali, da sua falta de vulnerabilidade. Quando você se apaixona, os muros desmoronam, pelo menos temporariamente. Você fica exposto e vulnerável, exatamente como temia, mas a força avassaladora do amor faz com que essa condição seja extática em vez de dolorosa como você esperava. Em sua melhor manifestação, apaixonar-se significa partilhar o desconhecido com outra alma, estar disposto a penetrar junto com ela a sabedoria da incerteza.

Os magos não vêem as formas do amor como superiores ou inferiores — essa é a linguagem do julgamento, e os magos não julgam.

— Se seu inimigo passar por você e o insultar — declarou Merlim — ele estará praticando um ato de amor. O impulso do amor foi despertado no coração do seu inimigo, transformando-se em ódio ao passar através do crivo da memória. Suas expe-

deformado ou distorcido ao vir à tona. Mas não se engane; qualquer expressão seria amorosa se você pudesse encontrá-la na origem dela.

—É possível construir uma ponte do tipo de amor que os mortais sentem para o tipo que você sente? — indagou Artur.

—Você não precisa construir uma ponte, pois existe apenas um único tipo de amor — replicou Merlim. — O amor pessoal que vocês sentem uns pelos outros é uma forma concentrada do amor universal; o amor universal é uma forma expandida do amor pessoal. Você pode experimentar a ambos em sua plenitude se você se permitir ser receptivo.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Até certo ponto, todos nos apaixonamos por imagens. Carregamos essas imagens dentro de nós, esperando até encontrar algo que se ajuste a elas no mundo exterior. Geralmente procuramos uma pessoa que reflita nossa auto-imagem ou que a corrija. Um tipo de amor procura um espelho, o outro uma peça que está faltando. Em ambos os casos existe uma sensação subjacente de necessidade. Por se sentir incompleto, você tenta compensar sua carência através de outra pessoa.

— Se você quiser sentir o amor como Deus sente, você precisa preencher todos seus vazios, porque Deus só pode amar a partir de um estado de plenitude — advertiu Merlim.

Ser um amante perfeito significaria não ter nenhuma fraqueza ou ferimento secreto que você deseje que outra pessoa cure para você. Descobrir seus vazios é o primeiro passo e preenchê-los com o Ser ou a essência, o segundo. Este processo normalmente se chama aprender a amar a si mesmo, mas precisamos ter cuidado com essa expressão. Frequentemente ela é sinónimo de aprender a amar a auto-imagem. Aos olhos do mago, a auto-imagem é simplesmente o ego; é a negação que procura disfarçar o vazio da falta.

Uma melhor denominação para o verdadeiro processo do aprendizado de amar a si mesmo seria aprender a amar o Eu,

significando o espírito. Se você examinar com sinceridade seu passado, que está agora armazenado sob a forma de milhares de memórias interiores, você sempre encontrará um conjunto bastante sortido — algumas experiências podem ter despertado o amor do eu ou de outras pessoas, muitas não o fizeram. As memórias de vergonha, culpa, rejeição, ódio, ressentimento e de outros sentimentos desagradáveis não podem ser convertidas em amor. Essas imagens são o que são. Aceite-as e avance em direção a um senso mais elevado do Eu, que não está relacionado com a memória.

Esta última só pode encerrá-lo numa sensação sufocante do seu passado pessoal. Além da memória situa-se a tranquila experiência do Ser, a simples percepção consciente sem conteúdo. Essa é a região do amor, a região que existe dentro de você e na qual você entra através da meditação. Existem muitos tipos de meditação; a tradição, tanto no oriente quanto no ocidente, é guiada pelo princípio de que existe dentro de você um núcleo do Ser, ou essência, que pode ser penetrado. O acesso não se dá através do pensamento ou do sentimento. Em vez disso, meditar é ir diretamente à região silenciosa interior.

Você pode ter uma ideia de como é ir além das imagens através do seguinte exercício: pense numa mulher ou num homem bonito, que represente seu objeto ideal de amor. Veja a pessoa o mais vividamente possível, e depois mude o rosto dela, tornando-a cada vez mais velha, até que a beleza desapareça e você passe a contemplar uma pessoa enrugada e encarquilhada. Seu sentimento de amor ainda é tão forte quanto o do início? Quase todos nós achamos extremamente difícil nutrir os mesmos sentimentos por uma face velha e enrugada e por um rosto jovem e belo. Você pode chamar isso de amor, quando uma mera mudança na imagem causa uma alteração tão grande?

—Por que o amor muda? — perguntou Artur.

—Porque a emoção do amor sempre encerra seu oposto. O amor mais forte encobre um ódio igualmente forte — replicou Merlim. — A única diferença é que o amor está em florescência enquanto o ódio ainda é uma semente.

Ou então experimente fazer este exercício correlato: pense. numa ocasião em que alguém que você amava profundamente o magoou. Pode ter sido um momento de indiferença ou traição, ou pode ter sido um ato que revelou que seu amado não era

perfeito e sim apenas humano. S^xox^Jor-sincercL-consigCL mesmo,

se^lemhrará 4e como o amor pode se transformar em outros sentimentos de uma forma violenta e repentinaJQ ódio, o ciúme, a mágoa ou a indiferença que surgiu esteve sempre presente de uma forma incipiente, oculto pela visão do amor que você preferia sentir. Por que você o preferia? Além do simples prazer, existe outro motivo: o ega Na verdade, o tipo de amor que você sente por outra pessoa diz respeito a você, porque o que mantém ativo esse amor não é o que é real no ser amado e sim algo bem mais premente: sua necessidade de possuir.

Quando você pensa que possui uma outra pessoa, você está na verdade descobrindo uma maneira de fugir de si mesmo, de evitar os medos e as fraquezas que você nega. Em vez de se enfrentar, você olha no espelho do amor e enxerga a perfeita realização nas emoções que você sente pelo ser amado. Isso não é uma crítica. Na visão do mago, o amor é na verdade uma maneira de vivenciar a realização perfeita, mas isso não pode acontecer através da fantasia. O espelho do amor é uma maneira divina de transcender o ego, mas somente depois de você alcançar a corrente pura do Ser que jaz como uma jóia secreta dentro de cada sentimento de amor.

— Lembre-se — disse Merlim —, o amor não é um mero sentimento e sim uma força universal, e como tal ele precisa conter a verdade.

Se você for capaz de se aprofundar dessa maneira, perceberá que todas as emoções vêm a ser o amor disfarçado. O ciúme e o ódio parecem opostos ao amor, mas eles também podem ser vistos como uma maneira deformada de retornar ao amor. A pessoa ciumenta procura o amor, mas tem um jeito distorcido de envolver-se com ele; a pessoa que tem ódio dentro de si pode querer desesperadamente o amor, mas odeia ao se sentir desesperada por nunca consegui-lo. Quando você parar de encarar o amor como uma mera emoção, perceberá que faz sentido o fato de que uma força universal atrai todo mundo na direção dele — esse é o amor do mago. Assim, deveríamos honrar todas as expressões do amor, por mais deturpadas que sejam. Embora poucas pessoas possam ser capazes de vivenciar o amor universal em sua plenitude, todas estão percorrendo o caminho em direção a ele.

16- Lição

Além de andar, sonhar e dormir, existem infinitas esferas de consciência.

O mago existe simultaneamente em todas as épocas.

O mago enxerga infinitas versões de cada evento.

As linhas retas do tempo são na verdade fios de uma teia que se estende em direção ao infinito.

O manto de Merlim era bordado com luas e estrelas, e o menino Artur tinha curiosidade de saber por que ele era assim.

—Vou lhe mostrar — disse Merlim. O mago levou Artur para o alto de uma colina. — Mostre-me agora a coisa mais distante que você consegue enxergar.

—Vejo a floresta estendendo-se por quilómetros até alcançar o horizonte. Isso é o mais longe que consigo ver — foi a resposta de Artur.

—E o que está mais longe do que isso? — perguntou Merlim.

—A extremidade do mundo, o céu, e o sol, eu suponho — respondeu Artur.

—E além disso?

—As estrelas e depois o espaço vazio, estendendo-se em direção ao infinito.

—E isso também seria verdade se eu o virasse de costas? — indagou Merlim. O menino fez que sim com a cabeça.

—Muito bem — disse o mago. — Agora, siga-me.

Ele conduziu o menino ao riacho aonde frequentemente iam à tarde para cochilar.

—Agora qual a coisa mais distante que você consegue ver? — perguntou Merlim.

—Não consigo ver muito longe nas florestas profundas como esta; só enxergo até a última curva do riacho, ali adiante. — Artur apontou para um ponto situado a cerca de cem metros dali.

—Mas você sabe que o riacho corre em direção ao mar e que o mar avança em direção ao horizonte, não é? — indagou Merlim. Artur concordou com ele. — Então o horizonte daria lugar à extremidade do mundo, ao céu, ao sol, às estrelas e ao espaço infinito, exatamente como antes? — perguntou Merlim.

—Sim — respondeu Artur. Uma vez mais o mago demonstrou estar satisfeito e conduziu o discípulo à gruta de cristal.

—Agora até onde você consegue ver? — perguntou ele.

—Está escuro, e tudo que consigo enxergar são as paredes da gruta — disse Artur —, mas, antes que você me pergunte, concordo que fora da gruta estão a floresta, as montanhas, o horizonte, o céu, o sol, as estrelas e o espaço vazio.

—Então guarde bem isso — declarou Merlim num tom de voz mais elevado. — Não importa aonde você vá, o mesmo infinito se estende em todas as direções. Você é portanto o centro de universo, não importa aonde vá.

—Isso parece um truque — protestou Artur.

—Não, seus sentidos é que estão lhe pregando uma peça, fazendo com que você acredite que possui uma localização específica. Na verdade todo ponto no cosmo é o mesmo ponto, um foco para o infinito em todas as direções. Não existe aqui ou ali, perto ou longe. Na visão do mago, há apenas todos os lugares e nenhum lugar. Sabendo disso, você também vestiria luas e estrelas. Sem a ilusão dos sentidos, você compreenderia que a lua e as estrelas estão bem aqui ao seu lado.

—Quando compreenderei isso? — perguntou o menino.

—Com o tempo. Quando o tumulto da sua alma se acomodar, você verá os céus dentro do seu ser.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Se acreditamos nos nossos sentidos, o espaço e o tempo não são misteriosos. De pé sobre uma montanha, podemos ver que a terra

termina no horizonte e que o sol nasce no céu. Os segundos vão passando e o tempo se desloca em linha reta do passado em direção ao futuro. No entanto, para o mago, o tempo e o espaço são infinitamente misteriosos. O mago acredita num presente eterno, ele percebe que todos os eventos ocorrem simultaneamente, e cada lugar é o mesmo ponto circundado pelo infinito.

— O espaço-tempo ordinário é um véu que você ainda não atravessou — disse Merlim. — Enquanto confiar nos seus sentidos, você permanecerá deste lado do véu. Quando você transcender seus sentidos, contudo, dará consigo em esferas e mundos que você não consegue imaginar agora. Cada esfera é um estado de consciência, e a descoberta de novos mundos depende apenas da redefinição da sua consciência até que ela desperte para as realidades que pairam tão perto. Neste exato momento, tanto você quanto eu podemos ver o infinito em todas as direções, mas fazemos disso um uso muito diferente.

Para fazer uso do infinito, você precisa reformular sua concepção mental do tempo e do espaço, descartando a percepção grosseira dos sentidos. Você já sabe que a extremidade do mundo não é o horizonte, que o sol na verdade não nasce no céu. Os fatos que substituíram essas crenças erróneas podem parecer bastante sólidos, mas também estão abertos à mudança. O mago vê o tempo, por exemplo, como uma frágil coleção de fios tecidos momento a momento. A cada vez que você toma uma decisão, você cria uma nova linha de eventos que se estende a partir deste momento; até você ter tomado essa decisão, esse fio de tempo não existia.

Por perceber o tempo dessa maneira, como subjetivo e criativo, o mago pode tecer sua própria versão de eventos na teia e, desse modo, alterar o passado ou o futuro.

—Alguém pode realmente modificar o passado? — perguntou Artur.

—É claro — retrucou Merlim. — Vocês, mortais, têm o hábito de acreditar que o passado cria o presente e que o presente gera o futuro. Este é apenas um ponto de vista arbitrário. Imagine por um momento sua versão de um futuro perfeito. Veja a si mesmo nesse futuro tendo realizado tudo que possa desejar neste momento. Você consegue se ver lá?

Artur fez que sim com a cabeça, porque ele tivera de repente uma visão de Camelot em toda sua glória.

—Muito bem. Pegue agora a memória desse futuro e traga-a para o presente. Deixe que ela influencie a maneira como você irá se comportar a partir deste momento. Se você imaginou a paz e a satisfação numa total ausência de medo, viva isso agora. Sempre que impulsos de raiva, medo ou carência surgirem do passado, desfaça-se dessas memórias e aja de acordo com suas memórias futuras. Livre-se do fardo do passado, e deixe-se guiar por sua visão de um futuro realizado. Você percebe o que aconteceu?

—Não estou bem certo — replicou Artur.

—Você está vivendo às avessas no tempo, exatamente como faz o mago. Viver hoje o sonho de amanhã é uma possibilidade que está sempre aberta a você. Quem diz que você precisa viver apenas o passado? Por viverem para a frente no tempo, os mortais são sempre oprimidos pelo fardo da memória; eles deixam que o passado crie o presente. O mago escolhe deixar o futuro criar o presente, é isso que realmente significa viver às avessas no tempo.

—E você alterou o passado, então, por não mais permitir que ele influenciasse suas ações no presente — disse Artur.

—Exatamente. Mas esse não é o final da história. O passado pode ser modificado de um modo muito mais profundo. Quando você aprender que o tempo está sendo inventado na sua consciência, você perceberá que não existe passado. Existe apenas o eterno presente, em eterna renovação. O agora é o único tempo que realmente existe. O passado é memória, o futuro é potencialidade. Este momento é o ponto central de qualquer futuro possível que você possa imaginar. Mude, portanto, completamente o passado vendo-o como irreal, um espectro da mente.

Viver às avessas no tempo não é uma fantasia, uma vez que você já está vivendo alguma versão do futuro neste momento. Você carrega na sua consciência modelos de como as coisas funcionam; esses modelos lhe permitem projetar suas expectativas para a frente no tempo. Você antevê que seus amigos continuarão a ser seus amigos, que você continuará a ter uma

família e um emprego. Num nível mais profundo, seus modelos sociais lhe dizem que o país e o governo permanecerão os mesmos, e assim por diante. Nesse mesmo nível mais profundo, seu modelo da realidade supõe que a gravidade, a luz e outras forças da natureza não sofrerão modificações.

É tão importante psicologicamente para nós ter um modelo de como as coisas continuarão a funcionar, que sofremos quando esse modelo é ameaçado por qualquer mudança profunda ou inesperada na nossa vida; seguindo a mesma linha de raciocínio, também usamos projeções que nos proporcionam uma vida mais satisfatória do que a que temos neste momento. Todos temos desejos, sonhos, temores e crenças — eles são projeções dos nossos modelos internos — que nos conferem uma segunda v ida, por assim dizer, inteiramente baseada em projeções. Aos olhos do mago, quase todas as pessoas parecem trens, com lâmpadas reluzindo na locomotiva, atravessando velozes a linha férrea. Tudo que vêem é o que se encontra no campo de visão dos seus faróis dianteiros, sem levar em consideração a infinita expansão de possibilidades que se estendem em ambos os lados.

Pense na linha férrea como o tempo. Nosso estreito senso de tempo está diretamente amarrado às nossas estreitas convicções. O pessimista acredita que nada vai dar certo, o que lhe proporciona um modelo unidirecional para o futuro. O idealista acredita que os valores mais elevados irão prevalecer, e esse também é um modelo para o futuro. Quando o pessimista depara com a boa sorte ou o idealista com resultados que estão aquém do ideal, ambos preferem seus modelos à realidade. Esta observação não pretende criticar a utilidade dos modelos, e sim mostrar que eles não são reais. Em vez de enfrentar cara a cara o momento presente, todos vivemos às avessas no tempo, utilizando o futuro que projetamos para guiar nossas ações no presente. Mas ao contrário do mago, não fazemos isso conscientemente.

Em vez de você ser presa do seu subconsciente, que está constantemente impelindo-o a abraçar um futuro previsível, você pode assumir o controle do seu talento para projetar. Viva agora seu mais elevado ideal. Veja um futuro baseado na crença de que o universo se preocupa com você, que você está crescendo em direção a uma consciência superior, que o amor, a verdade

e a auto-aceitação já são seus. Você não precisa atingir esses estados a fim de vivê-los agora. Vivê-los agora é a maneira de alcançá-los.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Como acabamos de ver, é fundamental que você destrua suas antigas suposições sobre o tempo e o espaço, porque o que você considera como o tempo e o espaço "reais" são na verdade ideias preconcebidas herdadas da infância. Chamo isso de a teia do tempo — explicou Merlim —, porque eu me vejo como uma aranha sentada no centro de todos os eventos, que emanam de mim como fios da teia. Cada evento, assim como cada fio, é necessário para a criação da teia, e no entanto posso escolher seguir um de cada vez se o desejar.

O mago acha fácil deslocar-se do tempo local para o tempo universal, deixar de ver as coisas como eventos isolados e percebê-las como uma totalidade.

Como você pode aprender a ver o tempo como uma totalidade em vez de encará-lo como uma linha reta? Na história, Merlim mostrou a Artur como ele poderia se ver como o centro espacial do universo não importa onde estivesse. O mesmo pode ser feito com relação ao tempo. Considere o momento presente e depois recue no tempo até ontem, o ano passado, uma década atrás. Continue a recuar até atingir seu nascimento, depois acelere e veja os séculos passados, a pré-história, o início do mundo. Leve a linha até o nascimento da terra, do sol, das estrelas. Ao dissolver as estrelas e recuar até o universo primordial, você chegará ao momento do big-bang. Sua imaginação agora provavelmente será incapaz de criar imagens de um passado ainda mais distante, mas mesmo assim você não precisa parar. Não existe realmente um início do tempo, porque com relação a qualquer momento que você considere um início, você pode fazer a pergunta: O que aconteceu antes disso?

Analogamente, se você começar no momento presente e avançar no tempo, poderá esgotar suas imagens depois de

imaginar o fim do mundo, o fim do sol, o fim das galáxias. Mas nunca haverá um final do tempo, porque você sempre poderá perguntar: O que vai acontecer depois disso? Em resumo, o tempo é uma eternidade que se estende em ambas as direções, não importa o momento que você escolha como seu início. Isso lhe diz duas coisas: você é o centro da eternidade, e todos os pontos no tempo são na verdade o mesmo. Isso precisa ser verdade se a eternidade realmente for igual a partir de qualquer ponto no tempo. Foi dito que o tempo é a maneira de a natureza evitar que experimentemos tudo simultaneamente. Também poderíamos dizer que o tempo é a maneira de a natureza deixar que satisfaçamos pouco apouco nossos desejos, que é, afinal de contas, a maneira mais agradável.

De fato, cada momento é cada outro momento, e o que cria a ilusão de passado, presente e futuro é apenas o foco da sua atenção. Sua mente é a faca que corta o *continuum* do espaço e do tempo em distintas fatias de experiência linear. Quando você conseguir utilizar conscientemente esse poder, você será um mago.

— Escreva a palavra *nowhere* (em nenhum lugar) — ordenou Merlim a Artur — e depois reescreva-a como *now here* (agora aqui). Você tem em poucas palavras a verdade a respeito do tempo e do espaço. Você teve origem num *continuum* que não tem um início no tempo ou no espaço. Por ser infinito e eterno, você não vem de nenhum lugar. Sua mente e seus sentidos localizaram a eternidade num ponto, que é agora aqui. O relacionamento entre *nenhum lugar* e *agora aqui* é o relacionamento entre o infinito e este momento no qual você está vivendo

17ª Lição

Os buscadores nunca se perdem, porque o espírito está sempre acenando para eles.

Os buscadores recebem continuamente pistas do mundo do espírito. As pessoas comuns chamam essas pistas de coincidências.

Não existem coincidências para o mago. Cada evento existe para expor outra camada da alma.

O espírito deseja conhecê-lo. Para aceitar esse convite, você precisa deixar cair suas defesas.

Comece a procurar em seu coração. A gruta do coração é o lar da verdade.

Merlim tinha o estranho hábito de parecer apreciar os pequenos infortúnios de que era vítima o menino Artur. Se Artur chegava na gruta todo machucado por ter caído de uma árvore, o mago murmurava "Otimo" quase inaudivelmente. Certa vez, durante uma tempestade de relâmpagos, um sicômoro velho e podre foi atingido por um raio e quase caiu em cima de Artur.

— Excelente — resmungou Merlim.

Apesar de suavemente proferidos, esses comentários faziam com que o menino se sentisse fortemente magoado. Ele prometeu a si mesmo que iria ocultar do mestre esses pequenos acidentes, mas no dia seguinte ele estava cortando lenha perto da gruta quando o machado escorregou da sua mão. Numa fração de segundo a lâmina atravessou o sapato de Artur, quase atingindo seus dedos do pé. Quando ele gritou assustado, Merlim chegou rapidamente e fez uma rápida avaliação do sapato.

—Está cada vez melhor — sussurrou Merlim suavemente. Artur não conseguiu se conter.

—Como você pode ficar feliz por eu ter me machucado? — ele gritou.

—Feliz? Do que você está falando? — Merlim parecia genuinamente confuso.

—Você não percebe que eu noto, mas sempre que algo ruim me acontece, você parece ficar satisfeito.

Merlim fez uma careta.

— Você não deveria escutar às escondidas conversas que não são para você ouvir, especialmente quando são conversas que tenho comigo mesmo.

Essa resposta fez com que o menino se sentisse extremamente deprimido. Ele estava prestes a afastar-se rapidamente para escapar ao coração de pedra de Merlim quando o mago segurou-o pelo ombro.

—Você acha que me entende, mas isso não é verdade — disse ele. Sua voz tornou-se mais suave. — Eu não estava festejando sua desgraça. Eu estava comemorando o fato de você conseguir escapar. Você nem pode imaginar como esses acidentes poderiam ter sido piores.

—Você está querendo dizer que me salvou do perigo? — indagou Artur desconcertado. Merlim sacudiu a cabeça.

—Você salvou a si mesmo, ou pelo menos está aprendendo a fazê-lo. Não existem acidentes, embora vocês, mortais, acreditem neles. Existe apenas causa e efeito, e quando a causa está muito distante no tempo, o efeito retorna depois de você ò haver esquecido. Mas esteja certo de que tudo que lhe acontece de bom ou de mau é resultado de alguma ação no passado.

Por ser jovem e confiar em seu mestre, Artur não opôs resistência a essa nova ideia. Ele refletiu por um segundo.

—Você está dizendo que esses infortúnios são como um eco. Se eu gritasse ontem e o eco esperasse até hoje para voltar, eu talvez o tivesse esquecido.

—Exatamente.

—Então como estou aprendendo a evitar essas reações retardadas, se já esqueci as ações que lhes deram origem? — indagou o menino.

— Estando mais alerta. As ações voltam repetidamente para nós vindas de diferentes direções. Existem tantos tipos de causa e efeito atuando à nossa volta que precisamos ficar muito atentos para poder percebê-los. Nada é aleatório no universo. Suas ações passadas não estão voltando para puni-lo e sim para captar sua atenção. É como se elas fossem pistas.

—Pistas? Para o quê?

Merlim sorriu.

— A pista perderia a finalidade se eu lhe contasse. É suficiente que eu lhe diga que você não é quem pensa ser. Você vive em múltiplas camadas de realidade. Uma delas chamare mos de espírito. Imagine que você não se conhece como espírito, mas que seu espírito o conhece. O que poderia ser mais natural do que ele chamar por você? As pistas que caem do céu são men sagens do espírito, mas você precisa estar alerta para captá-las.

—Mas tudo que aconteceu foi eu cortar meu sapato com um machado e quase ser atingido por uma árvore que tombou. Foi apenas uma coincidência eu estar debaixo daquela árvore para me proteger da tempestade — protestou o menino.

—Isso é o que você diz, e os mortais gostam de dizê-lo o tempo todo. Mas se você prestar atenção, perceberá que uma pista disfarçada está presente em cada coincidência. Cabe a você interpretá-la. Contudo, vou lhe dizer o seguinte. Se aquela árvore tivesse caído em cima de você ou se você tivesse se machucado hoje, eu não teria me lamentado. Eu teria dito: E difícil prestar atenção ao espírito. Como você está conseguindo evitar cada vez melhor os acidentes, posso afirmar em vez disso: Ele está aprendendo a ouvir.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Dos mundos que o mago habita, os que estão mais afastados um do outro são o da matéria e o do espírito. Esses são os dois pólos da nossa existência. E natural oscilar de um pólo para o outro, abandonar a fé em favor do ceticismo, até os opostos se unirem. No presente momento, o impulso está distante do pólo material,
embora esse pólo ainda domine o pensamento de todo mundo. Quando falamos de causa e efeito, queremos dizer que as coisas materiais interagem — o Sol atrai a Terra fazendo com que gire ao redor dele, o riscar de um fósforo cria uma chama, o raio atinge a árvore e ela cai. O fato de os seres humanos habitarem essa arena de causa e efeito não

faz nenhuma diferença; as leis da natureza operam sem fazer caso de nós.

O mago não aceita esse ponto de vista materialista. Para Merlim cada ação da natureza, por mais insignificante, tinha um significado humano. Isso se deve ao fato de ele olhar para o pólo oposto, o mundo do espírito, para descobrir o lugar onde a causa e o efeito realmente começam.

—Vocês, mortais, precisam ser muito mais vaidosos — disse ele a Artur.

—Mais vaidosos? Você frequentemente diz que nada tão cheio de vaidade jamais foi criado — retorquiu Artur.

—Ainda afirmo a mesma coisa, mas se vocês fossem ainda mais vaidosos, talvez conseguissem perceber como são excepcionais. O universo está organizado ao redor do seu destino e obedece aos seus menores caprichos, e no entanto vocês saem por aí reclamando que Deus e a natureza são totalmente indiferentes.

—Se Deus não é indiferente, então por que Ele não mostra Suas intenções?

—Ah, você precisa tentar descobrir isso. Talvez o mundo todo tenha sido criado como um jogo divino de esconde-esconde.

—Esse seria um jogo muito cruel — disse Artur, sacudindo a cabeça. — Eu não simpatizaria com um pai amoroso que se recusasse a mostrar o rosto para mim. O que significaria então esse suposto amor?

—Não esteja tão certo de que a decisão foi Dele — admoestou Merlim. — Se Deus pareceu afastar-se, talvez tenha sido você que O mandou embora.

Merlim está tratando aqui de uma questão de perspectiva. Se você vê o mundo como material, então os eventos acontecem sem levar em consideração a existência humana. Por outro lado, se você percebe que o espírito é a força primária no universo, então a aparente indiferença da natureza pode ser uma máscara ou encerrar uma mensagem oculta. Os magos enxergam através

da máscara, descobrindo uma mensagem do espírito em cada evento, mas as mensagens permanecem disfarçadas enquanto nossa percepção está obscurecida.

E por isso que Merlim chamou as mensagens *de pistas.* Para haver pistas, é preciso existir um mistério. Neste caso, o mistério é como o mundo consegue ser ao mesmo tempo material e espiritual, como o mesmo ato pode dar a impressão de ser o trabalho de um Deus completamente indiferente ou o sinal da Sua presença amorosa.

— Não cultivo os paradoxos simplesmente porque isso me agrada — declarou Merlim. — A perspectiva é tudo. Se alguém corre em sua direção de braços abertos, você pode considerar esse ato um ataque se você sentir que a pessoa é um inimigo, ou um abraço se ela for um amigo. O bebé pode chutar e gritar quando sua mãe esfrega seu rosto, mas do ponto de vista da mãe, ela está praticando um ato de amor ao limpar o filho.

"Analogamente, a maioria dos eventos que vocês chamam de desgraças ou até de castigo divino são na verdade oriundos da compaixão, pois Deus sempre corrige os desequilíbrios da natureza da maneira mais afável. São vocês que criam esses desequilíbrios, os quais Ele precisa purificar a fim de salvá-los de desgraças mais profundas."

Os buscadores são aqueles que tentam resolver o aparente paradoxo da indiferença de Deus e do amor de Deus. Eles examinam as crises que a maioria das pessoas evita. Porque é da dor, do fracasso ou da desgraça que podemos extrair a verdade mais profunda. Vale a pena dedicar toda uma vida à solução desse enigma.

— Não me interprete mal quando eu digo que o espírito deixa pistas em toda parte — disse Merlim. — Não estou querendo dizerque as pistas são óbvias ou que o mistério será facilmente solucionado.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Se o espírito derrama pistas em toda parte, como você pode detectá-las? Primeiro, você precisa estar disposto a enxergar

essas pistas. Elas se manifestam de diferentes formas: quando você encontra alguém em quem acaba de pensar, ouve uma pessoa pronunciar uma palavra que acaba de passar pela sua mente, vê seus planos fracassarem e descobre nisso um benefício oculto, observa que um número excessivamente grande de coincidências estão acontecendo na sua vida para que possam ser verdadeiramente coincidências. O espírito frequentemente começa a falar dessas maneiras — elas poderiam ser chamadas de primeiros encontros. Escapar por um triz, os felizes acidentes e as intuições que se tornam realidade também se encaixam nessa categoria; em todos esses casos, os padrões normais de causa e efeito são estendidos, algumas vezes rompidos. Se você tentar aplicar o tipo de lógica que diz que A causa B, que por sua vez causa C, a explicação não vai funcionar, porque essas coincidências são altamente improváveis e excessivamente pessoais. A verdadeira pergunta não é "Por que isso aconteceu?" e sim "Por que isso aconteceu comigo?"

E claro que a autocomiseração pode gerar a mesma pergunta: Por que isso aconteceu comigo? É preciso aprender a fazê-la de uma maneira diferente, em função de uma curiosidade desprovida de autocomiseração. O ego acha que uma coisa estranha ou má que acontece não pode possivelmente ser ao mesmo tempo boa. No entanto, qualquer ocorrência destina-se a ser *útil.* O espírito às vezes precisa usar uma bondade superior, ensinando uma árdua lição, por compaixão, para que coisas verdadeiramente desastrosas sejam evitadas. E o que dizer do que é realmente desastroso? O mago encara esses eventos como o melhor que o espírito poderia fazer, tendo em vista a complexa rede de causa e efeito em que cada pessoa está emaranhada.

No entanto, frequentemente, não existe um conteúdo espiritual óbvio nas pistas da vida cotidiana. Elas são apenas o primeiro aceno, um chamado para o despertar. Todo mundo nota os eventos fora do comum, mas a não ser que os encare como pistas, você não perguntará o que eles querem dizer. Você simplesmente os deixará acontecer e seguirá adiante. Eles permanecerão inexpressivos.

É importante ter uma estrutura de entendimento, saber que outro aspecto de si mesmo — o espírito — está brilhando através

18- Lição

A imortalidade pode ser vivida em meio à mortalidade.

O tempo e o intemporal não são opostos. Por abarcar tudo, o intemporal não tem opostos.

No nível do ego, nos esforçamos para resolver nossos problemas.
O espírito percebe que o problema é o esforço.

O mago tem consciência da batalha entre o ego e o espírito, mas compreende que ambos são imortais e não podem morrer.

Cada aspecto seu é imortal, até mesmo as partes que você julga com mais severidade.

Quando Artur era um rei muito jovem, ele ouviu falar num louco que vivia nas profundezas da floresta de Camelot.

— Não preste atenção a esses rumores infundados — reco mendaram os mais sábios. — Trata-se apenas de um lunático que se fechou numa cabana e logo morrerá.

Mas Artur sentiu algo despertar dentro de si. Ele convocou seus cavaleiros e partiu em busca do louco. Horas depois, o grupo real chegou a uma clareira não muito distante da estrada principal que atravessa a floresta. No meio da clareira erguia-se uma cabana feita de taipa, tão mal construída que galhos nus sobressaíam em toda parte. Artur apeou e caminhou em direção a ela. A cabana não tinha porta, apenas uma pequena janela para deixar o ar entrar.

— Quem está aí? — perguntou ele.

— Alguém que não é deste mundo — respondeu uma voz fraca.

Artur ficou parado um momento, pensando.

—Gostaria de conversar com você, seja lá quem você for. Saia por ordem do rei.

—Não tenho nenhum rei. Deixe-me em paz — retrucou a voz.

—Mas você não tem nem água nem comida. Você precisa de ajuda — disse Artur.

—Não preciso da sua ajuda — retorquiu a voz, recusando-se depois a pronunciar qualquer outra palavra. Os cortesãos queriam que Artur partisse, constrangidos por ele estar interessado num lunático, mas em vez de acatar a sugestão deles, o rei ordenou que qualquer pessoa que tivesse informações sobre o homem fosse levada à presença dele. Vários homens partiram a cavalo pela floresta, regressando com uma pobre mulher maltrapilha.

—Esta é a esposa — disse um dos homens soltando a mulher, que estava claramente confusa e assustada.

—Por favor fique calma. Só quero ajudar seu marido — disse Artur.

A mulher ainda tremia, mas disse:

—Ele não me chama mais de esposa. Meu Will jurou ficar isolado dentro dessa cabana até morrer ou receber um sinal de Deus.

—Por quê? — perguntou Artur.

—Por estar sofrendo, meu senhor. Tínhamos um filho que ele amava mais do que tudo no mundo. Meu Will é lenhador, e um dia ele entrou na floresta com nosso menino, que tinha seis anos. Will estava absorto em seu trabalho, e quando não estava olhando, o garoto escapuliu. Nós chamamos e procuramos até ficarmos desesperados. No dia seguinte, seu pequeno corpo apareceu flutuando correnteza abaixo. Nosso filho morreu afogado, e meu marido não consegue se perdoar por isso.

A história deixou Artur muito triste.

—A dor não é motivo para alguém se matar — disse ele.

—O mesmo digo eu — declarou a pobre mulher. — Mas ele jurou que enquanto Deus em pessoa não vier lhe dizer por que nosso filho foi levado embora, ele amaldiçoará este mundo e não terá nada a ver com ele. "Observei toda minha vida o sofrimento

que Deus permite", diz ele, "e não terei mais nada a ver com ele. Se Ele não aparecer para Se explicar, não faz diferença, porque, de qualquer modo, estou praticamente morto."

Apesar de a hi stória da mulher ser extremamente comovente, Artur não pôde deixar de ficar intrigado com a curiosa postura desse homem diante de Deus.

—Essa história é verdadeira? — perguntou ele ao homem que estava dentro da cabana. Ouviu-se um grunhido baixo, mas Will, o lenhador, nada mais teve a dizer.

—Vou passar a noite aqui e conversar com esse pobre coitado — anunciou Artur, mandando para casa o resto do grupo real. Os cortesãos mostraram-se relutantes em deixar seu rei sozinho na floresta, mas ele acabou convencendo-os a se afastarem e acamparem a meia légua dali. A noite caiu rapidamente, e não havia lua. Artur sentou-se ao lado da cabana, embrulhado em seu manto, para proteger-se da umidade.

—De certa maneira sinto-me mais próximo de você do que de qualquer outra pessoa no meu reino — começou ele. — Sou novo no governo, e sinto intensamente o sofrimento que me cerca. Existem pobres, doentes e aleijados em toda parte, mas os problemas deles também são meus, enquanto eu for o rei. Passei muitas noites em claro me perguntando como poderia resolver os males deste mundo. Parece que eu poderia passar a vida inteira e gastar toda minha fortuna para combater a desgraça que vejo à minha volta, e, no entanto, como o trigo na primavera, as sementes do infortúnio germinariam duas vezes mais abundantes na estação seguinte.

—Estou esperando Deus — interrompeu de repente a voz dentro da cabana. — Não preciso ouvir seus discursos. Deixe que Ele responda por Si mesmo.

—Bastante justo — replicou Artur. — Mas é da minha conta o fato de eu me ver em você. Tive um mestre chamado Merlim, e ele me disse que existe apenas uma única solução para o mal, que é não lutar contra ele e sim compreender que o mal não existe.

—Palavras tolas — disse a voz. — Procure outro mestre.

—Você precisa escutar mais — insistiu Artur. — Merlim disse que o bem e o mal entram constantemente em conflito;

ambos nasceram há milhares de vidas. E enquanto houver luz e sombra, o bem e o mal subsistirão.

—Nesse caso, você deveria se desesperar e se fechar comigo nesta cabana, pois você viu os verdadeiros sentimentos de Deus com relação a este mundo. Ele quer que soframos — declarou amargamente a voz.

—Também me senti como você durante um longo tempo, mas então Merlim me mostrou que existem dois caminhos na vida. Num deles a pessoa tenta conquistar a recompensa do céu, e se viver virtuosamente, ela atingirá sua meta. Mas mesmo no paraíso existem sementes de insatisfação, e finalmente, por estar entediada, ou por ter medo de não merecer o céu, a pessoa começa a avançar na outra direção. Ela afunda e acaba dando consigo no inferno. O inferno precisa existir se o céu existe, mas ele também é temporário, pois com o tempo a pessoa se cansará de seus tormentos e começará a subir de novo. Assim, o primeiro caminho que a alma pode escolher é um ciclo constante, que vai do céu para o inferno e de volta para o céu.

—Se o que você afirma é verdade, estamos sendo enganados além de amaldiçoados — disse a voz com uma amargura ainda mais profunda. — Quem pode amar um pai que nos apresenta o paraíso apenas para nos mandar de volta para o inferno?

—Você está certo — disse Artur. — Meu mestre salientou exatamente isso. Mas depois ele me falou sobre um segundo caminho. A chave para esse caminho é a percepção de que o céu e o inferno são criados por nós, que somos nós que mantemos o ciclo em andamento. Como acreditamos na dualidade, é preciso haver o mal em oposição ao bem, assim como a luz precisa ter a sombra, caso contrário ela não seria luz. Depois de entender isso, podemos fazer uma escolha diferente.

—Que é?

—Renunciar à dualidade, recusar tanto o céu quanto o inferno. Além da ação dos opostos, disse Merlim, jaz uma esfera intemporal de pura luz, puro Ser, puro amor. "Toda essa questão de bem e mal", disse ele. "Pare de correr atrás da sua cauda e afaste-se dela." Não posso falar por você, meu amigo, mas para mim essa é a mensagem divina. Se Deus deve aparecer para nós, é através do nosso entendimento do que é possível. Nossa

vontade é livre, e podemos nos prender eternamente ao ciclo de prazer e dor. Mas somos igualmente livres para partir e não sofrer nunca mais.

Artur parou, sentindo de repente como era estranho ele estar conversando daquela maneira com um pobre infeliz que nunca vira antes.

— Sinto muito por ter me intrometido na sua dor — disse ele finalmente. — Vou me retirar agora.

O homem na cabana não fez nenhum comentário.

Artur se levantou, apertou mais o manto de encontro ao corpo, e caminhou em direção à floresta. Tinha andado cerca de trinta metros quando sentiu atrás de si uma incandescência e o crepitar de chamas. Temendo que o louco tivesse incendiado a cabana, ele se voltou e começou a correr de volta, mas parou no meio do caminho.

A cabana se transformara numa bola de luz branca, dela saindo um anjo, que disse:

— Deus me disse que vocês, mortais, conheciam um segredo, e como sempre Ele estava certo. Você sabe que Deus não está sim plesmente no céu, e sim muito além, na esfera do espírito puro.

E com essas palavras, o anjo desapareceu.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

A essência desta lição, ou seja, que existem dois caminhos na vida, está explicada nela mesma. O primeiro caminho é a aceitação de que a dualidade é real, de que o bem e o mal com que deparamos diariamente são simplesmente realidade, e precisamos fazer todo o possível para lutar contra eles. O segundo caminho é perceber a dualidade como uma escolha nossa. Embora tudo na criação pareça ter seu oposto, uma coisa não o tem: a totalidade. A totalidade do espírito não tem oposto porque ela abarca tudo que existe. Para escolher o segundo caminho, você precisa estar disposto a desistir de lutar contra o mal. Este é o caminho do mago.

Will (arbítrio) por uma razão — é nosso^-ee *will* (livre-arbítrio) que nos permite escapar do ciclo do bem e do mal. Esta é a promessa contida nesta lição. O caminho do mago é compassivo, porque resolve o problema do sofrimento à medida que a luz do espírito se aproxima.

19- Lição

Os magos jamais condenam o desejo. Foi seguindo seus desejos que eles se tornaram magos.

Todo desejo é criado por algum desejo passado. A cadeia do desejo nunca acaba. Ela é apropria vida.

Não considere nenhum desejo inútil ou errado — um dia cada um deles será realizado.

Os desejos são sementes que esperam o momento propício para germinar.
A partir de uma única semente de desejo,
florestas inteiras se desenvolvem.

Acalente cada desejo do seu coração, por mais trivial que ele possa parecer.
Um dia esses desejos triviais o conduzirão a Deus.

Artur arrancou a espada da pedra num milagroso Dia de Natal. Da enorme multidão que presenciou o feito, ninguém ficou mais surpreso do que o próprio jovem Artur. Onde está Merlim? pensou ele, certo de que o mago realizara a façanha por meio da magia. Mas Merlim não apareceu.

Tarde da noite, muito tempo depois de todos terem ido dormir, Artur ainda estava acordado, perguntando a si mesmo se seu destino era realmente ser rei.

— Preciso de você, Mestre — suplicou ele.

De repente, ele viu uma luz debaixo da porta. Artur deu um pulo e abriu a porta, mas não era o mago. Era Kay, seu irmão adotivo.

—Como você está? — perguntou Kay. Artur não sabia o que dizer, mas quando se voltou para dentro do quarto, sua respiração ficou mais forte.

—Levante mais a vela — disse ele. Kay fez o que ele pediu e a luz caiu sobre três objetos que haviam surgido na cama de Artur — uma boneca de palha, uma atiradeira quebrada e um espelho rachado.

—Você está vendo estas coisas? — perguntou Artur com uma voz estranha. Kay mostrou-se confuso.

—Eu as vejo, mas elas não significam nada para mim — disse ele.

—Pedi a aj uda de Merlim, e agora estes objetos apareceram. Este foi meu primeiro brinquedo — disse Artur, pegando a boneca. — Eu devia ter dois anos quando Merlim a fez para mim. Eu mesmo fiz esta atiradeira com pele de veado e vime quando tinha oito anos. Aos doze eu encontrei na floresta este espelho rachado. Você sabe o que eles têm em comum? — Kay sacudiu negativamente a cabeça. — Eles foram as coisas mais importantes que eu já possuí, cada um na sua época, e agora olhe para eles.

—Lixo inútil — resmungou Kay.

—E no entanto estou felicíssimo por revê-los, pois agora tenho a certeza de que Merlim me guiou o tempo todo. Veja, Kay, aos dois anos eu só queria brinquedos; aos oito eu só queria caçar pardais e esquilos; e aos doze eu só queria olhar no espelho para ver se as meninas me achariam feio ou bonito. Deixei todas essas coisas para trás e, no entanto, cada uma foi um degrau que me trouxe a este momento. Um dia porei de lado a coroa, embora hoje ela seja meu único desejo e meu destino.

Kay era uma alma simples e resoluta que venerava a monarquia. Ele estava chocado.

—Por que alguém jogaria fora a coroa? — perguntou ele desconcertado.

—Porque chegará o dia em que ela se tornará trivial como uma boneca, inútil como uma atiradeira quebrada e fútil como um espelho. Acho que é isso que Merlim queria que eu percebesse.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

O desejo ocupa um lugar peculiar no nosso coração, porque embora cada um de nós passe pela vida desejando uma coisa após a outra, nossos antigos desejos são jogados fora como se nunca tivessem tido importância. Os desejos nunca acabam, não importa quantos se tornem realidade, e, ao mesmo tempo, nenhum desejo dura tempo bastante que nos permita deixar o desejo totalmente para trás.

— Você é apenas humano, e faz parte da sua natureza querer cada vez mais — disse Merlim. — É o desejo que o conduz através da vida até o momento em que você passa a desejar uma vida superior. Não se envergonhe, portanto, de querer tanto, mas não se engane pensando que o que você quer hoje será suficiente amanhã.

É óbvio que os desejos nunca acabam, e no entanto isso nunca impediu as pessoas, amiúde pessoas extremamente espirituais, de tentar renunciar ao desejo. No ocidente, os cristãos condenam a fraqueza da carne por causa de seus desejos inferiores; no oriente, o budismo culpa o desejo por estar na base do ciclo interminável de prazer e dor. Mas aos olhos do mago, não existe motivo para que o desejo seja condenado.

—Quando você sair da floresta e entrar no mundo — disse Merlim ao menino Artur —, você vai alcançar um prémio que todos os homens desejam. Isso fará com que milhares de pessoas se voltem contra você e o conduzirá a anos de luta pela conquista da sua coroa.

—Nesse caso, não vou ficar com a coroa — disse Artur, bastante perturbado.

—Não, não é esse o caminho — replicou Merlim. — O desejo lança os mortais em todos os tipos de confusão, mas faz parte do plano de Deus que vocês tenham desejos.

—Mas o desejo cega as pessoas e as torna egoístas. Ele instiga a violência, como você mesmo profetizou. Ele cria a ignorância e faz com que as pessoas lutem umas contra as outras.

—Tudo isso são *usos* do desejo — salientou Merlim. — Existe um mistério aqui, como sempre, que somente o buscador

solucionará. O desejo é bom, mau ou nenhuma das duas coisas? Vou lhe dar uma pista. Para descobrir a verdadeira natureza do desejo, você precisa começar sem julgar nada. Honre cada desejo que você tiver. Acalente os desejos do seu coração. Nãct se esforce para conseguir o que você quer; tenha confiançajjg que o espírito superior colocou o desejo dentro de você, e deixe a cargo do espírito fazer com que seus desejos se tornem realidade/Você poderá descobrir que o mal existentg no desejo não é realmente o desejo em si, e sim o esforço que o ser humano faz para alcançá-lo.

O mago não se esforça para conseguir o que quer, para agarrar, conquistar ou possuir, porque ele vê o desejo num padrão mais amplo estabelecido pelo espírito.

—Quando visto pelo que realmente é, o desejo expressa sua necessidade suprema de se reunir à perfeição. Desde o momento em que você nasceu, nunca houve a esperança de que você se sentisse realizado através de conquistas, posses ou status. Nada externo jamais iria funcionar.

—Então por que Deus criou tantos objetos de desejo? — indagou Artur.

—Por que não? O que há de errado em querer mais deste mundo se vale a pena querer tudo? — replicou Merlim. — Considere o desejo como a disposição de receber o que Deus quer dar. Este mundo é uma dádiva; o Criador não foi coagido a criá-lo. A capacidade de Deus de dar só é limitada pela capacidade que você tem de receber.

—Talvez isso seja verdade, mas por que Deus simplesmente não providenciou um caminho que levasse diretamente a Ele? — perguntou Artur.

—Mas Ele fez isso. O desejo *é* o caminho direto, pois não existe um caminho mais rápido para Deus do que seus desejos e necessidades. Por que Deus lhe daria algo antes de você desejá-lo? Quando você examina seus desejos e emite um julgamento negativo com relação a eles, você alguma vezjá se perguntou por que faz isso? Julgar o desejo significa criticar a origem dele, que é você mesmo; temer o desejo significa que você tem medo de si mesmo. O problema não diz respeito ao desejo e sim ao que

acontece quando seus desejos são bloqueados ou frustrados. É aí que começam a luta e as críticas.

"Se você pudesse descobrir uma maneira de satisfazer todos os seus desejos, que é o que Deus sempre teve em mente para você, perceberia que sem o desejo você não poderia crescer. Imagine-se como uma criança que não quisesse ir além de brincar com os brinquedos; se novos desejos não surgissem constantemente dentro de você, você ficaria preso a uma perpétua imaturidade."

VIVENDO COM A LIÇÃO

O discurso de Merlim sobre o desejo mexe conosco, porque vivemos numa sociedade na qual as pessoas são capazes de ter um número cada vez maior de bens materiais. O resultado final, porém, não foi nos tornar perfeitamente felizes. Com frequência encontramos um vazio espiritual atrás da abundância. Isso não significa que desejar ter uma casa, um carro e uma conta bancária é errado ou vergonhoso. O vazio espiritual não foi *criado* por desejarmos coisas materiais. Ele foi criado ao nos voltarmos para as coisas externas esperando que elas fizessem o que não são capazes de fazer. As coisas externas não podem satisfazer as necessidades espirituais. O ditado que diz que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus não condena a riqueza. Ele simplesmente salienta que o dinheiro não tem valor espiritual. O dinheiro não é a porta de entrada para o paraíso.

Os magos sempre ensinaram que o desejo precisa ser visto como um caminho. No início, os desejos giram em torno de coisas como o prazer, a sobrevivência ou o poder. Mas com o tempo, o caminho do desejo nos leva além dessas gratificações. Eles não são desejos inferiores e sim desejos iniciais. Assim como numa certa idade a criança deixa de se interessar pelos brinquedos, o desejo de conseguir cada vez mais acabará por conduzir a pessoa a uma fase natural na qual o desejo de alcançar Deus assume uma suprema importância.

— Não se preocupe em se tornar um buscador de Deus — disse Merlim. — Você tem sido um buscador desde que nasceu, só que no início o Deus que você buscava eram os brinquedos, depois a aprovação, e depois o sexo, o dinheiro ou o poder.

"Você venerou todos eles e os desejou com grande paixão. Regozije-se neles quando forem o desejo do momento, mas esteja preparado para quando eles desaparecerem. O grande problema que você enfrentará não será o desejo, e sim o apego, a vontade de agarrar-se a alguma coisa quando o fluxo da vida quer que você desista dela."

O exercício desta lição é uma pura experiência de pensamento. Sente-se e imagine aquilo que você deseja mais apaixonadamente neste momento. Talvez seja um carro, uma vida de riquezas ou algum tipo de sucesso num relacionamento. Procure escolher algo que você ainda está querendo alcançar para poder sentir como a perseguição do desejo é realmente poderosa.

Recue agora a um desejo que você teve no passado, um desejo que j á tenha se tornado realidade. Pode ter sido seu último carro novo, um projeto bem-sucedido ou uma grande quantidade de dinheiro. Comparado com seu desejo atual, esse desejo antigo parecerá diferente. Você não sentirá com tanta intensidade a sede de perseguir o antigo desejo porque você já provou sua realização. Nesse contraste, você está vivenciando a maneira como a vida o empurra para a frente. O desejo de ontem teve seu impulso particular de realização, que agora se deslocou para o desejo de hoje. Esse movimento para a frente não é aleatório. Ele o conduziu dos desejos do bebé aos desejos da criança, aos desejos do adolescente e, finalmente, aos desejos do adulto.

O caminho do desejo é incrivelmente poderoso e nunca termina; somente os objetos do desejo mudam e se modificam. O mago percebe que, em seu nível mais profundo, nossos desejos contêm o impulso evolucionário da própria vida. Querer viver não é um mero instinto de sobrevivência, é um caminho que desabrocha. A vida não gosta de ser bloqueada, e é por isso que Merlim disse que os problemas com relação ao desejo só surgem quando um obstáculo é colocado em seu caminho. Um bebé saudável aprende que qualquer coisa que ele queira é boa quando sua mãe fica contente em satisfazer suas necessidades.

Se um modelo positivo de desejo for estabelecido desde cedo, o bebé crescerá com desejos naturais que se adequarão às suas verdadeiras necessidades. Uma pessoa psicologicamente saudável, na verdade, pode ser definida como alguém cujos desejos realmente produzem felicidade. Mas se a noção oposta for gravada na memória do bebé, ou seja, que seus desejos são vergonhosos e apenas relutantemente satisfeitos, o desejo não se desenvolverá de uma maneira saudável. Em anos posteriores, o adulto continuará a tentar se realizar nas coisas externas, a precisar cada vez mais de poder, dinheiro ou sexo para preencher um vazio que foi criado no seu senso do eu quando bebé; o próprio senso de ser da pessoa é julgado como errado.

Em casos extremos, o desejo se torna tão distorcido que sua necessidade se transforma na necessidade de matar, roubar, cometer violência, e assim por diante. Esses desejos podem causar um dano incalculável, tanto sob o aspecto pessoal quanto social. Entretanto, ninguém é capaz de dizer, ao ver um assassino ou um ladrão, em que ponto seus valores se extraviaram. Para o mago, todos os desejos começam no mesmo lugar, naquele ponto em que a vida simplesmente quer se expressar; é a obstrução ou condenação do desejo que cria o problema. As expressões pouco saudáveis de desejo simplesmente refletem a doença numa psique que precisa desesperadamente conhecer a si mesma, como todos nós precisamos, mas que falhou, pelo menos por enquanto.

Por conseguinte, é de vital importância que você se harmonize com a natureza do seu desejo, que compreenda que no plano divino todos seus desejos estão destinados a se tornarem realidade. Deus não o está impedindo de ter uma coisa ou tudo que você queira. E você que bem no fundo acredita não merecer uma coisa ou tudo. Esse autojulgamento cria bloqueios no fluxo natural da vida, mas tão logo esses impedimentos são removidos, o caminho do desejo transforma-se em alegria, por ser o trajeto mais curto e natural em direção a Deus. Nenhum desejo é trivial, porque cada desejo encerra um significado espiritual. Cada um deles é um pequeno passo em direção ao dia em que você desejará a suprema realização, que é conhecer sua natureza divina.

20- Lição

O maior bem que você pode fazer ao mundo é tornar-se um mago.

Era o último dia que iam passar juntos. Artur postou-se à beira da estrada que o levaria para além da floresta. Olhando por cima do ombro, procurou o atalho de Merlim, mas eleja não estava mais ali. Um denso trecho de floresta crescera da noite para o dia, engolindo o atalho e com ele a clareira que dava para a gruta de cristal. Artur sentiu uma dor aguda, sabendo que essa perda seria sentida por todos os mortais, não apenas por ele.

— Eu não vou voltar, não é mesmo? — perguntou ele.

Merlim, que estava a seu lado, sacudiu a cabeça.

— Não há necessidade. Seu trabalho comigo está terminado.

Duvido que algum dia meu trabalho com você esteja terminado, pensou Artur. Parecia que após todos esses anos de treinamento, ele tinha mais a perguntar a seu mestre do que no dia em que haviam começado. Lendo a mente de seu discípulo, o mago disse:

— Eu queria lhe dar um presente de despedida, e não pude pensar em nada melhor do que isto.

Ele apontou para a estrada que se estendia aos pés deles, que também surgira da noite para o dia.

—As estradas são o sinal do mago. Você já sabia disso?

—Não.

—Lembre-se então do que eu digo. O mago é aquele que ensina indo embora, e quando você também conseguir partir, você será um mago. Embora você possa imaginar que possui uma parte da terra, na verdade você só caminha sobre ela. Em espírito, você é apoeira da estrada, a inquietude do vento. Vocês,

mortais, constroem casas para se proteger do mundo. Para o mago, o lar é o momento presente, e os momentos estão sempre se deslocando...

—Pela estrada do tempo — disse Artur, terminando a frase para ele. Ele conhecia de cor grande parte do que Merlim tinha para ensinar.

—É verdade — concordou Merlim. Ambos ficaram em silêncio. O rapaz espiou com o canto dos olhos para ver se Merlim estava triste, ou pelo menos confuso, com a separação. Ele não estava nem uma coisa nem outra.

—Vejo que você realmente não acredita em mim — disse Merlim. — Mas deixar que você vá embora é de fato o melhor presente que eu posso lhe dar.

E com essas palavras os pés relutantes do rapaz começaram a se mover. Havia uma curva na estrada a cem metros dali, e cada passo que Artur dava adiante parecia modificá-lo um pouco. Os anos que passara com Merlim começaram a se dissolver num sonho, enquanto sua curiosidade com relação ao mundo aumentava.

Quando atingiu a curva na estrada, eleja não podia esperar para ver o que havia em volta. Toda a ação e o desejo de um mundo que nunca conhecera tornaram-se algo do qual ele tinha que participar; seus pés agora estavam voando, ansiosos para sair da floresta. A própria imagem de Merlim começou a desaparecer da sua mente, até que restou apenas uma voz que dizia: "Eu o conduzi aos locais secretos da sua alma, e agora você precisa redescobri-los, só que desta vez sozinho." Num instante, essa voz também desapareceu. O rapaz transpôs a curva, chutou um monte de poeira, e sorriu. De repente ele soube que sempre que visse uma estrada se lembraria de Merlim.

COMPREENDENDO A LIÇÃO

Caminhar por uma estrada é um sinal de desapego, e os magos ensinam que no desapego repousa a verdadeira liberdade. À semelhança do mago, a pessoa livre vive no espírito, e é capaz

de fazer um bem muito maior do que aquele que pode ser feito fora do espírito. Este ponto de vista ainda não é aceitável para a sociedade, porque você, eu e todos que conhecemos fomos condicionados a acreditar que as coisas funcionam de outra maneira. Nós nos apegamos a tudo e acreditamos que é o apego que faz nossa vida funcionar.

Nosso senso de apego começa com nosso relacionamento com a terra. Os mortais, dizem os magos, têm a ilusão de que são donos do mundo ou controlam seu destino. Na visão dos magos, o mundo tem um espírito que supervisiona nosso bem-estar; vivemos abrigados no espírito dele e nos é permitido moldar nosso destino. Mas é impossível possuir ou controlar o espírito.

—Você quer ter o mundo todo, não é verdade? — perguntou Merlim a Artur.

—Não, creio que não — retrucou o menino.

—Oh, você quer, acredite-me. Vocês, mortais, são como uma centelha que um dia vai incendiar um campo inteiro. A centelha parece minúscula, mas ela se propaga a perder de vista.

—Você está querendo dizer que vamos destruir o mundo? — indagou Artur.

—Depende. O espírito não pode ser destruído, e se você vier a se ver como espírito, você se unirá ao espírito desta terra. A alternativa é não tomar conhecimento do espírito, e se você fizer essa opção, não terá respeito pela terra. A dor dela parecerá remota para você.

Merlim apontou para uma grande pedra.

—Dê um chute nela — disse ele. Artur fez o que o mestre mandou.

—Ai — gritou Artur, recuando.

—Curioso — comentou Merlim. — A pedra levou um chute, mas foi você que gritou.

—O que há de curioso nisso? — resmungou Artur, desconfiando de que o mago fizera com que ele chutasse a pedra com mais força do que pretendera.

—Esta foi uma lição sobre o espírito. Quando você chutou a pedra, você feriu a si mesmo. A pedra não protestou, porque a terra nunca reclama. Ela confia no seu espírito. Essa confiança no espírito é o que a terra tem para ensinar a vocês, mortais. Mas

se você ficar com raiva por causa do seu ferimento, que a pedra meramente devolveu a você, você se sentirá tentado a desprezar o espírito. Você terá vontade de esmagar a pedra, destruí-la, e usá-la de alguma maneira, tudo porque aterra é suficientemente dócil para não gritar quando você dá um chute nela.

Faz parte da natureza do espírito não protestar. Você não pode realmente fazer mal ao espírito, e embora os seres humanos tenham infligido um terrível dano à terra, o resultado final é sempre fazermos mal a nós mesmos. Não respeitamos nosso próprio espírito. Olhamos para nós mesmos com medo e raiva.

— Vocês perderam a fé na fé — disse Merlim. — Vocês não mais parecem confiar na confiança.

Isso quer dizer que as qualidades do espírito, que incluem o amor, a fé e a confiança, precisam ser conhecidas e experimentadas antes de poderem ser benéficas.

Quase todas as pessoas lutam contra sua vontade; elas recorrem ao medo e à raiva por sentirem que esses caminhos lhes foram impostos. A disposição de viver em paz depende de não nos deixarmos dirigir por essas energias negativas, e isso só pode acontecer se adorarmos o caminho do mago.

— Se você quiser fazer bem ao mundo, seja completamente altruísta e torne-se um mago — disse Merlim. — Se você quiser fazer bem a si mesmo, seja completamente egoísta mas mesmo assim torne-se um mago.

Isso pode parecer um paradoxo, mas em última análise, todo espírito é espírito. Você caminha sobre a terra como um indivíduo, mas também caminha sobre ela como parte da terra. Por conseguinte, à medida que você recupera a si mesmo, você recupera o mundo.

VIVENDO COM A LIÇÃO

Os magos não nos desestimulam a fazer o bem. Desapego não é sinónimo de indiferença.

— Quando você deparar com o sofrimento, procure aliviá-lo — disse Merlim —, mas certifique-se de que, ao ir embora, o sofrimento não estará grudado em você.

Este conselho está diretamente dirigido à essência da compaixão. A raiz da palavra *compaixão* é "sofrer com", e é assim que quase todos nós a interpretamos. Presumimos que uma pessoa compassiva incorporou o sofrimento de outra, mas se isso fosse verdade, a compaixão dobraria o sofrimento do mundo em vez de aliviá-lo.

A verdadeira compaixão não é negativa. A pessoa é capaz de sentir a dor de outra mas permanece confiante no espírito. A terra se comporta assim conosco. Embora o drama das questões humanas seja representado na palco da terra, e derramemos nosso sangue em seus campos e construamos a riqueza em suas praias, ela permanece desapegada. As florestas, os campos, as praias e as montanhas não aparecem e desaparecem por nossa causa.

Se você não aceitar que a terra tem um espírito, esse desapego transforma-se em indiferença. Em nome da indiferença, a terra está sendo saqueada. Só é possível sentir compaixão pela terra quando unimos nosso espírito ao dela.

O que é preciso para nos unirmos ao espírito da terra? Este livro é uma tentativa de oferecer uma resposta. O caminho do mago começou no mito, na profunda memória da humanidade, quando ainda éramos embalados nas florestas primordiais. Merlim representou então um espírito da natureza de grande magia e poder. Hoje em dia não existem espíritos da natureza porque os mortais decidiram se separar da natureza. O antigo impulso de viver dentro da natureza cedeu espaço ao seu oposto, o impulso de conquistá-la.

Esse impulso se esgotou quase ao ponto do desastre. O retorno à natureza está sendo desesperadamente buscado em toda parte, talvez no último instante. Os magos nunca se separaram da natureza, de modo que eles não têm ao que retornar. Eles esperam para nos acolher com alegria quando retornarmos ao espírito. Seus segredos revelam que, se você quiser se reunir à natureza, o caminho é recuperar sua própria natureza, que é a consciência pura. Não existe nada "lá fora" exceto um espelho do que existe "aqui dentro". Se você quiser ir novamente para casa, compreenda que seu lar é o momento presente.

Através de um processo bastante semelhante, a mente consciente não pode compreender como o universo faz os desejos se tornarem realidade. E exatamente como a pessoa que se esforça para recordar um nome mas não consegue nada, as pessoas se debatem violentamente para satisfazer seus desejos, sem nunca perceber que o esforço é o problema, não a solução. Esses pontos já foram abordados neste livro, mas eu gostaria de reapresentá-los num nível mais profundo. Neste exato momento, você é um mago. Você é perfeito em espírito; você nunca se separou de Deus ou da natureza. Tudo que aconteceu é que, na sua luta para não sentir dor, você começou a bloquear o momento presente. A memória e o desejo encobrem o espírito. Eles o fazem porque há muito tempo você começou a temer pela sua segurança aqui na terra. A insegurança é o motivo pelo qual atacamos a terra, porque se tivéssemos confiança que seríamos alimentados e defendidos, nenhum de nós se mostraria tão histérico com relação à sobrevivência.

— Confie na confiança, tenha fé na fé — disse Merlim. — Essa é a única solução quando você perde a confiança e a fé.

Na nossa essência, cada um de nós é apenas confiança. O ser e o amor também são partes inatas de nós mesmos, mas é a confiança que nos permite respirar com facilidade, aceitar o espírito da terra como sendo nosso. E a técnica que nos permite lembrar disso é tão simples quanto a técnica que usamos para nos lembrar de qualquer outra coisa. Permita-se parar de acreditar que a resposta está no esforço. Aprecie em silêncio a vida que vem ao seu encontro a cada momento. Uma tremenda energia que está oculta no presente acompanha essa silenciosa aceitação, e essa energia encerra abundância, paz, inteligência e criatividade. Essas são as dádivas do silêncio envoltas no espírito da terra.

T E R C E I R A P A R T E

ASSETEETAPAS DA ALQUIMIA

Na época do rei Artur, nenhuma aventura despertava maior paixão do que a procura do Santo Graal. Cada um dos cavaleiros de Artur sonhava em conquistar esse impalpável troféu, que traria a proteção e a bênção de Deus para seu rei. Era comum verse cavaleiros cumprindo penitência para receber uma visão do Graal, e os pintores competiam uns com os outros para tornar cada quadro da Ultima Ceia mais esplêndido do que o anterior.

— É praticamente impossível convencer os mortais de que as buscas nunca são de coisas externas, por mais sagradas que sejam — dissera Merlim certa vez a Artur. Ele se lembrava dessas palavras sempre que a febre do Graal chegava ao auge, o que normalmente acontecia nos longos e sombrios meses do inverno, quando os cavaleiros ficavam entediados e inquietos. Os mais jovens, em particular, estavam eternamente querendo partir em direção à Terra Santa, ao castelo de Monsalvat ou a qualquer lugar, mítico ou real, onde o Graal pudesse estar guardado.

O rei se mantinha à parte desse fervor.

—Se você quiser ir... — dizia ele, a voz diminuindo de intensidade.

—O quê? Você não acredita no Graal? — perguntou impetuosamente Sir Kay. Por ter sido certa vez considerado irmão do rei, antes de Artur ter arrancado a espada da pedra, Kay tomava certas liberdades que ninguém mais ousava tomar.

—Acreditar? Suponho que você teria que dizer que acredito — replicou calmamente Artur —, mas não da maneira como você pensa, e tampouco da maneira que você acredita.

Essa resposta foi por demais sutil para Kay, que mordeu o lábio para não fazer uma pergunta ainda mais insolente.

—O Graal é real, meu senhor? — indagou Galaad num tom bem mais suave.

—Você pergunta como se achasse que eu já o vi — disse Artur.

—Eu mesmo não sei se devo acreditar — replicou Galaad hesitante — mas correm histórias por aí.

—Que tipo de histórias?

—A respeito de Merlim. Dizem que ele trouxe pessoalmente o cálice da Terra Santa, onde ficara guardado em segredo durante muitos séculos.

Artur ponderou por um momento essa observação.

— Como todas as histórias, ela encerra uma parcela de verdade.

A corte se agitou, pois esta era a primeira vez em que o rei admitia ter alguma ligação com o tesouro com o qual todos sonhavam. Mas Artur não tinha mais nada a dizer.

Certa noite, no início da primavera, quando os campos degelavam e junquilhos, não mais compridos do que uma unha, floresciam entre as rosas de Natal que murchavam, uma fogueira podia ser vista a uma grande distância fora dos muros do castelo. Ao redor dela sentavam-se Sir Percival e Sir Galaad, que haviam prometido fazer juntos um retiro santo. Era cedo demais para que esse retiro tivesse lugar no seio da floresta, onde a última neve do inverno ainda se acumulava em montes sujos debaixo da sombra das árvores, de modo que os dois cavaleiros rezavam e jejuavam numa pequena tenda, visível dos aposentos do rei.

—Certa vez confundi meu sonho de conquistar o Graal com uma fantasia fútil — começou Percival. — Todo cavaleiro quer ser o primeiro entre os paladinos, mas durante anos voltei as costas para meu desejo, considerando-o um joguete do meu orgulho. Mas eu lhe digo, Galaad, minha alma arde por essa coisa.

—O rei afirma que o Graal não é uma coisa — lembrou o cavaleiro mais jovem.

—Ele também diz que Merlim o trouxe para a Inglaterra. Você mesmo o ouviu dizer isso, não ouviu?

A voz de Percival soou com uma sugestão de desafio, e Galaad simplesmente fez que sim com a cabeça. Algumas vezes

a prece e a penitência acendiam mais chamas do que apagavam, pensou ele. Certamente Galaad tinha que admitir que compartilhava o crescente desejo de Percival.

—Se alguém está destinado a conquistar o Graal, sem dúvida tem que ser um de nós — disse ele, atirando no fogo alguns galhos secos de aveleira e observando-os flamejar. — Somos o único grupo de cavaleiros que realmente vivem para defender a paz e não apenas para fazer ataques de surpresa nos campos e disseminar o terror. Não sei se meu coração é sufici entemente puro para alcançar o Graal, não sou tão vaidoso ou tolo a ponto de acreditar que ele deva cair nas minhas mãos, mas meu coração sofrerá enquanto eu não tentar.

Naquele momento os dois homens ouviram o ruído de passos rachando a fina camada de gelo que ainda cobria o solo perto deles. Ficaram tensos, esperando que o estranho se identificasse, quando uma voz levemente zombeteira disse:

—Não se assustem, e por favor concedam-me partir em segurança. Preciso de lume, se vocês puderem compartilhar o seu comigo.

Percival olhou para Galaad, e depois disse na escuridão:

—Vá saindo e acenda seu fogo. Isto é um retiro de dois cavaleiros que durante algum tempo não devem ter contato com as impurezas do mundo.

Eles receberam como resposta um riso zombeteiro.

— Acender meu fogo, vocês disseram? E o que farei então.

Antes que essas palavras acabassem de ser ditas, Percival pôs-se de pé assustado, pois o chão debaixo dele se inflamara. Galaad olhou assombrado em volta ao notar que um círculo de fogo agora os rodeava, subindo da terra congelada. Antes que ele pudesse gritar, uma figura alta, macilenta como um velho abeto, atravessou as chamas aproximando-se deles.

—Merlim — disse Galaad, controlando suas emoções. — O que o traz aqui após tanto tempo?

—Sem dúvida não seu amigo insolente — retrucou Merlim, fitando Percival, que tentava manter um mínimo de dignidade possível para um homem que está com o traseiro em chamas. — Sente-se, sente-se — acenou o mago.

Percival sentiu a dor embaraçosa desaparecer, e sentou-se ao lado de Galaad, tendo Merlim à sua frente. Nenhum dos dois

o vira antes, mas a descrição de Artur fora precisa, inclusive a de seus chinelos pretos surrados, de pele de toupeira, bordados com fios de lã.

—Não fique olhando para mim — disse Merlim. — Estou pensando.

—Em quê? — perguntou Percival.

—E não me interrompa — foi tudo que o mago teve a dizer em resposta.

Depois de um instante, sua expressão um tanto dura suavi-zou-se.

— Sim, acredito que você esteja dizendo a verdade. O único problema agora é o que fazer a respeito.

— A verdade sobre o Graal? — perguntou Galaad. — Certamente queremos empreender essa busca.

Merlim examinou-o com um olhar de aprovação.

— Você reconheceu quem eu era sem apresentações tolas, e agora você quase consegue ler minha mente. Bastante promete dor — disse Merlim.

Com sua modéstia natural, Galaad baixou o olhar para o chão, esperando que Percival não ficasse com inveja desse elogio que ele não procurara.

— Seu rei falou acertadamente, você sabe — disse Merlim. — O Graal não é uma coisa que se possa perseguir a cavalo como uma raposa. Ele não é feito de ouro ou pedras preciosas, e, por conseguinte, não traz nenhum benefício a quem o guarde em segredo. E possuí-lo não confere à pessoa a bênção de Deus, o mesmo ocorrendo se a pessoa não possuí-lo.

Percival, que estava ficando cada vez mais agitado, finalmente interrompeu:

— Como você pode dizer isso? O Graal *deve* conferir a bênção de Deus.

Merlim interrompeu-o com um olhar contundente.

—Meu caro palerma, se o mundo todo foi criado por Deus, como poderia qualquer parte dele, por mais remota ou insignificante, ser menos abençoada do que outra?

—Mas existe um Graal, não existe? — perguntou Galaad. — O rei nos disse que você o protege.

Merlim fez que sim com a cabeça.

— Protejo o que não precisa de proteção, oriento a busca que você não pode empreender a lugar nenhum, e no final estarei presente quando você encontrar o Graal, embora você não vá ver nem a mim nem a ele.

Merlim parecia muito feliz com esse enigma e calmamente soltou uma baforada de fumaça pela boca, como se o tabaco já tivesse sido descoberto.

Percival levantou-se de repente.

— Bem, se eu sou o palerma aqui, vou me retirar.

O comportamento de Merlim suavizou-se um pouco.

— Você é o que você é, o que parece muito bom aos olhos de Deus e bastante raro neste mundo sem esperanças — murmurou ele. — Tome seu lugar, por favor.

Percival, ainda um tanto zangado, aquiesceu a esse pedido delicado.

— Não me aproximei de vocês por acaso. Estou aqui para conduzi-los ao Graal — declarou Merlim. — Existe uma regra que não pode ser desobedecida: quando o discípulo está pronto, o mestre aparece. O que vocês desejam saber, eu posso ensinar. Meus primeiros comentários não foram rudes nem místicos. Quero apenas eliminar das suas cabeças quaisquer sonhos erróneos que possam ter com relação ao objeto da sua busca.

Com um movimento da mão, Merlim fez com que o anel de fogo se reduzisse a uma incandescência opaca, e seus traços mal ficaram visíveis à luz das brasas. Os dois cavaleiros o viam basicamente como uma longa sombra coroada de cabelos brancos iluminados pela lua que subia no céu.

—A busca que traz o Graal como prémio não é uma jornada do tipo que os cavaleiros ignorantes anseiam por empreender. Ela é uma jornada interior, uma busca da transformação. Vocês já ouviram falar numa coisa chamada alquimia? — Percival e Galaad inclinaram afirmativamente a cabeça, figuras indistintas esboçadas pela escuridão mais profunda. — A alquimia é a arte da transformação — prosseguiu Merlim — e quando suas sete etapas forem concluídas, somente então, vocês serão capazes de reclamar o Graal.

—Sete etapas? — perguntou Percival. — Então afinal o Graal é feito de ouro, pois eu sei que os alquimistas...

— Sofismas e tolices. Vocês conhecem muito pouco, ou nada, a respeito dessa arte, e no entanto a vêm praticando

diariamente desde o dia em que nasceram — replicou Merlim. — Todo bebé nasce um alquimista, depois deixa escapar a arte, apenas para recuperá-la mais tarde.

Percival compreendeu que o mago iria continuar a recorrer a enigmas se ele insistisse em duvidar dele; por conseguinte, o cavaleiro sabiamente acomodou-se e ficou escutando.

—O maior desperdício da existência — disse Merlim — é o desperdício do espírito. Cada um de vocês, mortais, veio ao mundo para procurar o Graal. Ninguém nasce com mais privilégios do que outro; o mago percebe que todo mundo é criado para alcançar a liberdade e a realização.

—Eu já não sou livre? — indagou Percival.

—No sentido mais simples é, uma vez que você não está sendo mantido prisioneiro de ninguém, mas estou me referindo à liberdade num sentido mais profundo: a habilidade de fazer qualquer coisa que você queira quando bem entender — replicou Merlim. — E existem níveis ainda mais profundos. Como você deve admitir, você é o tempo todo prisioneiro do seu passado, suas lembranças criam o condicionamento que literalmente dirige sua vida. Se você estivesse livre do passado, você poderia ingressar em infinitas possibilidades, rompendo a barreira do conhecido a cada momento. O Graal é apenas uma promessa visível de que essa perfeição existe. Vocês compreendem?

Agora que se entusiasmara pelo assunto, o mago não esperou pelo assentimento deles.

— Eu disse que o caminho em direção à liberdade e à realização encerra sete etapas de alquimia. A primeira etapa começa no nascimento, as seguintes seguem-se na infância, e as restantes são deixadas para vocês. Vocês são sempre protegidos no plano divino, mas à medida que crescem é permitido que sua vontade e seu desejo aumentem. Quando bebés, vocês eram puros bastante para alcançar o Graal, mas muito ignorantes para saber da existência dele. Quando adultos, vocês conhecem a meta, mas já fecharam o caminho que leva até ela. Foi a introdução do livre-arbítrio que fez com que vocês deixassem

escapar o Graal, mas no entanto ele também é o meio pelo qual irão recuperá-lo no final.

Temendo que Percival pudesse começar a apresentar obje-ções, Galaad rapidamente aparteou:

— Você pode nos mostrar as sete etapas?

Merlim deixou que um leve sorriso de entendimento passasse pelos seus lábios antes de inclinar a cabeça em sinal de assentimento.

PRIMEIRA ETAPA - A INOCÊNCIA

— Vocês nasceram num estado de inocência. De todos os ingredientes utilizados pelo alquimista, este é o mais importante. O bebé recém-nascido não questiona sua existência; ele vive na 'auto-aceitação, na confiança e no amor. A voz insistente da dúvida ainda não é ouvida.

"Quando você olha nos olhos de um bebé, você enxerga muito pouca individualidade. A pergunta Quem sou eu? é inexpressiva para um bebé. Em vez disso, o que brilha através dele é a própria consciência, a fonte de toda sabedoria. O bebé vem ao mundo a partir da fonte da vida, e se desliga gradualmente dessa fonte. Durante algum tempo o bebé permanece banhado pelo intemporal. Ele não tem nenhum conceito de passado ou futuro, somente de um presente que se desenrola. É esse o significado de viver na eternidade, pois o que é o eterno senão o momento presente que está sempre se renovando? A própria promessa do Graal, a vida imortal, já é desfrutada pelo bebé, visto que viver no intemporal é o segredo da imortalidade."

—Se isso é verdade — comentou Galaad gravemente —, então por que não somos todos imortais desde que nascemos?

—Sementes e tendências — respondeu Merlim. — Todo bebé tem a tendência de se deslocar do mundo intemporal para o mundo das horas, dias e anos; do silêncio do mundo interior para a atividade do mundo exterior; do envolvimento consigo mesmo para o envolvimento com todas as coisas fascinantes que o cercam. Observe um bebé em suas primeiras semanas de vida.

Você pode ver a atenção dele ser atraída para esse surpreendente mundo novo no qual ele se encontra. E assim começa a alquimia, a constante transformação que sustentará cada alento dele em todos os anos seguintes.

"O bebé não é um anjo, sua pureza tem vida curta. O bebé sente dentro de si as primeiras pontadas de medo, desconfiança e dúvida. Quando o bebé deixa seu estado de inocência, ele emerge num mundo mais duro de pancadas e machucados. Começam a surgir desejos que não são imediatamente satisfeitos; pela primeira vez, a dor é vivenciada.

"Vocês, mortais, chamam isso de descer do estado de graça, mas vocês estão errados. A graça opera em cada passo da existência humana, embora a limitada percepção de vocês possa impedi-los de vê-la."

—Por que essa história triste é semelhante à alquimia? — indagou Percival, ainda sentindo-se cético.

—Porque existe uma magia oculta em funcionamento — respondeu Merlim. — Quando o bebé cresce, sua inocência original não se perde realmente. O que acontece é ainda mais misterioso. A inocência permanece intacta num estado de pureza e totalidade que você simplesmente esquece. Você agora vive em fragmentos. Para você, o mundo é limitado; seu senso do eu está completamente envolvido com as experiências e memórias individuais que você acumulou.

"Ao esquecer a totalidade você pareceu deixar escapar quem você era, mas isso é uma ilusão. Você não sente nem age como um recém-nascido, mas sua essência permanece. Na realidade, a totalidade não pode ser fragmentada; a verdade não pode ser prejudicada pela inverdade. Sua perda de inocência foi um evento real que ao mesmo tempo não encerra nenhuma realidade. As forças da alquimia estão em ação além do que você consegue ver, ouvir ou tocar."

—Como posso ter certeza de que essa inocência está realmente presente? — perguntou Galaad.

—Se você quiser entrar em contato com a inocência que existe dentro de você, procure pelas características do bebé: vivacidade, curiosidade, uma sensação de assombro, a certeza de que você é querido na terra, o sentimento de viver na paz perfeita do intemporal. Todos os bebés sentem essas coisas.

SEGUNDA ETAPA - O NASCIMENTO DO EGO

— A etapa seguinte — continuou Merlim — anuncia a entrada em cena do ego, o senso do "eu". Para ter o "eu", você também precisa ter o "você" ou o "ele". O nascimento do ego é o nascimento da dualidade. Ele marca o início dos opostos e, por conseguinte, o início da oposição. Cada nova etapa na alquimia derruba a anterior, virando seu velho mundo de cabeça para baixo, mas esta revolução é talvez a mais chocante. Você não é mais um Deus!

"Imagine um ser que se sente onipotente neste mundo. Em todos os lugares para onde olha, ele só vê um reflexo de si mesmo. De repente, as pessoas e as coisas começam a ser vistas como criações separadas. Nenhum de vocês se recorda desse evento dilacerador porque ele aconteceu quando vocês ainda eram bem pequenos. No entanto foi uma mudança fundamental, que importou num novo nascimento. Vocês eram felizes como deuses, e agora vocês nascem na mortalidade."

— Foi também um nascimento para a dor — disse Percival.

— Esta etapa era absolutamente necessária?

— Oh, sem dúvida. Sementes e tendências, eu lhes disse. Quando a curiosidade do bebé atrai sua atenção para fora de si, o que ele vê? Primeiro o rosto da mãe. No plano da natureza, o bebé reagirá automaticamente à mãe como uma fonte de amor e carinho. Mas é uma fonte *externa ao bebé em si.* Aí está a armadilha, pois por mais perfeito que seja o amor materno, ele não é o amor por si mesmo, e durante muitos anos vocês irão suspirar a perda do amor perfeito, para um dia compreender que estão com saudades do seu próprio eu antes de qualquer outra pessoa entrar em cena.

"No início não havia separação. Quando o bebé tocava o seio da mãe, o berço ou a parede, todas essas coisas pareciam fazer parte de uma única sensação fluente, indivisa. Logo, contudo, todo bebé passa a perceber que existe outra coisa além dele mesmo, o mundo exterior. O ego diz: Isso sou eu, aquilo não

sou eu. Depois, aos poucos, certas coisas passam a se identificar com o "eu": minha mamãe, meus brinquedos, minha fome, minha dor, minha cama. Assim que surgem as preferências, passa a existir todo um mundo que não sou eu, nem minha mamãe, nem meus brinquedos, e assim por diante."

—Não consigo me lembrar desse nascimento, como você o chama — disse Percival. — Mas se o que você diz é correto, então deve ser aqui que a busca do Graal começou. Onde mais ela poderia começar a não ser na separação?

—É verdade. Enquanto você se sentia divino, não havia necessidade de uma busca para recuperar a bênção de Deus — Merlim concordou. — Na separação, você começou a procurar a si mesmo nos objetos e eventos. Você perdeu a habilidade de ver a si mesmo como a verdadeira fonte de tudo que existe, porque o bebé não estava errado ao se ver como a verdadeira fonte da vida. Quando você começou a explorar o mundo exterior e seus objetos se tornaram fascinantes, você ligou sua felicidade a eles. Isso se chama referência do objeto, que veio substituir a referência a si mesmo do bebé.

—E essa etapa também não foi perdida quando a criança continuou a seguir em frente? — indagou Galaad.

—Nada jamais é perdido. O nascimento do ego deu origem a aspectos que você ainda pode sentir em si mesmo: o medo do abandono, a necessidade de aprovação, a possessividade, a ansiedade da separação, a preocupação consigo mesmo, a autocomiseração. Você se viciou no mundo, e continua viciado até hoje, porque você deixou de ser satisfeito da maneira simples como o bebé o é. Mas não se desespere, porque uma força mais profunda estava em funcionamento debaixo dessas mudanças.

TERCEIRA ETAPA - O NASCIMENTO DO EMPREENDEDOR

— Quando surge o ego — prosseguiu Merlim — você passa a ter um mundo "lá fora", e uma nova tendência emerge, o anseio de sair pelo mundo e fazer realizações. Os primeiros indícios dessa

mudança são primitivos. O bebé quer agarrar as coisas e segurá-las; ele quer fazer sozinho suas explorações, sempre certifican-do-se de que a mãe está por perto. Logo ele quer andar e protesta se sua mãe não permite que ele o faça. Esse desejo de escapar e perambular é tímido no início. Mas com o tempo, o mesmo bebé que ansiava para que o segurassem e o protegessem grita para que o soltem. Trata-se de um instinto saudável, pois o ego sabe que o desconhecido é a fonte do medo. Se o bebé não saísse para conquistar o mundo, ele passaria a temê-lo cada vez mais. "Estamos agora nos afastando cada vez mais da sensação de paz, unidade e confiança com a qual vocês nasceram. O ego começa a dominar o espírito. Quando o bebé se volta para dentro de si para sentir o que existe ali, ele já não mais encontra a consciência pura; em vez disso, encontra um turbilhão de memória. As experiências se tornam pessoais, e nunca serão de novo completamente compartilhadas."

—Outra história triste — lamentou-se Percival.

—Se ela parasse aqui, sem dúvida — disse Merlim. — Mas o nascimento do empreendedor lhe conferiu confiança e a sensação de que você é único. Este mundo de objetos e eventos diz respeito a uma única coisa: a individualização. O ego é necessário para que isso aconteça, pelo menos no caminho que vocês, mortais, escolheram.

—Nem todo mundo é um empreendedor. Essa etapa é realmente necessária? — perguntou Galaad.

—Nem todas as pessoas valorizam o sucesso acima de tudo ou se identificam com o dinheiro, o trabalho e o status — disse Merlim. — Mas o anseio do empreendedor é mais simples, mais básico do que isso. É a marca do ego em ação, provando a si mesmo que a separação é suportável. De fato, o nascimento do empreendedor torna este mundo onde estamos um lugar alegre, cheio de coisas para fazer e aprender. Em algumas pessoas o empreendedor perdura um tempo extremamente longo. A sede da fama e da fortuna sobrepuja o verdadeiro objetivo da busca. Mas Deus permite o total livre-arbítrio, e se a pessoa chega à conclusão que o mundo "lá fora" é mais importante do que ela, o anseio pela fama e pela fortuna segue-se necessariamente.

"O ego, na visão do mago, não oferece nenhuma possibilidade de realização. Ele é controlador e indiferente.'Escute-me',

diz ele, 'e agarre tudo que você puder para você mesmo. Isso é que é felicidade.' Todos vocês, mortais, seguem esse conselho durante algum tempo. Tampouco existe nele qualquer prejuízo do ponto de vista de Deus, porque a confiança Dele no livre-arbítrio vem a ser o caminho mais sábio.

"Dificilmente preciso lhes dizer que essa terceira etapa permanece com vocês, porque enquanto o ego estiver presente, o empreendedor também estará. O empreendedor nunca satisfaz seus apetites. Afinal de contas, não existem limites para as experiências que vocês podem acumular; o mundo é infinito em sua diversidade. Mas à medida que se desenvolve, o ego abafa o espírito com diferentes camadas, de riqueza, poder, auto-imagem, até que uma voz começa a perguntar baixinho: 'Onde está o amor? Onde está o ser?' A quarta etapa, outro nascimento, vem a seguir."

QUARTA ETAPA - O NASCIMENTO DO DOADOR

— Com o tempo o ego descobre uma nova noção — acrescentou Merlim —, ou seja, que a felicidade não repousa apenas em dar mas também em receber. Esta é uma descoberta importantíssima, pois liberta o ego de muitos tipos de medo. Existe o medo do isolamento, ao qual o completo egoísmo necessariamente conduz. Existe o medo da perda, que surge porque vocês não podem se agarrar a tudo para sempre. Existe o medo dos inimigos, aqueles que querem tomar de você.

"Ao tornar-se um doador, o ego não precisa conviver com esses medos, pelo menos não tanto quanto antes. Um problema insistente foi resolvido. Mas também existe algo mais profundo em funcionamento. O ato de dar une duas pessoas, a que dá e a que recebe. Esta união dá origem a uma nova sensação de pertencer; não o pertencer passivo do bebé que automaticamente pertence à mãe, mas o pertencer ativo de alguém que aprendeu a criar a felicidade.

"Dar é criativo, e também vira a perspectiva do ego de cabeça para baixo. Antes de o doador nascer, a proteção contra

a perda era extremamente importante. Isso significava a perda de dinheiro e posses mas também a perda da auto-imagem, a perda da importância. Agora a pessoa abre livremente mão de alguma coisa, mas não *sente* que perdeu alguma coisa. Em vez disso, o ego sente prazer. Isso é impressionante, porque o prazer de tomar nunca foi assim." Galaad parecia pensativo.

—O amor entrou no coração. Essa é a diferença.

—É verdade — disse Merlim. — Enquanto o ego persegue o interesse pessoal, ele não sente amor. Ele pode sentir um intenso prazer, auto-satisfação ou apego. Esses sentimentos são às vezes chamados de amor, mas na natureza o amor é altruísta, e é preciso um ato altruísta para suscitar o amor. Dar não está limitado a dar dinheiro ou coisas para uma outra pessoa. Existe também o serviço, o dar de si mesmo, e a devoção, a mais pura forma de dar amor.

"Por todos esses motivos, o nascimento do doador transmite uma sensação nova e liberadora. Embora o ego ainda esteja no comando, ele começou a olhar para fora de si mesmo. Quase todas as pessoas aprendem o prazer de dar quando bem pequenas; a maioria dos pais ensina os filhos a dividir as coisas com outras crianças. No entanto, o verdadeiro nascimento do doador pode acontecer somente muito mais tarde. Enquanto você estiver dando porque lhe disseram para fazê-lo, ou porque você acha que dar é a coisa correta a ser feita, você não sentirá o profundo prazer de dar. Dar precisa ser espontâneo, nascer do sentimento 'É isso que eu quero fazer', e não 'E isso que eu devo fazer'."

— Quando a pessoa começa a dar, isso é um indício de que o ego está morrendo? — perguntou Percival.

Merlim franziu as sobrancelhas.

— Na alquimia não existe a morte. Nada precisa perecer para alcançar o Graal. Essa antiga noção da morte do ego pressupõe que existam coisas a respeito de vocês que Deus condena.

—Mas você acabou de dizer que o ego é controlador e indiferente — objetou Percival. — Isso faz parte do plano de Deus para nós?

—O plano de Deus é que vocês encontrem a si mesmos — disse Merlim. — Vocês não estão simplesmente destinados a

atingir uma meta predeterminada. Se vocês quiserem explorar como é ser egoísta, ignorante, homicida ou totalmente destituído de fé, Deus permite todas essas experiências. Por que não deveria Ele permitir? Como vocês não são julgados, nenhuma das suas ações é boa ou má aos olhos de Deus.

—Mas isso é chocante — declarou Galaad. — Você está querendo dizer que um assassino e um santo são iguais?

—Eles são iguais se o pecador e o santo forem apenas máscaras que você veste — retrucou Merlim. — O santo nesta vida pode ser o pecador em outra, e o pecador de hoje pode estar aprendendo a ser o santo de amanhã. Todos esses papéis são ilusões aos olhos de Deus. Não estou dizendo que vocês precisam se obrigar a adotar essa perspectiva. Mas vocês me pediram orientação, e preciso lhes mostrar o que está adiante no caminho.

QUINTA ETAPA - O NASCIMENTO DO BUSCADOR

— Durante um longo tempo, o ego teve tudo à sua maneira — continuou Merlim. — A pergunta O que é bom para mim? dominou todas as considerações; o ponto de vista limitado do indivíduo foi o único que pareceu real. Isso é apenas natural. Como eu disse, este mundo relativo tem um objetivo, ensiná-los a se tornarem indivíduos. Mas a individualidade acaba por se abrir e ampliar seus horizontes. Vocês poderiam prever que em virtude do livre-arbítrio, os seres humanos se tornariam cada vez mais egoístas. Se o ego indiferente e controlador tivesse a última palavra, talvez esse fosse seu destino, mas a alquimia trabalha de forma invisível, nas passagens estreitas da alma.

"No devido tempo, o doador dá o passo seguinte e avança em direção ao buscador. Nesta fase, os interesses antigos e familiares do ego são postos de lado. O senso do 'eu' começa a se expandir. Agora a pessoa começa a ansiar por experiências espirituais, sentindo uma fonte de amor e realização que mesmo o mais intenso amor de outra pessoa não é capaz de proporcionar. Uma vez mais, essa reviravolta acontece como um choque.

Em sua melhor expressão, o doador é um filantropo. Ele começou dando apenas para a família e para os amigos, depois para obras de caridade ou para a comunidade, mas no final o espírito de dar só consegue se satisfazer quando todos os seres humanos são beneficiados.

"Mas é realmente possível vocês se darem para todas as outras pessoas do mundo? Esta pergunta os leva ao limite da individualidade; é a pergunta que só um santo pode responder. É natural, portanto, que o estágio de dar levante questões que ele não pode responder, preparando assim o caminho para um novo nascimento. O doador que queria abraçar o mundo agora descobre que o mundo não é mais uma fonte de realização. As coisas que antes lhe proporcionavam prazer começam a parecer monótonas; em particular, a necessidade de aprovação e importância pessoal do ego não mais conferem satisfação. Surge a sede de ver o rosto de Deus, de viver na luz, de explorar o silêncio da consciência pura: o impulso do buscador pode assumir muitas formas.

"E contudo, todos os buscadores compartilham o sentimento de que o mundo material não parece ser o lugar no qual seus desejos podem ser realizados. Por quê? Deus não está em toda parte, o espírito não se encontra no mais minúsculo grão de areia? Sim e não. Deus pode estar em toda parte, mas este fato não lhes traz nenhum benefício se vocês não puderem ver onde Ele está. O buscador procura para poder ver."

—Eu acho que é *nesse* estágio que a busca do Graal começa — declarou Galaad.

—Para alguns mortais, de fato, é então que o Graal se torna um símbolo para uma profunda necessidade interior — replicou Merlim — mas cada estágio foi uma busca, até mesmo a perda da inocência. Vocês, mortais, são obcecados por dividir a realidade em bem e mal, santo e pecador, sublime e não sublime, quando na verdade a vida é um fluxo divino. Um único impulso, o impulso de possuir o completo conhecimento e a completa realização, é que o que faz a vida seguir adiante.

"E, contudo, sob um certo aspecto você está certo. Com o nascimento do buscador, podemos, pela primeira vez, nomear um desejo que até agora não tinha nome. Não importa que o nome seja Deus, o Graal, o Ser divino ou espírito. Todos

apontam em direção a uma vida universal. O mundo parece ser limitado pelo tempo e espaço, mas isso é apenas uma aparência."

—Por que temos que ser enganados pelas aparências? — perguntou Percival.

—O universo não está escondendo nada de nós — respondeu Merlim. — Você não está sendo iludido. A aparência de limitações surge porque este mundo é uma escola, ou campo de treinamento. E a regra básica que existe nele é que você verá o mundo como vê a si mesmo. Se você se vê como carente ou indigno, é esse julgamento que manterá Deus afastado de você. Você poderá dizer que quer Deus, mas ao mesmo tempo deseja conservar dentro de si todas essas críticas que você faz a si mesmo.

—Então Deus permanece afastado — lamentou-se Galaad. — E a busca do Graal torna-se eterna.

Merlim lançou-lhe um olhar complacente.

—O espírito não poderia ficar afastado de você mesmo que ele quisesse, porque tudo é espírito. Não existem lugares secretos onde ele não viva. Deus, na verdade, não vê nada errado em você.

"Quero falar mais a respeito do buscador, pois este é o estágio da alquimia que atrai o mago para vocês, e também é o estágio para o qual os mortais estão menos preparados. Desde que eram bebés, vocês sempre desejaram cada vez mais. O buscador é simplesmente aquele cujos desejos se expandiram tanto que só serão satisfeitos se encontrarem Deus frente a frente. Esse não é um desejo 'mais elevado' do que querer brinquedos, dinheiro, fama ou amor. Os brinquedos, o dinheiro, a fama e o amor *eram* a face de Deus quando eram as coisas mais « importantes para vocês. Qualquer coisa que vocês acreditem que irá lhes conferir a paz e realização finais é sua versão de Deus. A medida que avançam de uma fase para outra, contudo, vocês se aproximam da verdadeira meta; sua imagem de Deus torna-se mais verdadeira, mais próxima da natureza Dele como espírito puro. No entanto, cada etapa é divina."

—Você está dizendo que alguém que queira roubar ou cometer um assassinato está seguindo um impulso divino? Afinal de contas, esses também são desejos — disse Percival.

—O amor é universal, e, por conseguinte, não toma partido — replicou Merlim. — O ego pode não gostar desse fato. Ele pode dizer: "Eu mereço o amor de Deus mas aquela pessoa não merece". Esta não é a perspectiva de Deus. O ladrão inflige a perda da propriedade; o assassino, a perda da vida. Enquanto essas perdas forem reais para você, é claro que você condenará a pessoa que as causou. Mas o tempo também não irá roubar sua propriedade e, no final, sua vida? O tempo também é um criminoso? Existe uma perspectiva que encara o pecado como uma ilusão. Nada que você chame de pecado pode macular, mesmo que infimamente, o amor de Deus.

—Os buscadores alcançam automaticamente as visões e experiências que desejam? — indagou Galaad.

—Todo mundo obtém a versão do divino que concebe na mente. Alguns vêem Deus em visões, outros numa flor. Existem muitos tipos de buscadores. Alguns exigem atos de intervenção e redenção milagrosos, outros seguem uma força invisível que se manifesta nas mais mundanas ocorrências. O buscador é simplesmente motivado pela sede de uma realidade superior. Isso não significa que o estágio anterior de dar desapareça. Mas o dar agora é realizado sem uma motivação egoísta, ele é feito com compaixão.

"Pela primeira vez a exigência do ego de ser onisciente e todo-poderoso é questionada. Por conseguinte, o nascimento do buscador pode ser extremamente turbulento. Imagine-se como uma carruagem conduzida por uma estrada por uma parelha de cavalos. Durante um longo período de tempo, não existe um cocheiro, e os cavalos vieram a acreditar que são os donos da carruagem. Então, um dia, uma voz suave, vinda de dentro da carruagem, sussurra: 'Parem'. No início, os cavalos não escutam a voz, mas ela repete: 'Parem'. Incapazes de acreditar no que estão ouvindo, os cavalos avançam ainda mais impetuosamente, apenas para provar que não têm um amo. A voz interior não emprega a força; ela não protesta. Apenas continua a repetir: 'Parem'.

"É isso que acontece dentro de vocês. A carruagem é seu eu total, os cavalos o ego, a voz dentro da carruagem o espírito. Quando este último proclama sua entrada em cena, o ego

inicialmente não escuta, porque está certo de que seu poder é absoluto. Mas o espírito não utiliza o tipo de poder ao qual o ego está acostumado. O ego está habituado a rejeitar as coisas; está acostumado a julgar, separar e tomar o que ele acha que lhe pertence. O espírito é simplesmente a voz mais tranquila do Ser, asseverando o que é. Com o nascimento do buscador, essa é a voz que vocês começam a ouvir, mas vocês precisam estar preparados para uma violenta reação do ego, que, afinal de contas, não vai entregar o poder sem lutar."

—Como essa luta chega ao fim se o espírito não tem poder? — perguntou Percival.

—Eu disse que o espírito não utiliza o poder da maneira como o ego está habituado. Com o tempo, vocês aprenderão que o espírito é apenas poder, um poder de alcance infinito. Ele é um poder organizador que mantém cada átomo no universo em perfeito equilíbrio. Comparado com ele, o poder do ego é absurdamente limitado e insignificante. Não obstante, vocês só compreenderão isso depois de terem renunciado à necessidade do ego de controlar, predizer e defender. O poder do ego se limita a essas três coisas. Se o ego pudesse renunciar às três ao mesmo tempo, não haveria necessidade de outras etapas de crescimento; o nascimento do buscador seria suficiente.

"Entretanto, este não é o caso. A voz do espírito anuncia que existe uma realidade mais elevada. Ascender a essa realidade é outra questão."

—Isso me faz pensar que os buscadores devem ser raros, considerando-se como é árdua a luta — declarou Galaad. — Muitos devem fracassar e perder a esperança. É por isso que tão poucos nascem para alcançar o Graal?

—Todos nascem para alcançar o Graal — lembrou-lhe Merlim. — O motivo pelo qual os buscadores parecem raros é basicamente uma questão de aparências sociais. A busca é uma experiência completamente interior. E impossível dizer, a partir de indícios externos, quem está buscando e quem não está. A sociedade não oferece distinções ou recompensas especiais para o buscador, que poderá inclusive se retirar ao total isolamento, deixando a sociedade para trás, ou, por outro lado, continuar a viver a vida numa posição elevada.

—Como a pessoa saberá que é um buscador? — indagou Percival.

—As marcas internas do buscador são as seguintes: o dar passa a ser motivado pelo amor altruísta e pela compaixão, sem desejar nada em troca, nem mesmo gratidão; a intuição torna-se um guia fidedigno para a ação, substituindo a rígida racionalidade; a pessoa vislumbra lampejos de um mundo invisível como a realidade superior; surgem sugestões de Deus e da imortalidade. Esses indícios se farão acompanhar de um crescente gosto pela solidão, da autoconfiança em vez da necessidade de aprovação social, da atividade do Ser e de uma disposição para confiar. Os padrões de hábito começarão a desaparecer. A meditação e a prece tornam-se parte da vida cotidiana. E no entanto, ao mesmo tempo em que todas essas manifestações espirituais os afastam do mundo material, vocês sentirão, paradoxalmente, uma maior ligação com a natureza, mais conforto no corpo e uma maior aceitação das outras pessoas. Isso acontece porque o espírito não é o oposto da matéria. O espírito é tudo, e o surgimento dele na sua vida tornará as coisas melhores, até mesmo coisas que parecem ser opostas.

SEXTA ETAPA - O NASCIMENTO DO OBSERVADOR

— Eu lhes disse — prosseguiu Merlim — que a motivação do buscador era ser capaz de ver, e isso logo emerge. A sexta etapa, o nascimento do observador, está logo abaixo da superfície de qualquer buscador. A busca por si só não encerra nenhuma realização; a vida seria seca e frustrante se vocês buscassem e nada encontrassem. Afortunadamente, no plano divino, todas as perguntas trazem consigo suas respostas, todas as metas vêm a ser encontradas na origem. Tão logo você verdadeiramente pergunte Onde está Deus? você verá a resposta.

"Não quero iludi-los aqui. O nascimento do observador é tão revolucionário quanto qualquer um dos anteriores. Ele significa a extinção do ego, a extinção de toda identificação externa.

Imaginem que sua vida é um filme projetado sobre uma tela em branco. Enquanto estiverem dominados pelo ego, vocês se concentrarão nas imagens que se movem e as considerarão reais. Quando o observador entra em cena, vocês começam a perceber a irrealidade delas. Mas com o nascimento do observador, vocês se voltam e olham para a luz. A auto-imagem agora é vista pelo que ela é, uma insignificante projeção transformada em realidade pela necessidade desesperada do ego de atribuir importância à mente e ao corpo restringidos pelo tempo.

"O observador enxerga através dessa motivação e não mais se deixa influenciar por ela. Em vez de verem a si mesmos como carne e osso abrigando um espírito, um fantasma dentro de uma máquina, vocês compreendem que tudo é espírito. O corpo é espírito amalgamado numa forma que os sentidos podem sentir, ver e cheirar; a mente é o espírito numa forma que pode ser ouvida e compreendida. O espírito, em sua forma pura, não é nenhuma dessas coisas e só pode ser percebido pela intuição refinada. Certamente vocês já ouviram a frase: 'Aqueles que O conhecem não falam Dele; aqueles que falam Dele não O conhecem.' Esse é o mistério do espírito."

—Mas você não está falando Dele neste exato momento? — perguntou Galaad, parecendo confuso.

—Não da maneira que você possa pensar. Quando falo sobre uma rocha, você pode vê-la e tocá-la. Quando falo do espírito, estou apontando em direção a um mundo invisível. Setas de luz voam desse mundo em direção a nós para inflamar nossas almas, mas não podemos mandar de volta setas de pensamento.

—Isso parece muito misterioso — murmurou Percival.

—A rosa seria misteriosa se você só pudesse pensar nela e nunca experimentá-la. O espírito é uma experiência direta, mas ele transcende este mundo. Ele é o silêncio puro combinando-se ao potencial infinito. Quando você obtém o conhecimento de qualquer outra coisa, você obtém o conhecimento de alguma coisa; quando você obtém o conhecimento do espírito, você se torna o próprio conhecimento. Todas as perguntas cessam porque você dá consigo no útero da realidade, onde tudo simplesmente *é.* Quando o olhar do observador cai sobre alguma coisa, esta é simplesmente aceita pelo que ela é, sem ser julgada.

Não existe uma necessidade do ego de tomar, possuir ou destruir. Na ausência do medo, essas motivações não se manifestam, porque a necessidade de possuir nasce da falta. Quando você não tem nenhuma carência a preencher, simplesmente estar aqui neste mundo, em seu corpo, é a mais elevada meta espiritual que você possivelmente poderia alcançar.

Percival e Galaad ficaram muito impressionados com essa parte do discurso de Merlim. Eles haviam seguido as primeiras etapas com atenção, mas o ego, o empreendedor e o doador já lhes eram familiares. Quando o mago falou sobre o buscador, os dois cavaleiros viram a si mesmos como eram naquele momento. O observador, contudo, encheu-os de admiração, como se fossem exploradores chegando ao topo de uma montanha e examinando um novo e vasto horizonte há muito esperado porém ainda não experimentado.

— Eu quero ser esse observador do qual você fala — declarou ardentemente Galaad.

Merlim concordou com a cabeça.

— O que significa que você está pronto para isso. Para o mago só existem três tipos de pessoas: aquelas que ainda não vivenciaram o Ser puro, aquelas que o experimentaram, e aquelas que o exploraram completamente. Você o experimentou e agora deseja explorá-lo. Para você este mundo começará a desaparecer como uma coisa sólida e a retroceder na luz esma gadora do Ser. Numa terra distante chamada índia, as pessoas dizem que a vida comum se torna pálida diante de Deus, como a vela que parecia brilhar num quarto escuro mas se torna invisível quando trazida para o sol do meio-dia. — Ele se voltou para Percival. — E eu o estou incluindo também neste estágio, não importa como você possa imaginar que eu o julguei.

Percival ficou vermelho e depois gaguejou:

— Como será essa nova vida?

— Como sempre, ela parecerá um novo nascimento. O observador difere do buscador por não mais ter que selecionar e escolher. O buscador ainda está envolvido numa ilusão quando sai por aí dizendo: "Deus está aqui, Deus não está aqui". O observador, por outro lado, vê Deus na própria vida. A longa guerra interior finalmente terminou, e o descanso chega para o

guerreiro. Em lugar da luta, você vivência todos seus desejos se tornarem realidade naturalmente e sem esforço. Não existem sinais externos que definam quem são os observadores entre nós, mas interiormente eles se sentem abertos e satisfeitos, eles permitem que os outros sejam quem querem ser, que é a forma mais elevada de amor, não colocam empecilhos às outras pessoas e aos acontecimentos, e abandonaram totalmente o senso egoísta do "eu".

SÉTIMA ETAPA - O ESPÍRITO

— E difícil imaginar que pudesse haver um estágio mais elevado na vida — comentou Galaad após um momento, profundamente tocado pela descrição do observador.

—Tenha cuidado com a expressão *mais elevado* — advertiu Merlim. — E o ego que deve se preocupar com o superior e o inferior. A meta da sua vida é a liberdade e a realização. A realização só é alcançada quando você passa a conhecer Deus tão completamente quanto Ele conhece a Ele mesmo. Vocês, mortais, estão sempre ansiosos por milagres, e eu lhes digo que o maior milagre são vocês mesmos, pois Deus lhes concedeu essa habilidade única de se identificarem com a natureza Dele. Uma rosa perfeita não sente que é uma rosa; um ser humano realizado sabe o que significa ser divino.

—Esse estado pode ser descrito? — indagou Percival.

—Ele é a sétima e última etapa da alquimia, o espírito puro. Quando ele surge, o observador descobre que o que parece ser a alegria e realização totais ainda podem se expandir. Veja bem, chegar à presença de Deus não é o final da sua busca e sim o início. Você começou na inocência, e nela você irá terminar. Mas dessa vez a inocência é diferente, porque você obteve o conhecimento completo, ao passo que o bebé só tem sentimento.

"Quando vocês forem capazes de se verem como espírito, sua identificação com o corpo e a mente deixará de existir. Ao mesmo tempo, o conceito de nascimento e morte também cessará. Vocês serão uma célula no corpo do universo, e esse

corpo cósmico será tão íntimo de vocês quanto seu corpo o é para vocês agora. Isso é o mais próximo que eu consigo chegar de como um mago sente, pois *mago é* apenas uma outra palavra para o sétimo estágio.

"Entendam o seguinte: para o mago, o nascimento é meramente a ideia de que 'eu tenho este corpo', e a morte é apenas a ideia de que 'eu não tenho mais este corpo'. Como os magos não estão sujeitos à ilusão do nascimento, qualquer corpo que eles assumam é visto apenas como um padrão de energia, qualquer mente como um padrão de informação. Esses padrões estão em eterna transformação; eles vêm e vão. Mas o mago está além da mudança. A mente e o corpo são como quartos nos quais a pessoa escolhe viver, mas não o tempo todo.

"Nenhuma quantidade de pensamento ou sentimento pode aproximar ou trazer a vocês esse estado. O espírito nasce do silêncio puro. O diálogo interno da mente precisa terminar e nunca mais recomeçar, porque aquilo que deu origem ao diálogo interior, a fragmentação do eu, não está mais presente. Seu eu será unificado, e à semelhança do bebé que foi seu início, vocês não sentirão nenhuma dúvida, vergonha ou culpa. A necessidade de dualidade do ego gerou um mundo de bem e mal, certo e errado, luz e sombra. Agora vocês verão que esses opostos se mesclam. Essa é a perspectiva de Deus, porque onde quer que Ele olhe, tudo que Ele vê é Ele mesmo.

"Se vocês sentirem que esta meta é excessivamente grandiosa ou distante, eis um segredo. Embora vocês tenham a impressão de que passam pelas sete etapas da alquimia, cada uma delas esteve presente desde o início. Na inocência estava a totalidade de Deus, como ela está no ego, na realização, na doação ou na busca. Tudo que realmente mudou foi o foco da sua atenção. Em seu ser encontra-se cada aspecto do universo, tão completo e eterno quanto o próprio universo. Mas mesmo assim o nascimento no espírito é um acontecimento tremendo. A medida que a unidade for amadurecendo, vocês se tornarão cada vez mais familiarizados com o divino, até que finalmente vivenciarão Deus como um ser infinito que se desloca a uma velocidade infinita através de dimensões infinitas. Quando essa impressionante experiência tiver lugar, ela parecerá tão simples e natural

quanto se sentar aqui debaixo das estrelas, só que cada estrela dançante será vocês mesmos."

Como frequentemente acontece quando os magos falam, os dois cavaleiros se sentiram transportados para o estado que ele estava descrevendo. Galaad ergueu a vista para o céu noturno e teve de repente a impressão de que podia tocar nas estrelas. Uma sensação de verdadeiramente pertencer ao mundo inundou seu coração.

—Estamos em casa — Percival sussurrou para si mesmo.

—Não se impressionem demais — murmurou Merlim. — Esses sentimentos possuem essa intensidade porque são novos para vocês. Na verdade, este é o estado natural de vocês. Estarem unidos ao cosmo, serem íntimos de todas as formas de vida, e finalmente alcançarem a união com seu próprio Ser, este é seu destino, o final da sua busca.

—No final voltaremos ao início — murmurou Galaad.

—Sim — disse Merlim. — Cada um de vocês começa com amor, passa pela luta, paixão e sofrimento, terminando novamente no amor.

A voz de Merlim ficou mais suave enquanto o círculo de luz ao redor deles praticamente se extinguia.

— Vocês, mortais, anseiam por milagres, digo eu, e na qualidade de filhos privilegiados do universo, nada lhes será negado. O espírito é o estado do milagroso, que se desenrolará em três estágios:

'''Primeiro, vocês vivenciarão milagres no estado chamado consciência cósmica. Cada evento material terá uma causa espiritual. Cada acontecimento local também estará acontecendo no palco do universo. Seu menor desejo fará com que as forças cósmicas o tornem realidade. Por mais maravilhoso que isso possa parecer, esse não é um estado muito adiantado, porque muito antes de alcançarem a consciência cósmica, vocês estarão acostumados a ver seus desejos espontaneamente se tornarem realidade.

"Segundo, vocês realizarão milagres no estado denominado consciência cósmica. Este é o estado de criatividade pura, no qual vocês se mesclam com o poder de Deus, por meio do qual Ele cria os mundos e tudo que acontece nesses mundos. Esse

poder não tem origem em nada que Deus faz, ele é apenas Sua luz de consciência. Como um brilho rico e dourado, vocês verão a consciência divina reluzindo através de tudo que seus olhos contemplam. O mundo ilumina-se a partir do interior, e não existe nenhuma dúvida de que a matéria é simplesmente o espírito manifestado. Na consciência divina, vocês se verão como aquele que cria, não o que é criado, o que dá a vida, não o que recebe.

"Terceiro, vocês se tornarão o milagre, no estado conhecido como consciência de unidade. Agora, qualquer distinção entre o que cria e o que é criado desapareceu. O espírito dentro de vocês se incorpora ao espírito de tudo o mais. O retorno de vocês à inocência é todo-abrangente, porque, à semelhança do bebé que toca a parede ou o berço e só sente a si mesmo, vocês verão cada ação como o espírito derramando-se sobre o espírito. Vocês viverão num completo conhecimento e confiança. E embora ainda pareçam morar num corpo, ele será apenas um grão de Ser nas praias do oceano infinito de Ser que são vocês mesmos."

Os dois cavaleiros não tinham ideia do tempo que Merlim levara fazendo essa exposição. Eles tinham a impressão de terem sido erguidos num espaço no qual esferas de Ser se abriam uma depois da outra como as pétalas de uma flor. E quando a última se abriu, um diamante quase transparente, que mal podia ser visto, girava no centro. "O que é isso?" Galaad teve vontade de perguntar, mas não ousou fazê-lo.

— *Contemplem o Graal* — sussurrou Merlim. — O desabro
char da sua busca conduziu a uma visão da meta, o ponto de pura luz, a essência do diamante que arde dentro da sua alma.

Os dois cavaleiros se ajoelharam no chão frio e rezaram em seus corações pedindo para merecer a visão.

—Vivam em devoção a este momento — disse Merlim. — Eu os trouxe aqui por causa do seu mais íntimo desejo, mas agora vocês mesmos precisam conquistar o verdadeiro Graal, e não apenas a visão dele.

—O verdadeiro Graal? — murmurou Percival. — O que devemos procurar, esta mesma imagem?

—Não esperem nem antevejam — advertiu Merlim enquanto a visão do Graal começava a desaparecer. O homem vai em

busca de símbolos, e os símbolos mudam a cada época. Mas o que lhes mostrei não foi um símbolo, e sim a verdade. O Graal é a partícula de cristal do Ser no coração de vocês. Ela reflete sutilmente a luz em suas facetas, e desses reflexos sutis surgem todas as faculdades da mente e do corpo que vocês percebem com seus sentidos. Como reflexos, eles são reais, mas muito mais real é esse diamante transparente de puro Ser.

Inesperadamente, Merlim bocejou, inclinando a cabeça para trás como se esse fosse o ato mais agradável do mundo. Ele estendeu os braços bem abertos e se levantou. Estava agora quase escuro como breu, o fogo havia se apagado completamente, mas Percival e Galaad podiam sentir o olhar de Merlim fixo sobre eles. Ele disse:

— Um dia vocês olharão para trás, para esta noite, e pergun tarão: "Quem é você, Merlim?" Além da esfera do tempo, assim responderei: Sou aquele que não precisa de milagres. Sou um mago, e o fato de eu estar aqui é um milagre suficiente. O que poderia ser mais milagroso do que a própria vida?

Com a luz que se extinguia, o velho desapareceu. Percival e Galaad permaneceram imóveis, sem emitir um som. O fascínio da fala de Merlim ainda tomava conta deles, e quando ele começou a diminuir, ambos tremeram, lamentando terem que voltar à terra. Ao amanhecer, iniciaram o retorno ao castelo. A luz dourada do sol, Percival avistou o rei Artur de pé, na janela de seus aposentos reais; ele estava olhando diretamente para eles.

—Você acha que devemos falar com ele sobre o que aconteceu? — perguntou Percival, fazendo um gesto em direção ao castelo.

Galaad sacudiu negativamente a cabeça.

—Estou certo de que o rei sabe o que aconteceu; deve ter acontecido a ele, ou por que outro motivo ele estaria tão relutante em falar sobre o Graal? Mas quero lhe dizer uma coisa, Irmão Cavaleiro. Eu gostaria que Artur compreendesse que estamos com ele e Merlim nessa busca. Vamos chamar esta noite de noite da gruta de cristal. O rei saberá ao que estamos nos referindo.

E embora eles não tivessem estado numa gruta e sim debaixo do dossel de um céu estrelado, Percival concordou instantaneamente com a sugestão de Galaad.